

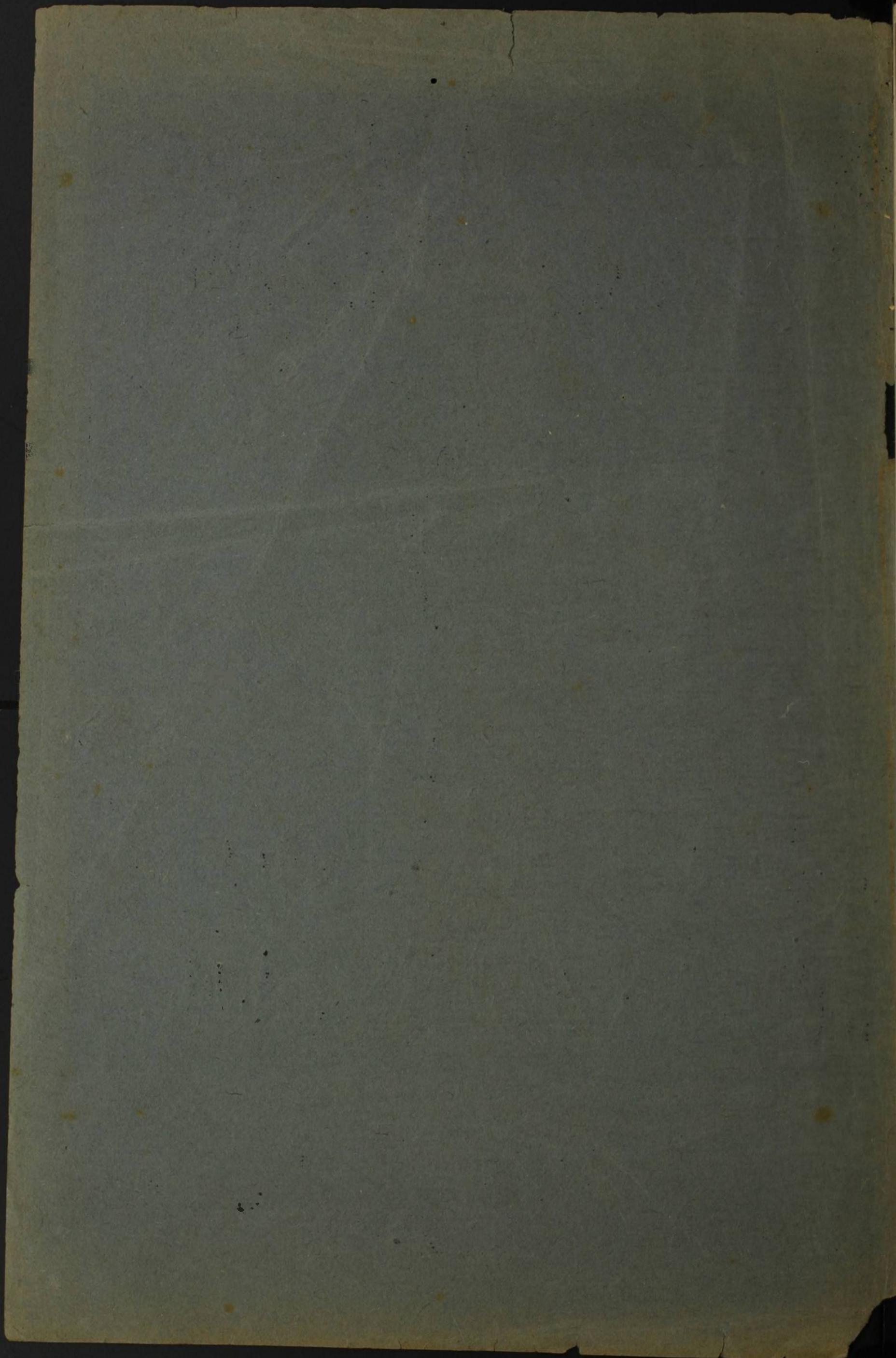


Anselm
22

ANNO I

ARVORE NOVA

NUM. 1



A CARIDADE é a filha dilecta de Deus.

DEUS sò abençôa aos que a praticam, espalhando o Bem pela terra, em socorro dos que soffrem.

Quantos sêres infelizes, neste plano, muitos pagando a culpa dos que erraram!

Vòs, que tendes filhos, e filhos pequeninos, e que amae ao proximo como a vós mesmo, não deixeis ao desamparo esses pobres entezinhos internados no **Asylo de Nossa Senhora de Pompeia**.

Esse pio estabelecimento é o refugio odde os filhos dos que cumprem pena no carcere encontram amparo. E sem a vossa protecção, ahmas generosas!, que será d'elles?!

Elles vos estendem suas mãozinhas supplices e innocentes. Olhae-os...

Dae aos pobrezinhos: Deus vos abençôarê.

Enviae donativos ao Asylo de Nossa Senhora de Pompeia

Januario Basile

— ALFAIATE —
18, Rua Rodrigo Silva, 18 — Sobrado
Esquina da Rua Assembléa
Teleph. 1058 Central — RIO DE JANEIRO

CASA OCTAVIO

PAPEIS PINTADOS
NACIONAES E ESTRANGEIROS

-- Tekko -- Couros -- Lincrusta -- Vitraux --
Baguetas douradas, etc., etc.

IMPORTAÇÃO DIRECTA

60, RUA DOS OURIVES, 60

TELEPHONE NORTE 4030
RIO DE JANEIRO

Mensageiro Urbano

Telephone CENTRAL 3131
GALERIA CRUZEIRO

PREPARADO PHARMACEUTICO DE ORLANDO RANGEL

O MAIOR TONICO DA FADIGA
NERVOSA, DA FADIGA
CEREBRAL, DA
SURMENAGE
EM GERAL.

KOLATENO

E' o summum dos principios activos da Noz de Kola Fresca, a que se acham associados o Malte e o Phosphato de Sodio.

Dóses: 2 a 4 colheres das de chá por dia, puras ou diluidas em meio calice d'agua

Depositarios: RANGEL COSTA & C.

83, RUA DA ASSEMBLÉA, 85 — Rio de Janeiro

BANCO HYPOTHECARIO DO BRASIL

50 — AVENIDA RIO BRANCO — 50

— RIO DE JANEIRO —

CAIXA DO CORREIO: 268 TELEPHONE: NORTE 2320

Depositos em (contas correntes á vista e a prazo)

Operações Bancarias Geraes — Hypothecas

Os mais chics chapéus de
Senhoras são encontrados na

Casa Castro

RUA URUGUAYANA, 11
RIO DE JANEIRO

Pastex

Tintura de Agua Fria

Producto inteiramente inglez.

Não se deve ferver.

Vende-se nas boas casas de armarinho.

"PASTEX" restaura qualquer artigo de seda, lã ou algodão, e dá novas cores suaves á roupa branca. É indispensavel para a renovação de bluzas, meias, luvas e demais peças do vestuario.

Economia e "PASTEX" são synonymos: porque o "PASTEX", por um preço ao alcance de todos, dá nova feição á roupa e demais pertences de rouparia. Economia significa «boa ordem no governo e na administração da casa», e o resultado do uso do "PASTEX" é uma expressão económica.



"PASTEX" é inglez; está dito tudo.

PARC ROYAL

MODAS DE INVERNO

PARA SENHORAS — PARA HOMENS — PARA CRIANÇAS

ULTIMAS CREAÇÕES PARISIENSES a preços convidativos

PARC ROYAL

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

"STELLA"

Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres

Séde : Rua Silva Jardim, 16

Caixa do Correio 1243 Teleph. Central 5383

Endereço Telegraphico "COSTELLA"

RIO DE JANEIRO

CAPITAL

RS. 1.000:000\$000

REALISADO

RS. 500:000\$000

DEPOSITO NO THESOURO

200:000\$000

DIRECTORES

Oscar Rudge Leonidas Garcia Rosa

CONSELHO FISCAL

Dr. Raul dos G. Bonjean

Octavio Correia Dias

Enelydes Nascimento

Agentes em todos os Estados e
principaes Cidades

Por todo este mez.

APPARECERA'

Um livro sensacional
em torno de outro
livro sensacional

ILLUSÃO

— de —

Angelo Guido

Ensaio critico sobre "A Esthetica da
Vida"

Edição da "Agencia Novidades"

Rua Santo Antonio, 15

SANTOS

ALUETINA

Injecção intramuscular indolor de Cyaneto de Mercurio
As injeccões devem ser intramusculares

São surprehendentes os resultados da ALUETINA na SYPHILIS CERE-
BRAL, VISCERAL, OPHTALMICA, etc., em que se precisa agir depressa, mer-
curialisando intensivamente o doente. O exito do tratamento da SYPHILIS
depende da escolha de uma bôa preparação mercurial.

Empôlas de 1 cc. com 1 centigr. e 2 cc. com 2 centigrs.

ADVOGA

Drs. Arthur Vieira Peixoto e

Americo Ribeiro de Araujo

Escrptorio:

Rua do Rosario, 172 - 1º andar

TELEPHONE NORTE 4975

Acceptam causas no civil, no crime
e commercial.

NESTA CAPITAL E NOS ESTADOS

"Editora Carioca"
Typographia e Papelaria

Executa-se todo e qualquer
trabalho typographico, como sejam
livros, folhetos, revistas, etc.

J. Ferreira da Costa

R. Visconde Rio Branco, 35

Telephone 2557 Central

RIO DE JANEIRO

ARVORE NOVA

EXPEDIENTE

ARVORE NOVA

REVISTA DO MOVIMENTO CULTURAL DO BRASIL

Redacção e Administração

RUA DOS OURIVES, 29 - 2.º andar — Telephone Norte 1756

Director-Gerente: SYLVIO PEIXOTO

Assignaturas:

NA CAPITAL:

Anno	12\$000
Semestre	6\$000
Numero avulso	1\$000
Numero atrazado	2\$000

NOS ESTADOS:

Anno	18\$000
Semestre	9\$000
Numero avulso	1\$500

EXTERIOR:

Anno	24\$000
Semestre	12\$000
Numero avulso	2\$000

Annuncios e demais publicações mediante prévia combinação

ARVORE NOVA só publica ineditos

AGENTE CENTRAL:

FRANCISCO SCHETTINO

RUA SACHET, 18 - sobrado -- Rio de Janeiro

SUMMARIO:

- «O Eleito» Cecilia Meirelles
- «Nestor Victor» Tasso da Silveira
- «A oração do homem» Mario Ferreira
- «Felicidade» Ildefonso Falcão
- «Noticia sobre a Ilusão» Onestaldo Penafort
- «A literatura dramatica na America Pre-colombiana» Sergio Buarque de Hollanda
- «A montanha de luz» Rubens de Ajax
- «Tela orijinal» Carlos de Vasconcelos
- «Castellos na areia» Olegario Marianno
- «America» Moacyr de Almeida
- «O elogio da vida» Affonso de Carvalho
- «Las Multitudes» (Versão do E. B. y Balivian) Tasso da Silveira
- «A eterna anecdota» Alvaro Moreyra
- «El mar» (Versão de Angelica Ferraria, Faria Neves Sobrinho)
- «Um caso...» Gilberto de Andrade
- «Ballada do poeta morto» Rodrigo Junior

- «Por um silencio de lua...» Murillo Araújo
- «O crime» (De uma novella) Julius Marcos
- «Os varios modos de aprender» (Tradução) E. Wasmann
- «A pagina de dedicatoria» P. C.
- «Confidencias...» Paulino de Brito Filho
- «Um fusain notavel» Carlos Rubens
- «Defesa moral» Horacio Fortes
- «Livros...» A. M.
- «Cidade das azas» Figueiredo Pimentel 3º
- «Offerenda a Murillo Araújo» Carlos Frederico
- «Revolvendo um archivo...» Sylvio Peixoto
- «Wiener Philharmoniker» Andrade Muricy
- «As tres adaptações» Pontes de Miranda
- «Murmúrio d'agua» Mannel Bandeira
- «As duas mascaras» Peregrino Junior
- «Idolos de Barro...» Nilo Bruzzi
- «Ultimo olhar» Ramiro Gonçalves

Varias notas e commentarios

Rio de Janeiro, Agosto de 1922.

ARVORE NOVA

ANNO I

Directores :

Rocha de Andrade e Tasso da Silveira

NUM. 1



O Eleito

Por CECILIA MEIRELLES

Pois lá longe, muito longe, lá onde o mundo começa, começava também uma profunda floresta, muda e impressionante como um tumulto cheio de creaturas vivas.

A' entrada dessa floresta, numa caverna aberta na rocha, vivia o velho Orso, o homem miraculoso, dono da luz, aquelle a quem recorriam os peregrinos antes de se perderem no desesperante negrume da selva . . . Aquelle a quem recorriam muitos peregrinos; porque alguns iam para a floresta sem dar pela caverna e pelo velho; e eram como os que nunca suspeitaram ou não acreditaram nunca na existencia do homem miraculoso, dono da luz.

Orso era grande, e esqualido, o pontifical, como um pinheiro do Norte, de mãos postas para as estrellas.

Diziam-n'o surdo-mudo, porque nunca falou e parece que nunca ouviu. Mas aquelles seus olhos abysmaes, aquelles seus olhos propheticos, eram olhos de quem não queria falar nem ouvir, para não agitar a serenidade dos firmamentos immoveis, que ficam para lá de tudo quanto se ouve . . . de tudo quanto se diz . . .

Orso era dono da luz.

E, quando algum viajante, que se arriscava a atravessar a selva, ia procura-lo para pedir-lhe dom que illuminar o caminho, elle, sem perguntar nem responder, enchia de luz uma certa medida, e entregava-lh'a, indifferente e machinalmente.

Ora, succedia receberem uns a medida mais repleta que outros.

E os que ganhavam menos, reclamavam, e censuravam inutilmente o velho, enchendo os ares do celeuma e gestos.

E no sombrio mysterio da floresta havia disputas e desavenças e crimes, porque os que recebiam pouco invejavam os que recebiam muito, e estes desejavam ter recebido mais . . .

Desse modo, ninguém caminhava, e era tudo desordem, e era tudo desgraça, e as flores não se abriam, de medo, e as serpentes fugiam pelas arvores acima, e as aves todas, debandavam assustadas para as nuvens . . .

Mas á entrada da floresta, Orso continuava a distribuir indifferente e machinalmente as medidas . . .

Vinham os pobres, com o bordão muito torto e as pernas cobertas de ulceras, e as barbas, e os andrajos . . . Orso dava-lhes o seu quinhão de luz, e elles se iam, bendizendo, louvando e derramando lagrimas. Vinham as crianças, de pésinhos descalços e borboletas azues nos olhos; Orso media-lhes o seu quinhão, e as crianças partiam dançando . . .

Mas, quando vinham morosamente os reis, com sequitos interminaveis, arrastando todo o ouro e pedraria da terra, — e Orso lhes dava, com indifferença o que, mais ou menos dava aos outros, os reis franziam severos sobrecenhos e interpellavam o velho:

— Por que és assim tão mesquinho? Fosse-mos no's os donos do teu thesoiro, reparti-lhamos melhor! Depois, que aos outros, des medidas tão avaras, não importa. Mas a no's! A no's que somos os senhores de leste e oeste! A no's, que temos palacios, torres, subterraneos, escravos e riquezas! . . . Dizem que a floresta, illuminada, seria um deslumbramento. Dizem que ella conduz a regiões impossiveis de sonhar. Vamoss, se generoso! Dá-nos outra medida de luz. Pensa que somos reis! Como poderemos nós trilhar o nosso caminho, com essa pequenina scotilha que levam crianças e mendigos?

Orso, porém, não attendia nem explicava . . .

E, diante daquelle homem grande, esqualido, branco, vestido de linho, como um santo, com os cabellos numa rebellião de ventania, os reis baixavam a fronte, humilhados, e entravam na floresta com o coração cheio de reconditos rancores de vencidos.

E foi assim por muitos annos . . .

Por muitos annos erraram os peregrinos, com as suas luzes, na floresta impressionante como um tumulto cheio de creaturas vivas . . .

E nunca ninguém pôde chegar ao outro lado, onde começavam as regiões impossiveis de sonhar . . .

* * *

Ora, aconteceu que passasse pela caverna de Orso um homem triste, que soffreu muito e muito chorara, e tinha perdido tudo, e queria ir para a floresta pôr-se em meditação. E esse homem não tinha mais de vinte annos e já trazia cabellos brancos, e rugas dolorosas na fronte, e rugas resignadas nos labios . . . E era tão sombriamente bello que Orso, o indifferente, o silencioso, o incomprehensivel, indo a encher-lhe a medida, se voltou, como quem reflecte, e ficou, sobre o fundo lampejante da rocha, a contemplá-lo, grande e esqualido como um pinheiro do Norte, de mãos postas para as estrellas.

O homem triste esperava, com os olhos calmos cheios de ausencia . . .

Então, Orso caminhou para elle, branco e pontifical, tomou-lhe a mão, que se abandonára a todas as renunciás, e levou-o, pela caverna a dentro, por um labyrintho de galerias luminosas.

O homem triste não falava.

O homem triste não perguntava nada, porque mais não queria saber . . . Sentia, porém, que havia luz nos seus cabellos, nos seus olhos, nas suas mãos . . . Que tinha as roupas impregnadas de luz, que a luz lhe penetrava o corpo, que a alma lhe ficava tonta de luz . . . E elle mal podia caminhar, porque a luz o etherisava, tornava-o diaphano, dava-lho imponderabilidades de azas, de muitas azas de oiro, subindo . . .

E, vendo que Orso caminhava sempre, elle puzou-lhe os vestidos e pediu:

— Senhor, não me tenteis! Eu vim buscar apenas uma scintella, para abrir o meu caminho na floresta, como os mais. Se lvo commigo tudo isto que vão dizer de mim e de vós os outros homens? Que nos vão fazer? Toda esta luz, irrompendo na escuridão, pode enlouquecer os viajantes que caminham dentro da sombra . . . Pode cega-los de exasperação, o' Senhor!

Orso, porém, não attendia nem explicava . . . E a luz era cada vez maior, e em tudo havia luz, e os dois homens eram duas figuras de luz, — e eram abysmos, e eram naufragios, e eram diluvios de luz dentro da luz . . .

Fazia noite, alta noite nevoenta, quando o homem surgiu triste na floresta. E a noite desapareceu, de repente. De modo que os seres e as coisas, perplexos, interrogaram os céos, e pararam, dizendo-se assombrados que era o fim do mundo . . .

A claridade crescia porque o homem triste avançava . . .

E, então, os criminosos, os invejosos, os rancorosos, todos aquelles que tinham disputado e gesticulado, e erguido celexma aos céos, sentiram vergonha e pavor e ficaram de bruços no chão, com a face occulta entre raizes e pedras . . .

E os mendigos, e as crianças, e os innocentes se retiveram, maravilhados, esperando a revelação . . .

O homem triste avançava. E, ao seu passar, iam-se as flores abrindo, e as aves desciam das nuvens, para vê-lo, e as serpentes se debruçavam do alto, mirando-o . . .

Mas, quando os viajantes souberam que aquella claridade era um homem que a trazia, puzeram-se indignados; e os que estavam de bruços rugiram de odio e de furia . . .

O homem triste, porém, não falou, nem fez um gesto, o seguiu, cada vez mais triste, illuminando toda a floresta e todo o céu . . .

E as crianças e os mendigos acompanharam-

-no, cantando e dansando e beijando-lhe os vestidos e atirando-lhe flores . . .

* * *

So' muito tempo depois, os que tinham ficado rugindo no chão, lembraram-se de que era preciso atravessar a floresta para chegar ás regiões que buscaram, ás regiões impossiveis de sonhar . . .

E comprehenderam que para lá se ia pelo caminho que seguira o homem triste . . .

Mas era tão tarde! O homem triste estava tão longa! E só restava, pelo chão, a tristeza das cas luminosas dos seus pés . . .

E os outros viajantes, os que tinham ficado de bruços, ergueram-se, tontos, tontos, e foram seguindo essas marcas . . . Emuitos ficaram loucos, e muitos morreram . . . Mas houve tambem viajantes que nem as marcas luminosas viram nunca . . . E, esses, ninguém sabe o que foi feito delles . . .

"Poetas Brasileiros"

"Poetas Brasileiros", de Enrique Bustamante y Ballivian, merecia mais do que um pequeno registro. E' obra de notavel alcance e nobre intenção.

O aristocratico poeta peruano, antigo encarregado de negocios do seu paiz no Brasil, actualmente em Buenos-Aires, traduziu para o hespanhol com honestidade e penetrante sympathia, peças dos nossos mais consideraveis poetas, seleccionadas com criterio, e interpretadas com grande felicidade. O poeta de "Autoctonas" interessou-se seriamente pela nossa poesia, pelas nossas letras em geral, procurando informar-se com toda isenção, o que torna desculpavel alguma omissão acaso havida no bello conjuncto da sua significativa anthologia. Temperamento essencialmente poetico, Bustamante houve-se com bizarrria na ardua e ingrata tarefa de traductor.

O serviço prestado ao Brasil literario é inapreciavel; o sacrificio de tempo e esforço preciosos por parte do poeta peruano, em prol da divulgação de nosso estro, dignos dos maiores applausos, merecedores de nossa gratidão e affecto. O acolhimento entusiastico que seu livro encontrou em nosso meio deve servir-lhe de estimulo para a publicação promettida de uma 2ª edição dos "Poetas Brasileiros", em que sejam preenchidas lacunas que com a maior boa vontade Bustamante reconheceu se encontrarem em seu precioso livro. Saibamos lembrar-nos do illustre poeta que nos proporcionou o goso espiritual de vêr a poesia brasileira sob roupagens castelhanas, e, ainda assim, guardando a frescura, e sabor, e o impeto originães.

NESTOR VICTOR

I

A obra de Nestor Victor, pela agudeza de intelligencia que revela, e pelo que representa de influencia constructora sobre nossa ethica mental, é das mais profundamente significativas da literatura brasileira. A significação de um espirito se mede pelo maior ou menor dynamismo da acção que exerça sobre o meio. Agitando, modificando, transfigurando tal meio, criando-lhe possibilidades novas, concentrando-lhe as energias dispersadas, é que se entremostra esse espirito em sua capacidade e em seu destino.

Nestor Victor é puramente um "pensador", no sentido especial, de philosopho sem systema e psychologo por intuição, que adquiriu modernamente esta palavra. E' talvez, mesmo, o mais puro typo de pensador que tenhamos produzido, embora de surpreendente complexidade em sua organização espiritual.

Na illusoria variedade de sua obra, é a natureza do "pensador" que sobretudo se affirma através da poesia, do conto, do romance, da critica, do ensaio. Volume por volume, sua attitude é a de quem, de alma concentrada, contempla as coisas e os homens, para aprofundar-lhes o sentido e os sentimentos, numa analyse cujas conclusões não nascem de principios antes estabelecidos, mas lhe acodem, por subita illuminação, do proprio acto de contemplar. O que lhe assegura o exito e a legitimidade dos pensamentos que por esta forma lhe vêm é a sua propria substructura moral, rija e experimentada, e a acuidade de visão com que penetra até á essencia o objecto contemplado. Não são doutrinas nem principios que falam pela sua boca; é, antes, o que lhe ficou como residuo super-consciente herdado de millenaria experiencia humana e tambem de sua experiencia individual no decurso da vida. E' menos a intelligencia do que a intuição.

Nestor Vitor é, em summa, um poeta, cuja contemplação, porém, se resolve em pensamentos, em dados subtilissimos da mais profunda psychologia, e em altas, embora implicitas, affirmações moraes, — ao invés de em simples emoções. Melhor do que qualquer dos outros, affirma-o seu proprio volume de poesias, de que faz parte este caracteristico soneto *Morte Posthuma*:

Desses nós vemos: lá se vão na vida,
olhos vagos, somnambulos, calados;
o passo é a inconsciencia repetida,
e os sons que tem são como que emprestados.

— Dia de luz. — Respiração contida,
para enconral-os despreoccupados,
ahi vem a morte, estúpida e bandida,
rangendo em secco os dentes descarnados.

Mas embalde eila chega, embalde os chama:
ali não acha nem de longe aquelles
grandes assombros que aonde vai derrama!

E abre espantada os cavos olhos tortos:
vê que elles têm os olhos vitreos, que elles
elles já estão ha muito tempo mortos!

Os espiritos menos avisados verão, nesta pequenina peça poetica, a revelação de uma alma singular. Em alguns traços rápidos, o artista permeana. Poderia ter sahida o soneto com mais imana. Poderia ter sabido o soneto com mais intensa fulguração de forma, não porém mais cheio de vivas e inesperadas suggestões, nem mais profundo. Ha uma significação particular mesmo nos versos que menos parecem influir para o effeito do conjuncto, como naquelles:

"o passo é a inconsciencia repetida,
e os sons que tem são como que emprestados".

Das mesmas considerações, e sob o mesmo ponto de vista, são susceptiveis, como adiante mostrarei, os demais volumes da obra já numerosa e notavel do escriptor.

Analysando, assim, o mundo, subjectivamente e através da contemplação, Nestor Victor se faz, sem querer, a medida das coisas, como poeta que é desta era de individualismo extremo. Não é, porém, no capricho de cada hora que seus julgamentos se apoiam. Encontram elles solido fundamento e a unidade logica que os prende na propria organização intima do escriptor, mantida integra e honesta pelo habito, diriamos melhor, pelo instincto da sinceridade intransigente. "Car tout est lié", escreveu Psichari, dans le système intérieur de l'homme et la lumière profonde de ce qui est vrai manquera toujours á qui ne sera point fait um cœur de cristal."

Por este modo, não sendo a obra de Nestor Victor "doutrinaria", embora caracteristica como obra de pensamento, fixa uma attitude espiritual que longa dissertação philosophica não definiria melhor. O que ha nella de doutrinação moral está antes no alto exemplo que representa do que na luminosa palavra do escriptor. Pagina a pagina, resalta o esforço victorioso do espirito por attingir á mais indiscutivel honestidade mental. Entenda-se isto, no entanto, em amplo, largo sentido. Não se trata apenas do simples esforço por ser justo no julgamento dos factos, idéas e individualidades, mas por ir á essencia das coisas, á raiz dos phenomenos, por exgotar a analyse sem fragmentar a verdade, por fugir ás seducções do verbo sonoro e enganador que desnatura e enrêda o pensamento na trama da belleza formal.

Dahi a profunda eficiencia dessa obra como elemento dynamico em nosso meio espiritual, tanto é isso nella vivo e palpitante. Traçou-a o pensador com o sangue da propria alma, dando-lhe o melhor e o mais são de sua vitalidade interior. E' o que explica a eloquencia intima que a caracteriza e a força da influencia sobre os espiritos que lhe puderam comprehender o alcance.

Nem todos poderão avaliar de prompto a extensão dessa influencia. A Nestor Victor tem faltado, parte devido a naturaes idiosyncrasias de seu temperamento, e parte talvez porque ainda não estejamos preparados para as injustiças completas, o apoio effectivo das instituições por assim dizer officiaes, — apoio que, focalizando uma obra, a leva a quasi indiscutivel nomeada. Mas nomeada é uma coisa, e valor intrinseco e influencia real são coisas bem diversas. Acontece com frequencia que a obra assim acclama-

A oração do homem

Oh! divindade do asfalto, deusa perturbadora das ruas, vestida de sedas pornographicas com os labios sangrentos de carmin: — o teu corpo, fugindo a não sei que tela de Picasso, trouxe toda a graça das estatuas e dos quadros antigos, symbolos das civilizações extinctas; mas trouxe-a através de polyedros atrozes, quebrados nas arestas da tentação e da perfidia, da inconstancia, da maldade;

— a tua voz de pizzicato, borboleta sonora das idéas, sorveu pelos seculos fora tangos e sonatas, trechos de opera e brejeirices musicas de cabaret; mas conservou, em tantas partituras, a nota monocordia das ironias, a nota dos enganos e trahições, das promessas mentirosas, dos beijos incendiarios e perdidos;

— o teu cheiro capitoso, mixto de exoticas essencias, concentrou os lendarios extractos da Persia e da Arabia, os almiscares luxuriosos e violentos, os ambares estonteantes, os sandalos amollentadores; mas nelles escondeu aquelles aromas venenosos do Hindostão, cujo segredo dorme nos templos inviolaveis de Kali;

— a tua bocca vermelha, sempre molhada de risos, guardou sobejos de todas as taças romanas, taças lavradas de ouro e prata, onde espumejaram extraordinarios vinhos de Cós ou de Corintho; mas guardou-os salpicados de peçonha, de pós embriagadores e mortiferos, de philtros mysteriosos e infernaes; — a caricia das tuas mãos, velludosa e languida, faz lembrar os tecidos preciosos do Oriente, onde a carne se espreguiça: damascos infestados de volupia, tunicas e mantos de Ispahan, sedas rugidoras de Niako; mas festeja e arranha, dobrada em garra voluptuosa, como os afagos dos gatos:

— Bemdita e maldita sejas, mas nunca me abandone a tua graça, oh! paradoxo de carne, encanto e tortura do meu desejo, Santa diabolica do Seculo!

Mario Ferreira

da é de nulla efficacia nos espiritos, enquanto outras, menos frequentes nos reclamos, vão exercendo subterranea influencia duradoura, calada ás mais das vezes pelos que mais a sofrem. A proposito de um livro de Ramon y Cajal, já observára Azorin, um dos mentores espirituales da Hespanha nova:

"Hay libros que tienen un clamoroso, pero fugacissimo éxito. Hay otros cuyo éxito parece como clandestino, como *subterráneo*; ni la prensa ni el gran publico hablan apasionadamente de ellos; mas poco á poco se van vendiendo; un circulo reducido de estudiosos los comenta; en trabajos de revista y en conferencias y en *explicaciones* de cátedras e se viendo lentamente un reflejo, una influencia de esos libros; otros libros, en fin, nacen engendrados por ellos; y en definitiva, tal volumen que no obtuvo éxito ruidoso, que no entusiasmó á la gente que se halla en los aldeanos de la intelectualidad, ni llegó á noticia de los parlamentarios; tal vo-

lumen, repetimos, ha sido fundamental en la ideologia de un país en — determinado momento — y ha constituido uno de los factores de su evolución social ó literaria."

Ha, deste phenomeno, decisivos exemplos em nossa poesia: o que de mais alto têm produzido os jovens poetas patricios vem innegavelmente fecundado pelo sentimento dominador de Cruz e Souza. No entanto, são muitos outros os nomes publicamente glorificados...

Nestor Victor não está inteiramente neste caso, porque tem sabido defender-se, sendo mesmo que á sua capacidade de resistencia é que devemos o respeito de que afinal se vae rodeando o nome do Poeta Negro. Mas a verdade é que a notoriedade de sua obra, não corresponde ainda á predominante influencia que ella tem exercido. Ha vinte annos atraz, o volume de critica *A Hora* trazia para o Brasil pensamentos e modalidades de pensamentos que eram verdadeira revelação. Foi, de tão novo, um livro "inactual", que publicado agora teria ainda a mesma frescura de idéas e o mesmo encanto de seducção. Vinte annos após continua a vendagem ininterrupta da obra, infelizmente sem a honesta indicação dos milheiros exgotados, que seria desejavel ver-se-lhe na capa. Pode-se imaginar o que tem sido a carreira subterranea desse livro. A pagina definitiva sobre Ibsen, que nelle se contém, é, como poucas, fecunda. Com ella, o admiravel prefacio á traducção de *A Sabedoria e o Destino*, de Maeterlinck, tem sido para muita gente manancial inexgotavel de idéas e emoções. depois de a nós todos nos haver iniciado nesse outro mundo de sonho que o symbolismo revelou.

Mas não parou ahi a obra de Nestor Victor. As paginas de *A Hora*, aos livros de ficção, e o commentario profundo á philosophia de Maeterlinck, seguiram-se outros volumes em que novamente se affirmaram e completaram as qualidades notaveis do pensador. Veiu *Paris*, testemunho de uma perspicacia de observação e de uma capacidade psychologica que honram no mais alto gráu a intelligencia brasileira. Veiu o *Elogio da Criança*, revelando outros luminosos aspectos de sua mentalidade poderosa. Vieram *Tres romancistas do Norte*, *Farias Brito* e a *Critica de hontem*, volumes preciosos, mormente os dois ultimos, que deram a Nestor Victor definitivamente o titulo de maior critico de idéas do Brasil contemporaneo. Veiu ainda ha pouco, *Folhas que ficam*, livro complexo, desorientador, tumultuante, espelho vivo de uma individualidade das mais caracteristicas e interessantes que temos produzido. Veiu finalmente o *Elogio do amigo*, pagina de limpida formosura e rara profundidade, em que o espirito do pensador attingiu o sereno equilibrio de suas faculdades primicias.

Corre, hoje, o Brasil essa obra toda, agitando e fecundando os espiritos. Indicam-no factos de todo instante, mas principalmente as vozes honestas e corajosas que se erguem aqui e ali para proclamar a maior admiração pelo escriptor. No entanto, o mais decisivo influxo de Nestor Victor, é na capital da Republica que se exerce, no circulo, hoje vasto, dos que, a par dessa obra, puderam mais de perto conhecer a individualidade viva do pensador, sentindo-lhe a dominadora acção de presença e comprehendendo melhor a razão do seu modo de ser. Entre esses, geralmente jovens, tal influxo toma um caracter grave de força conformadora de es-

FELICIDADE



Felicidade, de que essencia és feita?
De que mundo provens, tão bôa e clara,
pousando, entre os humildes, satisfeita,
fugindo ao que, entre púrpuras, se ampara?

E's tão varia e subtil, que o que te espreita
é o que menos te vê, que és como a Yára,
tanto mais simples quanto mais perfeita,
tanto mais bella quanto mais avara!

E perto e longe, em toda e em parte alguma,
és, no inferno da terra, o paraizo,
esse engano doirado que o ar perfuma.

Não te vendes por ouro, que tens siso,
mas te dás — quantas vezes, flôr de espuma! —
na longinqua esperança de um sorriso...

ILDEFONSO FALCÃO.

piritos. Nestor fala e é escutado. A cada palavra, revela o quanto é fiel a traducção que de sua vida e seu espirito representa a obra consideravel que veiu constrindo. E, a cada palavra illumina essa obra de uma luz mais forte, porque até seus mais simples e rudes gestos concorrem para explicar a alma admiravel que nas paginas de seus livros se adivinha.

Em palestra rapida a um canto de livraria, ou nas grandes noitadas "goetheanas" em seu gabinete de trabalho, o pensador é sempre o mesmo homem empolgado pelas suas proprias idéas e attento ao intimo tumultuar de espirito em torno dos problemas que por si mesmo se offerecem. No gabinete de trabalho, principalmente. Ainda ha-de ser escripta a pagina definitiva que fixe em traços fundos a arrebatadora impressão desses momentos. A mais de um dos que já tiveram a ventura de assistil-os, ouvi a confissão commovida do deslumbramento interior que lhes ficou. Iniciada a conversação, em poucos minutos transfigura o pensador todo o ambiente. A atmosphaera espirital se faz mais tenue e luminosa. Alam-se as almas a alturas de vertigem. A propria physionomia do escriptor, em publico geralmente mantida em certo tom de cansaço ou de sarcasmo, subitamente se transmuda. Faz-se gravee energica, de traços re- vigorados e rejuvenescidos, como que illuminada de heroismo. Ha sempre uma noticia inedita nas conversações de Nestor, nesses instantes. A originalidade e o inesperado dos conceitos emittidos aguçam as intelligencias, preparando-as para as subtilissimas conclusões com que o pensador re-

mata a ininterrupta successão de suas idéas. Nunca lhe vêm, nessas horas, apreciações pessimistas sobre a vida. Sente-se que elle está num de seus momentos supremos, num desses momentos em que lhe floresce na alma aquella "confiança" cosmica de que nos fala em trecho maravilhoso das *Folhas que ficam*.

Ahi é que nos apparece o pensador em toda a plenitude de sua individualidade e de seu ser. Conhecel-o num desses instantes, é augmentar o cabedal das impressões inesqueciveis. E é abranger, de um só golpe de vista, a significação total de uma obra que em nossas letras se conta entre as mais altas, humanas e profundas.

Indirecetamente, pois, e sem doutrinação, Nestor Víctor vem desenvolvendo, em nosso meio, verdadeiro apostolado de moralidade intellectual, no mais amplo sentido da expressão. Seu influxo se exerce, deste ponto de vista, no sentido de modelar a intelligencia brasileira de accordo com as suas mais intimas necessiidades actuaes: isto é, no sentido de fazel-a honesta e sadia, de aguçar-lhe a perspicacia moral, de forma a que ella, por um esforço de energia concentrada, vá cada vez mais adquirindo individualidade propria, e vivendo por si mesma.

Ahi está, porém, apenas uma das resultantes da obra e da vida do escriptor: a que diz respeito á sua significação moral, utilitaria, em nossa literatura. Consideremol-as agora de um ponto de vista mais geral.

TASSO DA SILVEIRA.



Noticia Sobre a Ilusão

Deante do meu olhar doente,
Todas as noites, Salomé vem,
Sobre o arabesco do tapete,
Dançar a Dança dos Sete Véos...

Dentre as volutas da penumbra,
Surge... E, de olhos fechados, dança...

«Como Somnambula perdida
«Em encantados, mysticos jardins,
«Dir-se-ia que dança adormecida...
«Dir-se-ia que dança e está sonhando...
«Dir-se-ia que dança, desmaiando
«Ao perfume das flor's que estão em roda...
«Dir-se-ia que a estão beijando toda...

.....
«Pé ante pé, receiosa, dir-se ia
«Que entre dois precipicios vae passando,
«E que uma occulta mão, teimosa e fria,
«Fazel-a resvalar anda tentando...

.....
«Nascem boccas no ar que a estão beijando...
«E ella foge-lhes doida, anciosa, incerta,
«Desmaiando, arquejando, supplicando...!»
.....

Sobre o arabesco do teu tapete,
Por que Salomé não dança?

Irmão! fecha os olhos...

Deante do meu olhar doente,
Todas as noites,
Sobre o arabesco do tapete,
Salomé dança a Dança dos Sete Véos...

Onestaldo Pennafort

A literatura dramática na América Precolombiana

Dos povos aborígenes do Brasil nada ficou que pudesse attestar a existencia de uma litteratura por mais defficiente que esta fosse. Isso se explica, não pela ausencia de sentimento artistico mas pelo desconhecimento dos hieroglyphos ou dos quipes de que se serviam os americanos mais civilisados. E' verdade que uma passagem do dictionario de Montoya attesta que os guaranys conheciam os quipos peruanos e nas inscripções achadas em nossas rochas vê-se com uma frequencia que se não pode attribuir ao mero accaso, o 'swastika', o signal mysterioso dos aryanos.

E' verdade que os quipes segundo muitos historiadores modernos não passavam de signaes numericos, exactamente como os "wampuns" da America do Norte e a cruz gammada, muito provavelmente, possui uma significação meramente religiosa, tendo sido encontrada até entre os Achantis da Africa Occidental.

Em todo o caso, que serviço não prestaria á nossa ethnographia quem se desse ao trabalho de recolher pacientemente as lendas cosmogonicas e historicas bem como os seus contos! Mesmo assim não creio que fossem tão interessantes como os contos africanos recentemente reunidos por Blaise Cendrars em sua anthologia. Esses contos e lendas primitivos exercem sobre nós a seducção que produzem por exemplo os quadros de Gauguin ou os makemonos de Hokusai.

Alguma cousa no genero já foi organizada entre nós por Couto de Magalhães. O seu trabalho porém, tanto pelo numero de narrações colligidas, quanto pela escolha, deixa ainda muitissimo a desejar. Mais séria e mais proveitosa foi a tentativa do norte-americano Walter E. Roth relativamente aos Aruaques e Caribas, cujo habitat se estende em grande porção sobre o nosso territorio.

Seria porém uma infantilidade exigir-se desses povos uma litteratura.

Apenas nesse centro de civilização relativamente adeantada que o anthropogeographo Semple fixa entre as montanhas da Bolivia e o plateau do Anahuac, reapparecendo entre os Haidas e Tlingits da Columbia Brittanica e do Alaska, seria possivel encontrar-se alguns vestigios de cultura litteraria.

Em 1862 o abbale Brasseur de Bourbourg espalhava na Europa uma versão franceza do "drama-bailado" Rabinal Achi que assistira representado na cidade de San Pablo de Rabinal. Trata-se de um dialogo, ou melhor de uma discussão figurada entre dois chefes. Bartolo Ziz, um natural dessa cidade centro-americana, e o aprendera tradicionalmente de seu pae e de seu avô, transcrevendo em 1850 o original quichê, "para deixar sua lembrança a seus filhos e afim de que com elles ficasse para sempre, de então em diante."

Nessa cópia, baseou o abbade de Bourbourg a sua traducção. O dialogo vaé todo neste tom: "Olá! guerreiro altivo, chefe de Cavek — Quichê! E' assim que fala teu discurso á face do céu, á face da terra? Vem pois principe infame, principe odioso. Será accaso o primeiro que eu não possa vencer, o principe de Chacachib e Zamanib, cacique de Rabinal?"

E' assim que diz tua palavra?...

Mas tão certo como a existencia do céu, tão certo como a existencia da terra, acabas de te entregar á ponta da minha flecha, ao gume do meu escudo, á minha massa tolte-a, a meu machado estrangeiro (yaki), a meus braceletes de ouro, a meus braceletes de metal, a minhas hervas de encantamento, á minha força, á minha bravura. Dessa ou de outra forma eu já te venci com a minha corda branca, com meu laço brilhante. Assim diz minha palavra, á face do céu, á face da terra, etc..."

Brasseur de Bourbourg dava esse dialogo como "a unica producção completa da arte dramática dos antigos americanos, que a Europa conhecia em toda a sua originalidade."

Pouca differença, porém, existe entre o "Rabinal Achi" de Brasseur de Bourbourg e as celebres dansas mexicanas descriptas pelo padre Acosta.

O "Ollantay" drama quechua, contemporaneo dos Incas, é um caso muito mais serio. O grande philologo argentino Vicente Fidel Lopez diz em seu livro "Les Races Aryenses du Perou", referindo-se a elle que é a unica obra escapada ao naufragio dessa litteratura outr'ora tão florescente e que embora não valha nem o "Edipo em Colona" nem a "Medea", nem por isso lhe falta graça, fineza e grandeza tragica (pg. 15).

Aqui surge porém uma difficuldade. Alguns historiadores firmados em argumentos de peso, negam que o drama seja do tempo dos quechuas. Um delles, Bartholomeu Mitre, attribue-o a algum jesuita hespanhol.

O certo é que já em 1780 se representava o drama com grande pompa, no Perú, quando da coroação de "Tupac Amarú". Dirigiu a representação o cura D. Antonio Valdez que guardou comsigo o manuscripto. Trinta e seis annos depois, morto o cura, foi encontrado o drama entre seus papeis. Dahi o mal entendido. O sobrinho do cura espalhou que o drama fora escripto pelo proprio Valdez e, como tal, o periodico "Museu Erudito" de Cuzco, noticiou a sua existencia. O texto publicado por Tschudi em 1853 no seu livro "Kechua Sprache" foi baseado em um manuscripto encontrado no convento dos Dominicanos de Cuzco, "antiquissimo e difficilimo de ser lido". O novo texto que o mesmo Tschudi publicou vinte e dois annos depois fundava-se em parte sobre um novo manuscripto que trazia a data de 18 de junho

"Luz Me-
diterra-
nea"

A estas horas deve ter sido entregue ao publico o volume de poemas em que Raul de Leoni vasou a encantada esthesia do seu espirito arrebatado de Beleza.

Luz Mediterranea é ukma das obras definitivas da nossa mais joven geração de poetas. Num verso novo, malleavel, resoante de musicalidade e voluptuosa, Raul de Leoni canta a sua delicia de viver e suavemente insinua a sua philosophia amavel, aprendida na contemplação optimista dos homens e das coisas.

Ha um subtil pensamento nesse livro, e uma fidalga elegancia espiritual que distinguem Raul de Leoni entre seus pares do modo mais positivo. O poeta é dono de uma expressão verbal admiravel e de uma capacidade verdadeiramente rara de sentir a belleza do mundo.

Destacamos de *Luz Mediterranea* esta nota deliciosa de superior ironia:

Satyra

Tambem nós, seres raros, de divinas
Intenções e humanissimas virtudes,
Levando os nossos sonhos para a frente,
Com a nossa intima luz desconhecida,
Vamos fazendo, quotidianamente,
Pelo mundo das almas pequeninas,
Nossas Viagens de Gulliver na Vida...

Liliput... Em farandolas grotescas
Os anõesinhos, trefegos, damninhos,
— Diabolicos fantoches hilariantes —

Formigando nas estradas.
Bailando pelos caminhos,
Imaginam ridiculas ciladas,
Insidiosas e inuteis emboscadas
Ao passo distrahido e immenso dos gigantes...

Elles passam... seu vulto enche os espaços
E toda Liliput alvoraçada
— Simples despeitos de anão —
Erguendo em gestos máos todos os braços,
Deita improperios, maldições, ameaças,
Mas elles vão e vêm e vêm e vão,
Num desprezo triumphal,
Com essa tolerancia azul das grandes raças,
Tão ironicamente e mansamente
Que os coitados pigmeus, não lhes tocando
Siquer o calcanhar, contentam-se, afinal,
Com pisar-lhes a sombra indifferente...

A calumnia do anão, pisar em sombras!...

"Porque será então, que tudo é tão pequeno
Nessa cidadezinha universal,
As paisagens, as almas, o Ideal,
As figuras, a Vida, os sentimentos?"

E, assim pensando com piedade e com doçura,
Os gigantes, de espirito sereno,
Vão passando, sorrindo e repassando,
Por essa humanidade em miniatura...

Sim... Porque é mesmo assim e sempre foi
[assim:

Quem vai pelo mysterio das estradas
Rumo ao paiz dos deuses e das fadas,
Por mais que evite ou lute,
Tem de sempre passar por Liliput,
Nessas Viagens de Gulliver da Vida...

de 1735 (La Paz), muito anterior portanto ao nascimento de Valdez. Fidel Lopez cita varias pesscas que possuíam intimidade com o mesmo cura e nunca souberam que elle houvesse escripto algum drama. Além disso, o padre Ituni em sua carta critica sobre a Historia da America de Juan Baptista Muñoz publicada em Roma, no anno de 1797, fala nos "dramas quechuas transmitidos até nós por uma tradição indiscutivel."

Deante disso cahe por completo a tradição que dava o cura Valdez como autor do drama.

Fernandez Nodal, publicando em 1873 na Inglaterra um novo texto sob o titulo "Los Vinculos de Ollanta y Cusi Karyllor", ainda participava dessa opinião, declarando-o no prefacio. Mitre que não conhecia o texto de Nodal affirmava-o partidario da originalidade do drama, o que não é verdade.

O autor da "Historia de Belgrano" apoia-se no facto de se encontrar em uma parte do drama a expressão "a morte com sua foice", symbolo christão e medieval para negar a originalidade do drama. Esse outro argumento tambem cae pois essa ideia é tão natural que nada impede que os quechuas a concebesssem antes da invasão hespanhola. Aliás a estrophe em que se acha offerece-nos uma sequencia contínua de dez assonancias, o que, como diz Pacheco Zegara que o pro-

prio Mitre considerava a primeira autoridade no Perú em materia de lingua quechua é um erro inaudito na versificação hespanhola. E esse facto se verifica por diversas vezes no correr do drama.

Outro facto que abona a theoria da originalidade do Ollantay é que o estylo em que foi vasado é diverso, completamente diverso do em que escreviam então os hespanhoes. Um poema hespanhol, "Armas Antarticas" escripto por Juan de Miramontes Zuázola (*) e que descreve toda a lenda que foi o assumpto do drama quechua, fala de principio a fim em deuses da mythologia grega misturando-os a torto e a direito com as divindades dos peruanos. Não ha estrophes em que não appareça o lago Averno, ou cerbero, ou Orpheu, ou Tantalou ou Mimos. No Ollantay nada disso existe.

Não é portanto um absurdo admittir-se que o drama proviesse do tempo dos Incas, ao menos em suas linhas geraes, tendo sido adaptado ás necessidades do theatro tal como os hespanhoes o concebiam então, por algum jesuita.

Sergio Buarque de Hollanda

(*) O sr. J. Jijon y Caamaño da Academia de Historia de Quito publicou recentemente em edição limitada essa obra, cujo manuscripto encontrou na Bibliotheca Nacional de Madrid.

A montanha de Luz

Ah, a minha ancia de subir... subir bem alto! Alcançar, onde as nuvens se perdem e o Infinito começa a alongar-se, o cimo maravilhoso da "Montanha de Luz"! Dizem ter sido lá onde os deuses, da ultima vez que se banquetearam, aprisionaram a Belleza, adormecendo-a antes, para que um principe, como aquelle das historias da avózinha á beira do fogão, fosse despertá-la, um dia, logo que nos semfins do Infinito se extinguisse a ultima estrellita bohemica e o cantico apothetico do primeiro gallo, numa harmonia de crystaes carrilhonando, rasgasse o silencio das horas derradeiras da sombra densa...

Ah, a minha ancia de escalar-te, minha "Montanha de Luz", minha Illusão tão longe, que os olhos, de onde estou, não deixam de fitar!...

E' lá longe, porém... lá-longe... longe...

E eu me deixo, na terra, a te olhar infinitamente, sem saber porque te olho, assim, com tanta ancia, e a sonhar com os fios de oiro dos cabellos da princeza formosa que guardas com tanto zelo!, beijando-os, cá do meu plano amargo, com a ancia allucinada do meu olhar...

E' tão longe, porém... lá-longe... longe...

A princeza dorme no cimo perdido onde as nuvens na sua ronda eterna passeiam e o Infinito começa a alongar-se, infinito... infinito... cada vez mais infinito...

Meu Ideal, minha Chiméra, meu Sonho Azul que as estrellas beijam e acariciam... é tão longe onde repousas, ó minha amada, meu amor, doce princeza lyrica...

Tão longe!...

Dorme, princeza, o teu somno eterno! A vingança dos deuses, da ultima vez que se banquetearam, aprisionando-te, para te furtar aos homens, creou o Ideal, a vontade angustiada de ser artista.

Dorme, princeza... A noite vem vindo, fria, toda encolhida no seu crépe... Como a noite é triste, princeza... E' nesse crépe que escondo, para que não vejas, a viuvez da minha ancia... da minha vida... a viuvez que as minhas lagrimas consolam... Dorme... dorme, meu Ideal longinquo...

RUBENS DE AJAX

Torturas do desejo

O Sr. Carlos de Vasconcellos, cujo penultimo livro — **Deserdados** — apparecido ha pouco mais de um anno e já agora em segunda edição, está

fadado a ficar como uma das paginas mais fortes das nossas letras, acaba de publicar mais uma obra que em nada é inferior em brilho ás que a antecederam. Trata-se do volume **Torturas do desejo**, recolta de excellentes contos, todos trabalhados por mão d'artista, em que o talentoso escriptor, reaffirmado suas superiores qualidades de prosador e psychologo, estuda uma serie de typos, qual mais bizarro, nem so' pela nevrose que lhes atormenta os sentidos, mas tambem pela maneira deliciosa por que vae revelando a cada passo, pormenor a pormenor, todo o enredo das paginas do livro, em linguagem apurada, descrevendo aspectos, criticando costumes, desenvolvendo ideias. Tudo isso, porém, naquella seu estylo original, na sua maneira **exquise** de relatar, o que lhe empresta uma individualidade inconfundivel e o colloca entre os poucos homens que, entre nós ainda procuram apresentar obra inteiramente nova, tanto pela sua concepção como pela forma escorreita em que a mesma se vaza.

Dos raros livros bons dados á publicidade este anno, **Torturas do desejo**, que a livraria Castilhos editou caprichosamente, deve ser lido com especial carinho por quantos, nesta epoca de futurismo idiota e de não sabemos quantas babozeiras, sabem, pelo seu gosto apurado, deliciar-se com a arte tal qual noll-a ensinaram os mestres, — essa flôr maravilhosa do pensamento humano, cujo perfume capitoso nem a todos é dado aspirar.

Mais de espaço e com os vagares que a critica requer, trataremos do ultimo trabalho do Sr. Carlos de Vasconcellos, escriptor que tem a consciencia da Belleza e, como poucos, faz crescer, avultar, esplendidamente, os pequenos nada que andam pela vida, na convulsão dos homens e das cousas.

Por hoje baste-nos a simples enunciação do apparecimento desse lindo livro que muita gente, por certo, julgará escabroso, consoante já se tem feito com outros trabalhos do illustre belletrista, mas que não o é, e isso peia simples razão de ser elle a propria vida, com seus dramas continuos e intensos, seus aspectos bizarros e as suas figuras, agitando-se, deliciosamente, em paginas tão bellas e que muito honram a nossa literatura.

Téla Orijinal

Nessa tarde de 13 de janeiro de 1915, quasi á hora tremenda em que um terremoto diabolico sacudia com estrepito a formigaresca rejião de Avezzano, na Italia, ameaçava a basilica de S. Pedro e fazia a sua estatua voltar-se, horripilada, para o lado esquerdo — a baía de Guanabara apresentava o mis admiravel aspeto, digno de magistral paisagista.

A serra dos Orgãos diluía seu perfil de dentes cravados no espaço, eternamente desafiantes da impassibilidade do éter, no azul-escuro dos bulções que se interpunham ao varrimento da luz. Levíssimos traços do Dedo de Deus seriam aprendidos pelo olhar arguto de quem já lhe conhecesse a posição topographica, antes por sugestão do que por apreensão directa.

Tijuca, Corcovado e Gavea, a todos envolviam, á feição de capus nevocento, os cumulus adensados que, imotos, ameaçavam diluvianizar a gleba. Plumbea e mansa, ao de leve encrespada ao centro, sem velas enfunadas e sem motores a singral-a, a baía oferecia ao cenho uma perfeita apparencia de cõtas de malhas daço crú. O ar adjacente lembrava o caracteristico grizeo das neviscosas plagas boreaes, tristes e cinerareas, de onde em onde, cortadas pelas alvacentas azas das gai-votas angustiadas: e, como em desespero, em remijios de semi-doidice, giravam sobre si mesmas e de impeto se projetavam, lombantes, alucinadas, sobre folha das aguas saturninas, quaes se propositassem um suicidio estoico.

E fendiam a uniformidade da téla á semelhança rigorosa de um projetil diabolico sobre forte elmo romano: a fenda atirava á luz fugacissimos feixes como arremesso de estilhaços, tal como o volatil ora projetava, em reacção á quèda, filetes e bategas á presta refração dos raios... E, sem detença, do amago serenado surtia a asa traquinas, rediziva, qual emissaria de mysteriosas entidades netunianas... Outra e mais outra asa, muitas mais,

imitavam-n'a: e via-se então emergirem em bando e dansarem, alvadias e descuidosas, sobre as aguas placidas, grasnantes com as prezas aos bicos rozcos, uma farandula extreme de belleza!

A Guanabara, em pleno verão, assim se apresentava em trajés de inverno, ao torvo entardecer das noites de aguaceiros.

De repente, dos lados do Corcovado, se fendem os compactos bulções, exactamente como labios discretos que se descerrassem... O soberbo sol de estio, tragado, para logo, infiltra a sua luz gritante e por ali jorra uma verdadeira lamina incandescente sobre a mercorea baía. Esqueira-se como o lençól de uma catarata pelas bréxas de rochedos fendidos, mais intensa e viva; os cumulus fazem-se de pinulas á visão do sol, mordido de curiosidade ante aquelle raro sepuliamento, em pleno dia canicular!

E' indescritivel, inamijinavel, a transfiguração! As emissões fluidicas de Apollo casam-se á projecção de um holophote e, varrendo em lamina adelgada o espaço, doiram todos os obstaculos de altura inferior a 15 metros. Passam pela Ilha Fiscal e das Cobras, incandecendo os pontos mais altos, em uma crista de termo-cauterização habil, alcançam Willegaignon, inundando-a, e, fazendo-a irizada em sua pintura fresca, lembram uma ninfa, uma sereia que num saltitar de garri-dice estivesse a negacear ao espião fiamivomo occulto por tras das nuvens. Aquella parte do cosmos tinha um sorriso encharcado em luzes ideaes...

Os nazios de guerra, os nossos grandes "elefantes brancos", surtos em proximidades da fortaleza, tranquilos, sem perceptiveis balouços, agora feerizados pela catadupa que lhes incide em cheio, afiguram-se fabulescos cisnes de porcelana. Lohengrins emersos áquella apoteoze ao sol, ao instante em que ainda concertassem á surdina, em ensaio, o canto alvica-revo. Alguns feixes que incidem sobre as ondiculas adjacentes á linha de flutuação, lucitremem no espelho niveo das belonaves e sugerem longinquos fremitos da plumagem dos palmipedes das Iedas...

Tankas de Nico

Sobre a estranha poesia da "Terra do Sol Levante", informa-nos Victor Fleury (Précis de Littérature Etrangère, pg. 334): "O período arcaico da literatura japoneza, que se estende até o VI ou VII século de nossa era, não produziu senão uma poesia verdadeiramente infantil, de que se pode dizer que apenas balbuciava.

As poesias recolhidas na collecção das "Dez mil Folhas", o "Manyocion", do VIII século, são já de uma arte superior. Os japonezes foram sempre afeiçoados ás formas curtas; poesia, pintura, jardinagem, tudo entre elles se reduz á miniatura. A estrophe preferida, quer empregada em series ou constituindo por si só todo um poema, era então a "tanka", ou a "hanka", que contém uma e outra 31 syllabas, occupando a primeira o espaço de cinco versos e a segunda de quatro apenas. Uma anthologia do X século, o "Kokincion", que comprehende poemas antigos e poemas de data mais recente, offerece o mesmo character; eis por exemplo uma destas tankas (o texto japonês contém apenas 31 syllabas, nem uma a mais):

Qui cela peut-il être
Qui le premier donna à l'amour
Ce nom?
Agoniser est le vrai mot
Dont il eût bien pu se servir.

Estas 31 syllabas são cheias de sentido; é uma arte refinada, amaneirada, que, como

Um velho navio, em reparos, ancorado á altura da fimbria alcançada pela luz, apresenta-se quasi todo vermelho, com reduzidas manchas negras. Baticado pelos intensos feixes solares, mais se lhe avermelha a tonalidade e acorda na pupilla assombrada a insolita impressão de um Mephistopheles a arder em labaredas e a dansar um macabro "trot" sobre as aguas, com o intuito de apanhar os descuidosos cygnos candiões, ali perto embevecidos...

Além, do lado opposto, Nictheroy inteira se franja ás caricias da luz suavizada na dispersão, como se um rastilho de fogo houvera sido posto em todas as suas fachadas e vidraças. Cantam ao sol ignivomo, brancas em procissão, as villas, quaes se fossem Oreadas descidas dos montes proximos, enfaradas de sombra e subvertidas á nostalgia da luz branca... Nem uma restea doirada se lhe perde para ir quebrar o silencio da sombra das colinas. O contraste é sumptuoso. Num ambito de

se vê, corresponde ao gosto generalizadissimo do "bibelot", mas que raramente degenera em futilidade."

Não confirma a asserção o livro do sr. Nico Hurigoutchi, que os noticiaristas literarios vêm, de algum tempo a esta parte, elogiando. Nas duzentas e poucas tankas que o constituem, nenhuma vale aquella de que V. Fleury nos dá a traducção franceza acima transcripta.

Nico Hurigoutchi enquadra nas 31 syllabas de praxe um pensamento qualquer de sentido vago e trivial, e suppõe ter feito um poema. Engano triste... Para fazer da comprimida e minuscule estrophe uma obra de pura e palpitante poesia, — que profundeza de alma e que sensibilidade fina e aguda não se farão necessarios!

O sr. Nico Hurigoutchi não nos parece um espirito commovido pela grave belleza da poesia. Seu livro é antes de simples bom humor, de simples blague, de simples caçoadas...

Imaginem os leitores que nos puzessemos a poetar assim:

"Eu estava na praça da Republica.
Os bondes passavam lá — longe..."

Ou então

"Eu uso um chapéu do Chile.
No entanto, foi fabricado no Brasil."

Não é muito differente desta a poesia do sr. Nico.

perfeita invernia, umbroso, nuvens aquosas fendem-se para vomitar o ouro fundente do sol e derramam-o sobre duas ilhas, tres navios alvacentos, uma exotica embarcação vermelha e uma cidade acarelada á beira do oceano, além mysteriosa, sob os esgarçamentos das colossaes nevoas escuras, que pairam sobre as serranias circumdantes.

O aspecto das geleiras alpinas, das garôas e "blizzards" escossezes, das nevadas de Long-Island scintillantes ao sol negaceiro que lhes succede, jamais se comparam a esse formoso quadro de meia hora tropical, em um dia fatidico, pela catastrophe mediterranea e pelo numero asiago, dia em que o planeta objectivara ao testemunho dos cariocas a mais soberba, mais original e mais artistica paisagem possivel de imaginar o genio do pincel.

CARLOS DE VASCONCELOS

(Do romance "Maria Mulambo").

GASTELLOS NA AREIA

— Que illuminura é aquella, fugidia,
Que o poente á beira-mar beija e incendeia?
— E' apenas fantasia:
São Castellos na areia...

Andam, tontas de sol, brincando, as creanças,
Como abelhas que voaram da colmeia.
Erguem torreões ficticios de esperanças...
— São Castellos na areia...

Ao canto de um jardim adormecido:
— Porque não crês no affecto que me enleia?
E as palavras que eu disse ao teu ouvido?
— São Castellos na areia...

E o tempo vae tecendo da desgraça,
Na róca do Destino, a eterna teia...
— E os beijos que trocámos? — Tudo passa...
São Castellos na areia...

Coração! porque bates com anciedade?
Que dor é a grande dor que te golpeia?
Ouve as palavras da Fatalidade:
— Ventura, Amor, Sonho, Felicidade,
São Castellos na areia...

Olegario Marianno

Historia de João Chrispim

Apparecerá por estes dias em 2.^a edição a *Historia de João Chrispim*, do Sr. Enéas Ferraz. O autor é um temperamento exaltado mas sincero que sabe dizer o que pensa e isto com uma segurança que admira. Embora não concorde-mos com os moldes antiquados em que vasou o seu romance não podemos negar que demonstra um talento investigador, um poder de observação já raro em nossos au ores contemporaneos. A figura principal do romance desenhada com uma nitidez admiravel é uma prova disso. O poeta Affonso Pina é outra personagem muito bem observada.

João Chrispim é um typo bem carioca que lembra até certo ponto as personagens de Lima Barreto que, parece-nos, influuiu bastante sobre a obra do Sr. Ferraz. Nem por isso a *Historia de João Chrispim* deixa de ser um romance profundamente original tratando-se, como se trata, de um depoimento sincero de seu autor.

Ha paginas notaveis com por exemplo a que descreve o enterro de Affonso Pina e mesmo o epilogo do romance, de grande poder suggestivo.

O facto de entrar agora para o prelo a 2. edição é mais uma prova, entre tantas outras, de que o nosso publico já sabe dar apreço á boa literatura nacional.

A m e r i c a

A LUIZ CARLOS

*America sublime! Em teu braço gigante
De fogo e de granito,
Ergues, á rude voz do oceano afflicto,
O boré trovejante
Do Equador!
E a musica de luz que invade o espaço
Conclama as almas para as grandezas,
Arrebata as nações, accesas
No mesmo sol, no mesmo ideal, no mesmo abraço
De progresso e de amor!*

*Arvore colossal, cujas raizes
Mergulham nos mares,
— São teus galhos os paizes
Onde os Andes, nas sombras estellares,
São ramagens de pedra a florir em crateras...
E' chegado o esplendor do teu destino:
Estende os ramos sobre o mar divino,
Inundados de gloria e primaveras!*

*Aturdido de infinito,
Cego de astros, louco de azul,
Como um indio que ruga ao sol nascente,
America! á teu ceu lanço o meu grito,
Beijando a terra ardente...*

*Nasci sob o clarão do Cruzeiro do Sul:
Vim de tuas entranhas
Como a torrente, como a planta, como a fraga,
— Rocha de tuas montanhas,
Arvore de tuas mattas,
Onda de teus mares, vaga
Arrastada nas tuas cataractas!*

*E eu, que vim do teu seio igneo e fecundo,
Ouço-te o despertar; escuto a voz dos Andes,
— Indios de pedra desafiando o Mundo,
Na grande aurora em que te expandes...
Vejo as tuas montanhas acordando...
Tuas cidades marulhando...
E o braço do Amazonas agitando
A pororoca, em vortices nevoentos,
Como um pendão de espumas, entre os ventos!*

*Este seculo é teu! Brande, e encurva, na altura,
Teu arco, desde o Norte em gelos
Ao Sul coberto pela neve immensa...
Sacode sobre a terra os teus cabellos
Gottejantes de soes, onde fulgura
O teu cocar de estrellas zodiacaes!
E do arco enorme lança á treva densa
As flechas do esplendor cobrindo a terra,
— Flechas do genio onde o teu sol se encerra,
Flechas do sonho, flechas da energia,
Juncando o Mundo, deslumbrando o dia,
Nos diluvios da luz, no arranco dos ideaes!*

MOACYR DE ALMEIDA.

O Elogio da Vida

Noite. O silencio tem a expressão brutal de um grande monstro que dorme. O luar escorre pela treva. O céu é uma opala triste, engastada na cravação de ouro do firmamento. A paisagem—paisagem de florestas verdes e montanhas azues—dorme lyricamente pensando no céu.

E ouviu-se, dentro da treva, o dialogo do moço, namorado da vida, e do velho mestre, que se orgulhava de ter achado o "Livro da Sabedoria"...

— Mestre, mas a Vida tambem é eterna?

— Sim. E' eterna na sua dor, que é infinita. Tudo vive com ansiedade, com delirio...

— Até o rochedo, mestre?

— E por que não? Pensas que só ha vida no movimento?... Precisas conhecer a Vida na sua impassividade e no seu anonymato... O rochedo tambem vive! A sua vida, porém, possui singularidades, que não conseguem attingir ás subtilidades dos nossos sentidos... E os nossos sentidos são tão poucos... Mais tarde (e o ancião olhou scismativamente para o céu), mais tarde havemos de comprehender a vida, o mysterio, a tortura dos rochedos... Por enquanto só o musgo o comprehende... Tudo vive, meu filho...

— Até a lua?

— Até a lua... A lua viveu e ainda vive... Que importa o seu noctambulismo? Que importa a pallidez dos seus clarões? Que importa a tristeza celestial da sua côr? Já avaliaste a gloria da lua?... Ella não é uma mulher morta. Wilde mentiu... Ella tem vida, sim. Ella é a mais brilhante revelação da Vida, quando a Noite vem e quando a Morte chega, enchendo o mundo de sombras e de pavor e dando tanta imponencia á ferocidade dos abysmos... A lua tem vida, meu filho!

— E o coração, mestre?

— O coração tem uma vida diabolica... Olha o que diz o "Livro da Sabedoria"... No começo o coração era de pedra. Cresceu... evoluiu... e tornou-se de carne. A Vida bei-

jou esta pedra tão fortemente que o coração se partiu... e começou a sangrar. E a Vida ainda o apertou de tal maneira nas suas mãos de divindade infernal, que o coração tomou a fórma de uma lagrima de sangue... Ainda ha corações de pedra... Outros ha que se crystallizaram com a dor. Tornaram-se diamantes... A vida é ainda um grande mysterio. Tudo vive... Tudo vive.

— Até o amor, mestre?

— Ah! meu filho! A vida do amor é como a vida das fogueiras... Ellas queimam e illuminam... O amor tem braços de revolta e queixumes de carinho... E' lava e gelo. Tem a violencia das tempestades e a doçura das rosas que se desfolham... E o amor possui perfume tambem. E o perfume do amor é o perfume do jasmin — o unico inimitavel... O amor tambem tem gosto — e um gosto amargo, resabios de fel, como diz Salomé... O amor seduz como as sereias. Maldito o mortal que tem medo de aspirar o perfume divino; de provar o pomo amargoso ou que se amarra nos mastros, como Ulysses, com medo das sereias seductoras... Não é?

(O joven discipulo abaixou a cabeça e corou...)

— A Vida, meu caro discipulo, para muitos é uma coisa funesta, que se mede, que se peza... Pois a unica belleza da vida está justamente no que ella tem de indefinido, de imponderavel e de mysterio... E' este o unico bem que ella possui... No mais — é perversa, porque é feminina. E ella passa pelo mundo, accendendo os corações, como os romanos passavam pelos jardins de Nero, incendiando os christãos, candelabros humanos; e ella agita os corações dos homens como um sineiro irritado, que tem prazer em badalar furiosamente os seus bronzes: e ella vivifica a natureza, com uma furia apocalyptica, só sentindo prazer quando vê a terra adubada pela lama do diluvio e quanto vê o céu retalhado pelo gladio de Lucifer...

— Basta! disse o joven discipulo, encantado e deslumbrado pela Vida... E dentro da treva as palavras do dialogo voaram tristemente como um punhado de folhas secas, arrastadas pelo vento...

AFFONSO DE CARVALHO

Las Multitudes

(Versión de Enrique Bustamante y Ballivian)

Las multitudes, alucinadas,
tiemblan de angustia enorme... Es el poniente de oro...
Brazos que se retuercen... Duras manos crispadas
cavan la tierra, alucinadas,
en busca de ese oculto e intangible tesoro...

Las multitudes, desesperadas,
en la ciudad fantástica, en tumulto,
ruedan como ondas, en turbión...
Palacios de dolor yerguen su extraño culto! ...
Las calles son corrientes humanas, agitadas
al viento loco del deseo y la ambición...

Las multitudes! - tan desgraciadas! -
giemen por todo el orbe... Y qué amargura! ...
Qué tremendas oleadas
serán, un día, desencadenadas,
dara vengar la enorme angustia oscura?

.....

Pero viene la noche, el suave y dulce instante...
Oh, el suspiro de alivio
de las multitudes resignadas! ...

Oh, el suspiro de alivio,
inmenso, inmenso!
Yo siento como invade la noche palpitante,
va subiendo en la noche el sollozar...
Y a mí, que, solitario, sueño y pienso,
va llegando, sereno, sollozante,
del fondo de la noche palpitante,

y el corazón me llena, como una luz lunar! ...

Tasso da Silveira.

A ETERNA ANECDOTA

Com uma caricia assustada, ella apertava ao peito o pequeno vidro, tão pequeno que parecia um brinquedo. E tinha nos olhos a alegria triste de quem vae repetir um prazer. O nariz muito branco. Os cabellos muito negros. Toda vestida de branco e negro. Era uma andorinha grande, que parára alli, cansada, sobre a poltrona.

Eu disse :

— Tenho pena de ti, porque não quizesse a vida. Se voltasses á infancia e pudessemos acordar os teus primeiros espantos deante do mundo e das creaturas... Se os guardasses contigo para sempre... Se não pensasses mais e visses a belleza e a harmonia de tudo, e aspirasses a essencia luminosa, que anda entre o céu e a terra... Se a tua bocca reencontrasse aquelle sabor das tuas manhãs de ha tanto tempo... Se ouvisses as palavras dos deuses ondulando no ar... Se a tua carne estremecesse ainda no enleio da natureza... Se voltasses a ser bem simples, de corpo e alma... Como ficarias contente junto de ti!... Envenenaste o instincto. Abusaste da intelligencia. E' maravilhosa a vida! Entanto, por uns instantes de extase procurado, fôges da vida, perdes a vida...

Ella apertou mais contra o peito o vidro pequeno. Respondeu como se não falasse para mim :

— Você mesmo me ensinou que o que estraga a vida é o estado normal... E você não sabe, você nunca sentiu a felicidade que isto dá...

Derramou o pó branco na saia, entre os joelhos. Com a unha do dedo fino, apanhou um pouco. Foi sorvendo longamente, longamente... Amparou a cabeça, de vagar, num braço. Murmurou:

— Tão bom. E' como se eu estivesse longe... e me lembrasse de mim mesma... E' como se eu fosse em musica... como se eu fosse a minha saudade... A vida... a quella adormecida do bosque... o principe...

um dia... um dia... o principe a despertará... Tão bom!...

E eu pedi :

— Põe um bocado aqui, na palma da minha mão...

Ella pousou á beira da janella e disse :

— Faça o favor de não scismar que alguém vae morrer. Cheguei até aqui por fadiga e curiosidade. Que é que o senhor está lendo? Um tratado de economia politica? Um romance, onde ha alguns roubos, muitos assassinatos e o faro de um policial agindo? Ou, apenas, a biographia de qualquer grande cavalheiro do seculo? Não fique pallido assim. Estará com medo?

Nunca imaginou que as corujas falassem? Pois bem, ouça, eu falo. Na verdade, custei a aprender a pronuncia dos homens e as palavras da lingua em que o senhor se desnuda, tão bonita, mais bonita do que o meu idioma natural... Aprendi na prisão. Apanharam-me, um dia. Quizeram tornar-me artista de circo, a mim, a ave da sabedoria. Teimei em não imitar as piruetas do professor. O coitado percebeu, afinal, que eu não servia para nada... Abriu a gaiola... Pobre palhaço! Era bom. Não era intelligente. Voei por ahi. Tenho voado tanto... O céu desta cidade

relembra um pouco o céu de Athenas. A sua casa conserva uma simplicidade remota. Sympathisei com ella. Desci. Descasei. Que é que lia? Não me responde... Para o senhor sou tambem um passaro agoureiro... Que pena! Boa noite. Adeus. Quede-se na soledade, sob o "abatjour". Que figuras são essas?! Corujas?! O senhor gosta de nós? Conhece o nosso passado? Revelaram-lhe que, na terra dos denses amaveis, eramos a imagem do pensamento? Fale... O tempo bello não acabou para o senhor? Ama ainda, como certo velho risonho que eu vi quando voei por Paris, "as orgias silenciosas da



meditação"? Fale... fale... Outr'ora os homens nos buscavam. Hoje affirmam que damos azar... Fógem de nós, espavoridos... O senhor, não. Foi um misericordioso instinto que me trouxe a este canto. Guarde-me. Não desejo voltar á luz lá de fóra. Farei da sua sombra o meu ultimo recolhimento. Não o perturbarei. Conte-me coisas da vida, desta vida, de toda a vida... E' tudo tão differente agóra... Posso ficar?

— Fica. Mas não me pergunes mais nada...

O bom Deus, quando se distrahia na construcção do mundo, sabendo que as creaturas haviam de dividir-se e que a solidão seria, na herança da vida, a parte de cada uma, creou as paizagens e a todas deu uma alma indulgente, para que ellas fossem, pelos seculos dos seculos, acolhedoras e misericordiosas. E os paizagens têm cumprido a sina que Deus lhes entregou. A' sombra das arvores, á beira das aguas, nas planicies floridas, nas altas montanhas, sempre encontramos o silencio e a consolação é um amparo mysterioso, que nos redime das canseiras e das dores. Nós guardámos, do tempo da infancia, uma alegria feliz. Essa alegria é a nossa riqueza melhor, e só a revemos deante das paizagens onde, ainda creanças, os nossos olhos pouzaram. Para nós ellas nunca se transformam; conservam a mesma idade dos nossos primeiros pensamentos. De novo nos apparecem, como nos dias perdidos, dourados pelo mesmo sol. Para que maldizer da vida? Um instante junto da terra que nos viu pequenos é o esquecimento da experiencia, é o retorno á ingenuidade...

Todos nós, na nossa vida, temos um poeta e um musico que nos acompanham. Felizes, desgraçados, nunca andamos sossinhos. Eu tenho Verlaine e Schumann. Vão os dois commigo. Não preciso chamal-os. Vão agora, como antigamente, quando eu tinha vinte annos. Faz uma noite muito branca. Vaga um perfume de primavéra distante em torno da minha casa. Fico a pensar nas outras primavéras que chegaram, floriram e lá se foram. Como é bom envelhecer! O' minha vida! O' minha fita cinematographica! Abro a porta que dá para a varanda. Em frente, ha um

canteiro com um cypreste, umas rosas, umas magnolias. Os scenarios mudam, os actores repetem sempre o eterno papel... Estou alegre? Estou triste? Não sei. Estou feliz. Tenho vontade de ligar o telephone para toda a gente... "Allô! Desculpe-me por perturbar o seu somno. Mas, a noite é linda, e eu me sinto tão feliz... tão feliz..." Desando a representar para mim mesmo... De repente, a memoria acorda a «Rêverie» de Schumann... longe... E exhalam-se, depois, da minha voz uns versos tremulos de Verlaine:

"C'est l'extase langoureuse,
c'est la fatigue amoureuse,
c'est tous les frissons des bois
parmi l'étreinte des brises,
c'est, vers les ramures grises,
le cœur des petites voix..."

Que bom envelhecer!

A poesia é a nossa divindade neste mundo. Na voz dos poetas a voz dos deuses ecôa, nostalgica... Cada palavra é uma creação dentro da creação, um rythmo do espirito, do amor, da bondade, da belleza, da essencia universal que movimenta a vida na mesma harmonia e na mesma esperanza. Não ha homens máos. Ha homens desharmoniosos e desesperados. E todos os homens têm o seu instante de poesia. O pensamento adormecido, se nem sempre desperta completamente, ao menos sorri, ás vezes, como num sonho, e esse sorriso perdôa tudo, consola tudo...

ALVARO MOREYRA

El mar

(Versión de Angelica Ferraria)

Cálmate y oye, corazón ansioso:
Tus deseos limita en lo possible!
Un sueño es siempre un sueño, ir-
accesible;
Y el derrumbe de un sueño es doloroso!
Mira el mar: cuando surge luna llena,
loco de amor, ébrio de luz, parece
que, por besarla, todo se estremece
y, ufano, el dorso líquido pompéa,
mas ella vá subiendo indiferente,
y helo allí deshaciendose impotente,
ou sollozos de espumas en la arena...

FARIA NEVES SOBRINHO.

A ironia de um Fritz

Este allemão Fritz, figura marcial de boneco articulado, saltou de um paquete do Lloyd no Rio logo apóz a guerra, e foi trabalhar como modesto operario nas officinas mechanicas de um patricio aposentado...

Uma noite, entrando eu no bar "Germania", vi-o bebendo chopp em companhia de um velho amigo que passara todo o periodo da conflação em Berlim...

Este, reconhecendo-me, chamou em voz alta:

— Olá!... Senta-te aqui.

Dirigi-me á mesa do meu amigo e mal tomava assento defronte do Fritz, enquanto este se apurava com ar digno na cadeira, o outro tratou de fazer as apresentações.

— O capitão Fritz, heroe...

O allemão encarou-o severo e cortando-lhe bruscamente a palavra:

— Sou mechanic, senhor... mechanic!...

Pouco depois estavamos os tres palestrando despreocupadamente sobre o momento mundial, e a minha attenção foi chamada pelo ardor com que o loiro mechanic se referia á aviação, o profundo conhecimento que parecia ter do assumpto, pasmando-me sobretudo, nas descrições que lhe ouvia, a precisão dos termos com que elle já se expressava em portuguez.

Um momento houve em que eu, não me podendo mais conter, me curvei sobre o meu amigo, soprando-lhe ao ouvido.

— Tem talento, o "boche"... tem!

O rapaz alarmou-se todo temendo que elle tivesse ouvido e começou a arrastar os pés, berando logo:

— Chopp, mais chopp, ó garçon!

Felizmente o Fritz nada ouvira enthusiasmando como estava em descrever o vôo rapido de um "taube" atravez da noite sobre um campo inimigo...

Aproveitei a oportunidade dessa descrição para falar-lhe nos ultimos "raids" projectados, como o da volta ao mundo, e nos já realizados,

o do Edu' a Buenos Aires, Estados Unidos-Europa e Lisboa-Rio...

O Fritz calou-se, bebeu de um sorvo meio chopp e poz-se a sorrir... a sorrir com um tal desdem, com um escarneo tão ferino, superior que acabou me impressionando fundamente...

Ergueu-se passado algum tempo da cadeira com o mesmo sorriso desdenhoso nos labios, bebeu já de pé o resto do chopp e declarou, secco, firme, imponente:

— Só tem valor o que fez Santos Dumont, o resto não vale nada, senhor!... nada!

Percebemos que elle se preparava para sahir e, com effeito, tendo estendido a mão ao meu amigo, voltou-se para meu lado, apertou a minha com força, concluindo espaçadamente, um sorriso victorioso a bailar-lhe nos labios:

— Eu, senhor, num "taube", furarei as nuvens e irei lançar bombas no ceu!...

Depois que o Fritz desapareceu solemne e marcial numa das portas do ban "Germania", contou-me o meu amigo que elle fôra piloto-aviador na guerra, fizera parte da famosa "Esquadilha da morte", a daquelles phantasticos aviões que bombardearam Paris quantas vezes entenderam e chegaram mesmo a Londres, sem que até hoje ficasse explicado que força material os mantinha nos ares como um bando feroz de passaros selvagens.

Concluindo a narrativa dos feitos do barbaro, o meu amigo, que já estava bebendo, deu um murro na mesa e berrou babando-se todo:

— O Fritz é um heroe authentic, um bravo, garanto!

Revoltou-se em mim contra "o bandido tedesco" todo o meu sentimentalismo de puro latino, mas lembrando logo o quanto esse sentimentalismo nos torna ridiculos e grotescos voltei-me com impeto para o fundo do bar e gritei emphatico:

— Mais um chopp, ó garçon!...

GARCIA MARGIOCCO.

Uma idéa...

A commemoração dos grandes vultos da historia patria nas Escolas municipaes é coisa que se impõe.

Grande parte dessas escolas é baptisada com o nome de litteratos, estadistas e sabios illustres do Paiz: até ahí muito bem, mas a questão é que, apesar disso, poucos dentre taes estabelecimentos de ensino prestam ao seu patrono, cada anno, a devida homenagem.

Como é necessaria tal iniciativa na Capital do paiz e em todo o Brasil! E' de lamentar a preocupação quasi exclusiva do brasileiro, mesmo intellectual, pelos assumptos politicos (e que politica!) — preocupação essa que se

torna irritante em pleno seculo XX, quando as questões do espirito tão pronunciado ascendente têm em todo o mundo, nos paizes mesmo onde mais se convulsionam as agitações sociaes.

Cabe aos professores a iniciativa de tornar bem conhecidos dos jovens brasileiros o nome dos herões de nossa grande Patria e não permittirem mais, em absoluto, que saiam adolescentes dos banco escolares, para os quaes é um enigma o nome glorioso de um Machado de Assis, de um Bartholomeu de Gusmão, de um Visconde do Rio Branco ou de um Varella, para sómente a estes nos referirmos.

UM CASO...

— “A mulher só gosta do homem que a faz chorar”! E’ a formidável sentença de Balzac que tem servido de base para uma infinidade de estudos, é o ponto de partida de toda psychologia feminina.

— Qual nada; isto é um absurdo.

— Absurdo? Pura verdade, circulo de ferro de onde nunca se poderá fugir.

— Conversas, meu caro. E’ muita pretensão querer limitar entre “quatro” palavras toda uma “intrincada psychologia”, como lá dizem. No se pode estabelecer normas por onde a mulher se conduza. Nós, os homens, ditamos leis, estabelecemos principios e prompto. Está tudo feito. As mulheres que se amoldem ás nossas determinações, forçando ou não Temperamento, Vontade, Modo de Ser, em summa, como se fossem antigos membros da Companhia de Jesus que em mãos de superior eram cêra morna accessiveis a todas as plasticas.

— Ha mesmo em ti a idéa de derrubar de um golpe toda uma obra gigantesca como a do autor da Comedia Humana?

— Não brinques. Não pretendo derrubar cousa alguma. Quero é dizer-te que não ha base segura para uma psychologia feminina tomada em geral. E digo-te isto com o auxilio da tal Mathematica, naquella cousa da somma das quantidades heterogoneas.

— Bravos. De Balzac a Archimedes.

— Tal como uma floresta, olhada de grande elevação. Vista assim, apresenta o conjunto mais uniforme, e a impressão é de que é formada por vegetaes de egualdade absoluta, parecendo-nos ter sido confeccionada com a maior preocupação de symetria. Desce, porém, ao seio da matta. Chega-se a acreditar num desvio do caminho. Cada arvore é um aspecto: ha troncos gigantescos, colossos de selva, cujas sombras apavoram; ha arbustos que mal nos chegam ao mento e folhas longas e finas como mãos feminis em luvas esternidas.

— Sim senhor. Gostei.

— Assim a mulher. Observada em conjunto, não se lhe nota o menor angulo, a mais insignificante aresta, o mi-

nimo desvio de contorno. Cada unidade, porém, é um detalhe diverso, um problema a resolver; cada alma, de per si, um mundo novo a explorar; em cada cerebro, turbilhonam milhões de pequeninas nadas que são outros tantos hieroglyphos a solucionar. Em cada muher ha uma interrogação luminosa, cujas scintillações fascinaem, aturdem e attrahem; bem penosa, porém, é essa approximação, porque o symbolo é de fogo, queima.

— Se continuas nesse tom de artigo de fundo de jornal de aldeia, tens a minha inimidade para o resto da vida.

— Tenho a certeza que estás vencido: a troça é a tua arma predilecta, quando te sentes embaraçado...

— Ora...

— Mas, deixa qe te diga ainda uma grande verdade. Nós somos os culpados da mulher apresentar-se sempre como indecifrável charada.

— Que está a dizer?

— Sim, porque em geral a alma da mulher é simples, de uma simplicidade imponente de columna dorica. O homem é quem lhe borda as voluptas, quem lhe esculpe as folhas de acantho e grava toda a sorte de arabescos complicados com que ella depois se reveste. Adultera-lhe a singeleza primitiva com as cambiantes mais extravagantes, veste-lhe a nudez inicial de traços e labyrinthos os mais inusitados e, depois de executada a obra inconsciente, torce-se em atroz desespero para decifrar o amontoado confuso que elle proprio embaralhou.

— Sim?

— E olha. Se tens em mira lançar-te á conquista de algum coração de mulher, não estragues a paysagem com que elle se apresentar, lambuzando-o de borrões disformes e garatujas grotescas; não lhe accrescentes uma estria, o menor traço á pintura original, se o fizeres, começarás por Waterloo. E’ bom não esqueceres tambem que em vez de armas no talim, debes ter preciosa e escolhida munição de phrases subtis, temperadas com muita humildade e carinho; em vez de alfanges, arcabuzes, alabardas, mosquetes, petardos, metralhas e bombardas...

ARVORE NOVA

— Nossa Senhora!...

— ... mais valem, na grande batalha, ás vezes, quantas vezes!, a eloquencia do olhar. A mulher, por sua indole delicada e toda feita de macieza: pede sonatas, amavios, espiras de incenso, floculos de espuma, ondulações de gaze, ondas de perfume... Não é com bofetadas e beliscões que se consegue a boa vontade dos deuses.

— Guarda os teus conselhos, meu pobre amigo, e trata de entrar para um convento ou para um hospicio. E' melhor o hospicio... porque positivamente estás doido.

Conversavam assim Albano Gomes e Matheus Vieira, depois do almoço, ainda sentados á mesa, onde havia um terceiro lugar vasio, com o serviço não utilizado.

O ultimo a falar fôra o Matheus — bello typo de homem do sul, gozando das vantagens de filho unico de pae muitas vezes millionario, criador no Rio Grande.

Albano, de compleição fraca, poeta sentimental, vivendo de sua musa e illusões, contrastava singularmente com as maneiras desenvoltas e espirito sceptico do amigo

A palestra foi interrompida pela entrada de André Lins, o ultimo membro daquella trindade de moços que ali habitava.

— Até que enfim te resolveste a chegar — gritou o Matheus, logo á entrada do companheiro.

— Alguma nova conquista, hein? — insinuou Albano.

— Cavando...

— Cavando?!

— Então? Que ha nisto de mais?

— Mas que diabo andaste a cavar?

— Pretendes entrar para a politica?

— Deputado?

— Nada, nada. Já lhes conto. E olhem que vale a pena. A minha historia é consequencia de uma outra muito singular. E principalmente a ti, Albano, ella deve interessar.

— A mim?

— Sim, podes aproveitá-la para um novo poema. Has de encaixá-la em alexandrinos; ficará, assim, magnificamente temperada.

— Máu: temos choramingas — disse Matheus, com ar enfastiado, querendo retirar-se. Se soubesse que entravas com carregamento de pieguismos, tinha-me posto a andar com maior antecedencia.

— Não, fica, filho. Não ha pieguismos nem sentimentalismos. Has de gostar. Verás.

—Garantes?

— Garanto. Juro até.

—Não, não jures: almoça. E' preferivel.

— Já almocei.

— E com quem? — indagou Matheus.

— Com elle, filhos.

— Com elles?!

— Paciencia, já saberão tudo.

E, dizendo, entrou no aposento contiguo, enquanto Matheus, recostando-se mais na poltrona forrada de couro, accendia devagar um cigarro.

— Eis o typo acabado do feliz, á força de uma philosophia "terra a terra", commentou Albano.

— Um grande pratico, é o que elle é.

— E faz muito bem. Olha, aposto que não tem sobre a mulher as mesmas ingenuas theorias que defendes. Por que não lhe segues tu o exemplo? Bem ó precisas.

E depois, gritando para André:

— Então homem, essa historia?

— Vamos a ella — disse, ao voltar, André, que tomara assento em roda.

— Começa.

— Talvez amanhã, meus amigos, esteja feito o gerente da grande fabrica de aniagem de que o Almeida é o principal accionista e director.

— Que?! — fizeram os dois, espantados.

— E' o que lhes digo. Gerente, um conto por mez e casa.

— E que diabo entendes dessa cousa?

— Nada, não entendo nada; nem preciso.

— Está bem, felicito-te.

— Felicitamos-te — emendou Albano.

— Mas... e a tal historia, que tem com isto? — indagou Matheus.

— Tudo, tem tudo, meu velho. A cousa é esta: occupava até hontem, á noite, esse logar, um sujeito por nome Lauro Magalhães, casado com uma creatura encantadora...

— Que vem a ser a heroína do romance?

— Tal e qual. Por causa della, por quem o Almeida ha tempos se apaixonara perdidamente, obteve o marido o logar que hontem deixou. Esse Lauro viera de S. Paulo recommendado ao "meu futuro chefe", creio que em 1908, quando do tempo da outra Exposição. E era de tal ordem essa recommendação que o casal se hospedou na propria casa do Almeida. E vae dahi, elle, com habilidade e á força de gentilezas continuas, conquista pouco a pouco o coração da bella Suzanna, justamente na occasião em que

vagava na sua fabrica o logar de gerente.

— Nomeado, não?

— Logo. E ainda no primeiro mez decorrido depois da nomeação, continuou no palacete da rua das Lorangeiras, onde mora o seductor, aquelle soberbo "ménage à trois".

— "A' trois"?

— Sim, filho, o Almeida é celibatario. Detesta as mulheres que não sejam dos outros.

— Ah...

— Um immoral vulgar, afinal de contas — sentenciou Albano.

— Olha, meu velho, um homem que me vae dar um conto de réis e casa, isto tudo por mez, não pode ser tão vulgar como dizes...

— Com effeito, é preciso ser heróe para entregar-te a direcção de qualquer cousa — retrucou Albano.

— Mas... vamos adeante.

— Como disse, continuou o "ménage à trois" e continuaria, se a prudencia do Almeida não receiasse a "vox populi" que talvez pudesse chegar aos ouvidos do marido. Assim, installou-se o casal alli, perto, na mesma rua; foi então um verdadeiro seio de Abrahão, um céu aberto que durou até o mez passado, quando...

— ... uma carta anonyma veio denunciar ao "enganado" o terrivel segredo — concluiu Matheus.

— Conheces o caso? — perguntou André.

— Conheço outros. Mas... continúa.

— Pois bem. Lauro, o marido, ao principio quiz fazer escandalo: tres tiros, dois assassinatos e um suicidio. Pareceu-lhe esta a solução, depois que se certificou da verdade. Reflectindo sobre o caso, já mais calmo, pensou que não valesse a pena. E, considerando que aquillo que lhe acontecia, tinha acontecido a muita gente boa, que nem por isso deixava de continuar a merecer a consideração de toda a sociedade e até a sua serie de adjectivos mais ou menos encomiasticos nos jornaes, e tambem que (reflexão decisiva de sua attitude) qualquer escarceo seria a perda da farta mamata em tempos tão difficeis, resolveu deixar seguir o barco e ir tudo como dantes.

— Isto é o que se chama ter o instincto da philosophia moderna — casquinou Matheus.

— Diga antes o instincto vil e baixo da mais baixa torpeza — disse, sinceramente revoltado, o Albano.

— Estou contigo — apoiou André.

— Neste caso, rendo-me á maioria — falou, rindo, Matheus.

— Antes assim.

— Salva-se, ao menos, a moral da casa.

— Dizia então que?...

— Dizia que o barco continuava a "resvalar manso á flôr das aguas", quando inopinadamente surge o mais terrivel dos temporaes desfeitos. E' o caso que um irmão de Lauro, chegado de S. Paulo e posto ao corrente da situação, por confidencias recatadas de amigo intimo, julgou de seu dever interpellal-o. Colhido de surpresa, o "convencido" quiz ao principio negar o facto, levando-o á conta das

"... boccas de serpentes, Dessas que amam falar de todo mundo E a todo o mundo ferem, maldizentes."

Mas, deante da insistencia do irmão, mostrando-lhe provas, citando-lhe casos que ouvira dizer, os quaes "entravam pelos olhos a dentro", Lauro, pusillanime e vencido, num extravasamento confiante de suas miserias mais reconditas, abriu-se em confidencias dolorosas, contou-lhe de seus soffrimentos, do dilemma que o opprimia, das circumstancias que o tolhiam de uma acção decisiva e energica. E naquelle momento, estava tão sincero e confiante o pobre diabo que não occultou ao irmão a menor scintilla do pensamento. Disse tudo, tudo esmiuçou, relatando-lhe até que evitára, de uma feita, encontrar os cumplices em flagrante, o que teria sido a sua perda total. E assim, rastejante e indigno, poz a nú toda a chagosa alma.

— E esse irmão? — quiz saber Albano.

— Ah, não esteve pelos autos. Esbravejando, colerico e ennojado, invectivou asperamente o procedimento do outro, taxando-o de indigno, accusando-o de haver manchado o nome da familia, e, por ultimo, num accento theatral, dardejando um olhar mixto de odio e desespero, rematou a scena, quasi da porta de sahida, dizendo-lhe "que se perdesse tudo, contanto que a honra ficasse salva".

— Qualquer cousa nos moldes do "Conde de Monte Christo"; adeante — interrompeu Matheus.

— O peor, meus caros, foi que Suzanna, a mulher, presenciou tudo!

Casualmente se dirigia ao aposento onde conferenciavam o marido e o cunhado e, ouvindo tal altercação, phra-

ARVORE NOVA

ses que lhe tocavam directamente, deixou-se ficar, escondida, á escuta.

— Não nos faltava mais nada: até "coincidencias" — criticou Matheus.

— Ora, meu velho, se não fosse o Aca-so, as fabricas de "films" cinematographicos, de ha muito, tinham passado para o ról das cousas historicas: era uma fallencia geral — retrucou André. Mas, como ia dizendo, Suzanna percebeu o "negocio" e viu muito claro a situação. No primeiro momento, vacillou. Tal um murro que tivesse recebido na cabeça: ficou aturdida. Não queria acreditar no que ouvira. Por um sentimento natural de defeza, comparou o procedimento do marido com o seu; fez-se juiz em causa propria. E daquelle confronto, da analyse superficial a que se impuzera, verificou, e verificou com acerto, que a acção do marido — representando ao mesmo tempo um entulho de torpezas e abjecções para elle e uma tremenda offensa á sua sensibilidade de mulher, reduzindo-a á condição de simples instrumento de lucro, a acção do marido, dizia, era em tudo mais desprezível do que a sua...

— Della...

— Naturalmente. E nesse instante, aquella adúltera vulgar, que cahira mais por capricho ou vaidade do que por amor; aquella mulher, que durante tanto tempo levára uma vida de mentira e falsidade, sentiu subir-lhe á cabeça um resto, até então ignorado, de consciencia, de vergonha e, vibrando ao impulso de sincera revolta pelo proceder iniquo do marido, castigou-o, redimindo-se.

— Como? — inqueriu, numa censura o Albano.

— Sim, a idéa que poz em pratica valeu-lhe bem uma redempção.

— E essa idéa?

— Verás. Chegando a hora da visita habitual do amante, sob qualquer pretexto, impediu que o marido sahisse, como "discretamente" costumava fazer... sim, eis os tres em scena.

— Dó-mi-sol, como disse o pensador — rematou Matheus.

— Isso. Os modos austeros de Suzanna, tão diversos de sua attitude costumeira, impressionaram os dois homens que, de balde, cada um de per si, procurava uma explicação para aquella exquisitez. O Almeida chegou mesmo a terpellal-a. Foi quando Suzanna, aproveitando o ensejo, atirou a bomba: "— Sr. Almeida, é pena que a sua visita de hoje offereça oportunidade para um incidente que naturalmente terá

crueis consequencias. Meu marido está sciente que o senhor é um falso amigo:

— sabe que nó o enganamos. Que o senhor é meu amante, comprehende?"

"— Suzanna!" — gritou Almeida, enquanto Lauro a olhava perplexo, com ar de idiota, completamente escandalizado e attonito de tanta audacia, incapaz, pela violencia da surpresa, da menor acção. Entretanto, Suzanna continuava: "— Sim, senhor. Como elle, porém, timido por indole e fraco por temperamento, é incapaz de um acto extremo de energia, contenta-se apenas em demittir-se do logar que occupa em sua fabrica e pedir-lhe que não volte mais a esta casa."

— Hom'essa! — fez, a rir, o Matheus.

— E esse marido? — indagou Albano.

— Tão inopinado foi o golpe recebido, que o pobre diabo, da cadeira onde se tinha deixado sentar de todo o peso, não articulou palavra, não teve o minimo gesto de revolta, que era forçoso esperar em tal emergencia. E, desmentindo qualquer previsão mais ou menos logica, nada fez. Não sei se obedecendo ás leis de seu temperamento ou se por effeito da brutalidade do choque, tivesse sido victima de qualquer phenomeno physiologico tão intenso que lhe fulminasse a energia, tornando-lhe os nervos incapazes de toda reacção, o facto é que se deixou ficar num abandono integral do proprio sêr, em estado de absoluta subinconsciencia, numa inercia de morte. Quanto ao Almeida — sujeito affeito a essas tempestades violentas, comprehendeu que nada mais tinha a fazer alli e tratou de "pôr-se ao fresco", antes que o outro, por algum acaso, despertasse da apathia em que mergulhára.

— Vês? — disse Albano para Matheus — sempre o mysterio na Mulher; sempre a mesma symbolica interrogação de fogo.

— De facto — confirmou André — quem poderia suppor uma redempção tão completa, naquella altura?

— Qual, historias — contestou Matheus. Com esse procedimento, a tal mulherzinha não teve o intuito de redimir-se, como erradamente pensam. Uma questão puramente de orgulho e mais nada. Só o orgulho a moveu: sentiu-se humilhada pela posição que lhe creava o marido e reagiu, exercendo uma vingança, imposta unicamente pelo amor-proprio melindrado. E' a verdadeira explicação para o caso. Qualquer outra mulher nas condições dessa Suzanna faria o mesmo. Haveria apenas maiores ou menores differenças na maneira de exteriorizar esse pensamento, conforme o

gráo de educação, porque é claro que, se se tratasse de outra casta de gente, a scena não se teria desenrolado com aquella grosseira intensidade...

— Sim, não ha duvida que foi uma scena quasi de estalagem — concordou André.

— Aliás explicavel pela qualidade dos personagens, conforme apresentaste — continuou Matheus. Mas a diversidade dos meios de acção não implica, no caso, na existencia de outra origem dessa mesma acção. Orgulho ou vaidade offendidos, eis o ponto de partida. Não me venhas falar de redempções ou outras babozeiras semelhantes.

— Bem, bem; basta de prelecções — interrompeu Albano. Vamos ao resto da narrativa: que foi feito della?

— Ah, o resto não tem importancia — respondeu André. Suzanna, arrebatado o escandalo e ante a inesperada e humilhante attitude do marido, votou-lhe: maior desprezo ou odio (como queiram) e, nessa mesma noite, zarpoou de casa.

— E foi para onde? — inqueriu Matheus.

"O Suave Convivio"



Andrade Muricy reuniu, sob este título profundamente suggestivo, as suas melhores paginas de critica e pensamento, para nos dar em elegantissimo volume editado pelo "Anuario do Brasil."

"O suave convivio" é a affirmação definitiva da alta intelligencia de Andrade Muricy, do seu fecundo

dynamismo espiritual, e da renovadora energia que elle representa em nossas letras. Alguns dos ensaios deste livro, como, por exemplo, "A nova Illiada" e o "Elogio do Romantismo brasileiro," são paginas que ficarão entre as mais bellas realizações de nossa critica.

Crime

III

collegas que já lá estavam na grande sala. E acabou resolvendo faltar ás aulas nesse dia, pensando com isto fazer esquecer o incidente.

Tomada a resolução heroica, a alma se lhe desopprimiu. E com os livros envoltos num jornal — uma ruma de livros: elle levava, cada dia, todos os compendios que só no decorrer de uma semana inteira viria a usar —, o tinteiro preso por um cordel ao dedo minimo, encaminhou-se para um arrabalde distante da cidade, com a intenção de "fazer hora" para entrar em casa.

Passeiou longamente, esquecido quasi do motivo do passeioi, encantado pelas coisas novas que ia vendo. Jamáis gozára de tamanha liberdade. Aquelles caminhos, já fóra do perimetro urbano, e que elle corria pela primeira vez, pareciam-lhe de uma belleza inegalavel. A' orla de um bosque de pinheiros, parou extasiado a ouvir a musica das frondes que um vento forte agitava. Havia, naquella voz solenne, suggestões desconhecidas para elle. Se lhe perguntassem o que sentia, não saberia definir mas era qualquer coisa de muito profundo e muito doce ao mesmo tempo, qualquer coisa assim como a visão de longinquo paiz, lá para o fim do mundo, perdido em regiões ignoradas...

verdadeiramente foi uma grande tanoaria que lhe nas autorizadas já o têm reconhecido fresco de como tal, e "O suave convivio" aqui vem para documentar de modo irrefutavel a affirmação consagrada.

Damos, abaixo, um resumo do sumario: «Elogio do romantismo brasileiro», «O premio Nobel a Anatole France», «A critica é facil...», «Idealismo yankee», «A nova Illiada», «A Cidade de Ouro», «Serenidade», «Livros de Lima Barreto», «Carvalho Ramos», «Figuras», «Mathias Aires», «A morte de Emiliano Pernetta», «A questão social e Farias Brito», «Os inquietos», «Pereira da Silva», «Romain Rolland», «Hermes Fontes», «Um impressionista», «Francisca Julia», «Signaes dos tempos», «Graça Aranha», «Castro Alves», «A Bôa Madrasta», «Filho Prodigio», «Alberto Faria», «Dario Velloso» e «Emiliano Pernetta».

ARVORE NOVA

ses que lhe tocavam directamente, deixou-se ficar, escondida, á escuta.

— Não nos faltava mais nada: até "coincidencias" — criticou Matheus.

— Ora, meu velho, se não fosse o Aca-so, as fabricas de "films" cinematographicos, de ha muito, tinham passado para o ról das cousas historicas: era uma fallencia geral — retrucou André. Mas, como ia dizendo, Suzanna percebeu o "negocio" e viu muito claro a situação. No primeiro momento, vacillou. Tal um murro que tivesse recebido na cabeça: ficou aturdida. Não queria acreditar no que ouvira. Por um sentimento natural de defeza, comparou o procedimento do marido com o seu; fez-se juiz em causa propria. E daquelle confronto, da analyse superficial a que se impuzera, verificou, e verificou com acerto, que a acção do marido — representando ao mesmo tempo um entulho de torpezas e abjecções para elle e uma tremenda offensa á sua sensibilidade de mulher, reduzindo-a á condição de simples instrumento de lucro, a acção do marido, dizia, era em tudo mais desprezível do que a sua...

— Della...

— Naturalmente. E nesse instante, aquella adúltera vulgar, que cahira mais por capricho ou vaidade do que por amor; aquella mulher, que durante tanto tempo levára uma vida de mentira e falsidade, sentiu subir-lhe á cabeça um resto, até então ignorado, de consciencia, de vergonha e, vibrando ao impulso de sincera revolta pelo proceder ^{iníquo} do marido — ^{suu} de fúria e abandono, e ^{as} vezes de soffrimento amargo:

*«A avenida onde arrasto esta silhueta
[incerta*

*De noctambulo infeliz,
E' mais longa, mais triste e mais deserta...
— Porque te amei? Porque te quiz?*

*Porque me vem teu nome á bocca
E nas noites de luar a caminhar em vão,
Eu me ponho a dizer toda a poesia louca
Que trago dentro do coração?*

*Porque? E a alma tranzida mais se
[aperta*

*E os olhos choram mais sem sentir, sem
[querer:*

A avenida deserta é mais deserta...

Cidade maravilhosa

Para a gente soffrer!

E' translúcida, simples e encantada a poesia destes versos, que são como todos os versos de Olegario.

Ballada do

Poeta Morto

A' memoria de Emiliano Pernetta.

Tangendo a lyra esplendida e sonora
Por valles e alcantís desde menino,
Vieste, moderno Orpheu, e, estrada
afóra,

Ninguem viu mais amavel peregrino...
Sempre inquieto, a vibrar como um
violino,

Tudo louvaste em rimas musicaes:
— O sonho, o amor, o sol, o ar cris-
talino,

A nostalgica voz dos pinheiraes.

Foi a Belleza glorificadora
O ideal que fecundou o teu destino.
Cavalleiro, por ella, de elmo e espora,
Saíste á liça, num furor leonino!
Em pról d'Arte, lutaste em desatino,
E, após obter insignias triumphaes,
Voltaste para ouvir, ó paladino,
A nostalgica voz dos pinheiraes.

Mais tarde a Musa, que hoje o louro
enflora,
Que carmes te inspirou de egregio en-
sino!
Que obra lavraste — refulgente au-
rora, —
Criando-a com o afinco de um benedi-
ctino

E embebendo-a do espirito aureo e fino
Que viverá em notas immortaes
Emquanto ecoar sob este azul divino
A nostalgica voz dos pinheiraes.

Poeta! A sonhar, com o rir de um pe-
quenino,

No berço eterno, sonhos celestiaes,
Tens a embalar-te o sonho, como um
hino,

A nostalgica voz dos pinheiraes...

Coritiba, 18-1-922.

RODRIGO JUNIOR.

De uma novella

Crime

III

A escola que Maximo frequentava, aos nove annos de idade, era a mais afamada de Curitiba. Chamava-se Lemos o velho professor que a dirigia; muito affeioado aos alumnos, porém rispido e severo nos seus principios de educação, não perdoando a menor falta, extendendo sua incansavel vigilancia até á vida dos rapazes fóra do collegio. Se, ao passar por uma rua, surprehedia, de longe, um dos menions de cigarro á bocca, no dia seguinte, á hora da aula, havia sermão. E á primeira reincidencia, a palmatoria cantava, decisiva e brutal, sobre a mão espalmada e tremula do infeliz.

Os bons alumnos mereciam-lhe consideração particular. Elle procurava mesmo accentuar-lhes o merito, para augmentar, pelo contraste, o horror ás punições que infligia Recto nos seus julgamentos e, aos olhos dos meninos, magestoso na sua meia sciencia, elle tinha a augmentar-lhe o prestigio uma solemne corpulencia e a vivacidade do olhar inquiridor.

Maximo estava entre os seus preferidos. Agradava-lhe no menino o espirito disciplinado e quieto, a intelligencia com que apanhava as licções, o interesse que tomava pelo estudo. Tal deferencia, porém, augmentava na alma do pequeno o pavôr á palmatoria. Elle tremia á idéa de que poderia cheaar a sua vez. E havia neste sentimento muito de sua infantil vaidade, o medo de perder de um só golpe a fama tão difficilmente conquistada de optimo estudante.

Mas o acaso tem as suas perfidias. Um dia, ao sahir das aulas, Maximo dirigiu a uma pequenina collega de turma um inoffensivo gracejo de criança. A futura senhora se offendeu, e solennemente declarou que "daria parte" ao professor.

A'quella ameaça, Maximo cahiu em si e empallideceu de vertigem. Era a coisa que o "mestre" menos perdoava: que os meninos "bulissem" com as meninas, na rua...

Foi para casa atordoado, invocando todos os santos, forjando mil desculpas, imaginando mil recursos. A' noite não dormiu, apavorado com o romper da manhã.

No dia seguinte, apresentou-se mecanicamente para a escola. A angustia cerrava-lhe o peittoi. Mal pôde engulir as primeiras garfadas do frugal almoço. E partiu como quem se lança de olhos fechados a um abysmo.

Ao chegar, porém, ao edificio do collegio, estacou sem coragem. Mediu a altura da porta de entrada, olheu pelas janellas os

collegas que já lá estavam na grande sala. E acabou resolvendo faltar ás aulas nesse dia, pensando com isto fazer esquecer o incidente.

Tomada a resolução heroica, a alma se lhe desopprimiu. E com os livros envoltos num jornal — uma ruma de livros: elle levava, cada dia, todos os compendios que só no decorrer de uma semana inteira viria a usar —, o tinteiro preso por um cordel ao dêdo minimo, encaminhou-se para um arrabalde distante da cidade, com a intenção de "fazer hora" para entrar em casa.

Passeiou longamente, esquecido quasi do motivo do passeioi, encantado pelas coisas novas que ia vendo. Jamáis gozára de tamanha liberdade. Aquelles caminhos, já fóra do perimetro urbano, e que elle corria pela primeira vez, pareciam-lhe de uma belleza inegalavel. A' orla de um bosque de pinheiros, parou extasiado a ouvir a musica das frondes que um vento forte agitava. Havia, naquella voz solenne, suggestões desconhecidas para elle. Se lhe perguntassem o que sentia, não saberia definir mas era qualquer coisa de muito profundo e muito doce ao mesmo tempo, qualquer coisa assim como a visão de longinquo paiz, lá para o fim do mundo, perdido em regiões ignoradas...

Adiante foi uma grande tanoaria que lhe chamou a attenção. Um cheiro fresco de madeira serrada lhe acariciava agradavelmente o olfacto. Perdeu muitos minutos olhando de longe o delicado trabalho da confecção das aduelas. Elle entendia um pouco daquillo, pois o avô tambem era tanoeiro.

Mais alem... Era tanta coisa! Elle mal tinha olhos para tanta surpresa do caminho...

Guiando-se pelo sino da cathedral, conseguiu reentrar em casa á hora do costume. Passou tranquillo o resto da tarde. E para melhor mascarar o caso, contou á mãe imaginarios successos da escola nesse dia.

Com a nova aurora, a mão de ferro da angustia voltou a apertar-lhe o coração. Como seria recebido na escola? Ah! se a collegui-nha tivesse esquecido o facto! Era bem possivel que sim, mas tambem era possivel que, ao vel-o de novo, se recordasse da graçola e fosse tudo dizer ao professor. Então...

Mas então seria um horror! Castigal-o-ia, o mestre, na certa... Pelo menos, fal-o-ia passar pelo vexame de um sermão diante da classe...

ARVORE NOVA

Mas, que fazer? Não ousava explicar a coisa aos paes. O unico remedio era mesmo vestir-se, tomar os livros, e affrontar o perigo resignadamente.

Foi, e o mesmo desanimo o fez estacar no patamar da escola. Desta vez, porém, começou a affligil-o a difficuldade do problema.

Como no dia anterior, faltou á classe e fez uma longa volta pelos arrabaldes, para esperar a hora do regresso. Mas já não sentiu alegria nenhuma. Aquillo não poderia ser assim todos os dias. A "gazetta" era para elle um crime repulsivo, que nunca pensára commetter. Entanto, já por duas vezes havia incidido nelle, e esta idéa o torturava acerbamente, comprimia-lhe a garganta, fazia-o murmurar baixinho preces sobre preces para que aquella situação tivesse um fim.

Depois juntava-se a tudo isto uma saudade amarga da escola, que amava sinceramente. Pensava nos collegas, tão felizes na sala clara, lendo alto as lições, aprendendo as contas e regressando á tarde de consciencia tranquilla para o lar. Considerando o seu caso, quasi chegava a sentir nojo de si proprio. Não lhe acudiam argumentos para justificar-se. Julgava-se um grande culpado e não via nenhuma possibilidade de sahir do crime. Parecia-lhe que aquella coisa continuaria até a morte.

Continuou desempenhando a comedia dolorosa nos dias subsequentes. Sahia, sempre á hora certa, voltava sempre á hora certa. Pela tardinha estudava licções que elle mesmo marcava nos livros, como se tivesse de recital-as diante do professor. Pensava assim diminuir o mal e não se atrazar na classe. Já tinha percorrido, nas "horas de aula", todos os pontos que lhe eram desconhecidos da cidade. Mas andava febricitante, vendo pessoas da familia por toda parte, disfarçando-se peols logares menos frequentados, com medo de algum encontro funesto. Nunca deixava de ir até ao palacete do collegio. E muitas vezes ficava-se a olhal-o da esquina proxima, chorando de amargura, chorando de profunda tristeza, numa ancia, num desalento, numa raiva de si mesmo.

Já ia isto quasi por dous mezes. A singularidade que seus gestos haviam tomado, máu grado todas as precauções, já tinha sido notada em casa. Causava extranheza tambem a falta de boletins da escola. Accumulavam-se os indicios reveladores. Elle via chegar o tragico momento da descoberta de sua falta...

Uma certa manhã o pae chegou a dizer-lhe mesmo:

— O senhor está ficando muito mysterioso! Que diabo de historia é esta?

E depois, dirigindo-se á esposa:

— Quem sabe ha quantos mezes este tratante não põe os pés na escola?

Maximo teve um sobresalto e quasi se comprometteu com uma phrase atordoadá. Pensou que estava tudo perdido, que o pae iria indagar do professor, que tudo seria descoberto.

Mas o pae não foi; no fundo, tinha uma grande confiança no filho, e momentos apoz não se lembrava mais do caso.

Nem por isto a scena deixára de ser um prenuncio da catastrophe. Dois dias depois della, ao chegar do passeio forçado, Maximo

encontrou no portão do quintal, por onde costumava entrar, o vulto severo da mãe que lhe perguntou abruptamente:

— Onde tens estado todos estes dias?

Empallidecendo, o pequeno respondeu:

— Na escola, ora esta! Por que?

— Porque o professor mandou perguntar se estavas doente, pois ha dois mezes lá não appareces. Quando teu pae vier...

Não terminou a phrase e foi chorando para dentro.

Maximo ficou petrificado, o rosto banhado num suor frio, com uma sensação de nauseas do estomago. Mediu com o olhar a altura do sotão da casa e pensou em atirar-se da janellinha lá do alto para baixo. Pensou depois em fugir, em desaparecer, invocou até um encantamento que o fizesse fluidificar-se alli, subir como nevoa para o espago. Mas como nada disto se realizava, entrou penosamente na varanda modesta e se encolheu todo a um canto, á espera da tempestade.

Quando chegou o pae, elle era uma mumia gelada. Nem ergueu os olhos. Encolheu-se mais, cerrou os dentes, contrahiu todos os musculos num doloroso esforço.

Posto immediatamente ao corrente do facto, o pae, Luiz de Oliveira Gama, ou simplesmente o Gama, como era conhecido, vem para elle furibundo:

— Então, seu cachorro! Onde é que o senhor tem estado? Com toda certeza mettido com outros vagabundos, na troça! Mas então é para isto que eu me sacrifico aqui, trabalhando dia e noite? Vamos, responde, onde é que tem estado?

Dizia estas palavras engasgado, remoendo as syllabas, na imminencia de um ataque de apoplexia, numa verdadeira nevrose de indignação. O pequeno sentia tudo rodar em torno, numa dança vertiginosa. Não moveu um dedo; estava como que desfallecido.

Vendo que o filho não se resolvia a falar, Gama procurou na commoda um antigo tola de que se servira, outr'ora, numa viagem a cavallo, e pendurando-o a um prego, continuou:

— Vou até á escola dar desculpas ao professor. Prepare-se que quando eu voltar teremos conversa.

Quasi ao transpor a porta voltou-se ainda para dizer num gesto energico:

— Olhe, eu só fiz "isto" um unico dia da minha vida! E até hoje me arrependo!

E sahiu violentamente, enquanto o menino perdia por completo a noção das cousas.

Uma hora mais tarde, regressando de sua missão diplomatica, Gama encontrou o pequeno encorajado na protecção do avô. O velho nada dissera, mas se collocára a pouca distancia de Maximo, na certeza de que o respeito profundo que lhe votava Gama impediria o castigo. Assim foi. Este esperou inutilmente, que o velho se affastasse. Por fim acabou desistindo do intento, e a noite chegou trazendo a calma e uma relativa serenidade ao espirito de todos. Agora, o facto estava consummado, e não havia mais remedio.

Na manhã do outro dia, Maximo foi sabedor de que o pae o acompanharia á escola. Não o perturbou a noticia. Elle respirava alliviado, como quem acorda de um tenebroso pezadello. Ia voltar ao collegio, ia continuar a vida antiga, tão calma e deliciosa, em absoluto kontras-

Educação esthetica

te com aquelles dois mezes infernaes. Ia voltar aos livros, ao convívio alegre dos collegas e, tinha certeza, em pouco tempo reconquistaria a posição de destaque que possuira. Já agora a circumstancia que motivára a falta devia estar esquecida. Ia voltar ao collegio! Que importa que o professor o recebesse severamente e o reprehendesse com dureza?... Que importa que os collegas o apontassem, á sua entrada, com perversas phrases allusivas e risotas disfarçadas?... Elle não temia mais nada, seu coração nada mais comportava senão aquella alegria, aquelle transbordamento de alegria, que era como a sensação de allivio de quem fosse tirado de dentro de uma casa em fogo para o ar fresco da noite.

Na rua, a caminho da escola, e ao lado do pae que fechára o sobrececho e tomára o grave aspecto que a missão exigia, elle sentia vontade de cantarolar em voz alta, acompanhando o canto de cabrioleios simiescos. Instinctivamente estugava o passo e distendia o pescoço, na ancia de divisar ao longe o predio do collegio.

Quando chegaram ambos, Maximo sentiu-se um tanto confuso ouvindo o pae dizer ao professor:

— Aqui está o homem...

Ao que este respondeu:

— Está direito, sr. Gama. Mas já vae? Pois passe muito bem. Deixe o menino comigo que nós nos entenderemos...

E mal, com toda solemnidade, Gama havia transposto a porta da grande sala, o mestre veio serenamente para o pequeno e lhe fallou:

— "Seu" Maximo, eu tinha preparado um sermão para o senhor. Depois vi que não era necessario. Não é possivel que um menino como você (elle misturava o "senhor" e o "você" numa pittoresca confusão) applicado e estudioso, tivesse feito "isso" por inalandragem. Ha ali qualquer cousa que ninguem explica. Em todo caso, seja como for, eu o recebo como se nada tivesse acontecido. Quero que você continue a ser, como era, um dos primeiros alumnos da escola.

E voltou as costas disfarçando a perturbação.

Maximo, que ouvira de olhos baixos o começo daquillo, sentiu um verdadeiro deslumbramento interior. Elle não havia explicado a ninguem a causa do desastre. Uma especie de orgulho ferido o impedira de dizer em casa uma só palavra reveladora. No entanto, aquelle homem como que advinhava tudo, penetrava-lhe no fundo da consciencia, comprehendia-lhe a angustia e o redimia num gesto de justiça!

A custo pode reprimir o impeto de se lhe lançar ao pescoço e dizer-lhe, beijando-o, que o amava como a ninguem. Aos seus olhos o vulto do velho mestre cresceu, tomou um prestigio de lenda, e elle duvidava que no mundo todo pudesse haver um outro homem assim tão bom.

Regressando ao lar, pela tardinha, fez o seu primeiro projecto literario:

— Quando eu escrever um livro, hei de falar no professor...

Mas em casa, quando, ao vir da noite, ainda transbordando de contentamento, se preparava para estudar as lições, chegaram-lhe aos ouvidos trechos de uma palestra dos paes no quarto contiguo.

Curiosa a esthetica de nossa Capital sob certos pontos de vista! O interesse material é, por certo, um máo artista e faz das suas (e das peiores) na paciente Sebastianopolis.

E' de ver-se, por exemplo, um grande preçio, como o Lycêo de Artes e Officinas, o Club de Engenharia, a Galeria Gazeiro, etc., etc, pinnaco aos reclamos conforme o peçacito é de Ruano & C., ou de Sierano & C.: ainda mais, com uma architectura especial aqui ou ali, para satisfazer aos reclamos deste cinema, daquela joalheria...

Finalmente, para maior realce ás belezas da cidade, estão tornando a muraina da Gloria numa verdadeira colena de reclamos, com annuncios de todas as cores e de todos os reinos!

Não se sabe mais o que desejará Mercatio na Rainha da Guanabara?

Sera tenção delle fazer da cidade tão em a unheada da natureza, um monstrego de imperfeições e de interesseiras sandices aos argentarios?

— Não ha duvida, dizia Gama, é um pessimo signal...

— E', respondeu a interlocutora. Maximo não dá para o estudo. O irmão, sim... Vicê vae ver o carreirão que elle vae fazer...

Estas palavras cahiram-lhe no coração como metal candente. E as lagrimas começaram a deslizar, grossas e abundantes, pela sua face parada. A dôr que elle sentia era mil vezes peor do que a angustia dos dias passados. Foi então que elle via que ninguem se apercebia do quanto lhe ia na alma de sonho e de ambição, de vagos desejos de gloria e de virtude. Ninguem notava no brilho de seus olhos a ancia de se fazer grande, de trabalhar, de conquistar pelo esforço proprio as cumiadas da Montanha. Para os mais, elle era um garotito como tantos outros, despreoccupado e futil, pensando apenas nos folguedos.

E silenciosamente, na sua muda eloquencia, as grandes lagrimas continuaram a rolar por aquella facezinha abatida de amargura, emquanto no compartimento vizinho os paes, já muito longe do assumpto primitivo, commentavam as difficuldades da vida, que iam aumentando dia a dia...

JULIO MARCOS.

Os varios modos de aprender *

NONO CAPITULO DA OBRA «INSTINCTO E INTELLIGENCIA NO MUNDO ANIMAL», DO JESUITA E. WASMANN, TRADUZIDO POR ILDEFONSO ALBANO

A moderna psychologia animal apresenta erroneamente o aprender como prova de intelligencia. Já demonstrámos, nas paginas precedentes, que toda modificação de um instincto, adquirida por um individuo, absolutamente não assenta na intelligencia. Mas, para mais claramente conhecer o valor desse criterio, vamos agora verificar o que rigorosamente se comprehende pela palavra "aprender". Para este fim, devemos procurar distinguir com exactidão as varias noções, ligadas a essa palavra, as quaes são commummente confundidas; então, ficará evidente qual o "aprender", que, de facto, prova a existencia da intelligencia no respectivo individuo. Vamos fazer este inquerito, sem nós deixar influenciar por qualquer systema philosophico; sómente a explicação natural das manifestações biologicas deve servir-nos de guia.

Em vista dos factos, demonstrados pela vida psychica do homem e dos animaes, devemos distinguir seis differentes modos de aprender, tres pela acção individual e tres por influencia extranha.

1. O primeiro modo de aprender se evidencia daquellas faculdades, que o individuo adquire pelos simples exercicio de movimentos reflexos. Ellas repousam em um automatismo, que se herda e nada tem com a intelligencia. A ellas pertencem, por exemplo, o modo, pelo qual as formigas e os animaes superiores aprendem a andar; tambem no aprender a andar das creanças é este o elemento essencial e principal. Os movimentos de locomoção são, em si, movimentos reflexos. O mechanismo dos nervos e dos musculos, que são os agentes desses movimentos, funcçionam pela pratica com mais perfeição e rapidez, não por causa da experiencia sensitiva do animal ou do homem, mas por causa ad propria facultade functional mechanica e physiologica, augmentada pelo exercicio. Ahi actua, é verdade, ao menos, um elemento psychico. O animal tem, como o homem, tendencia intuitiva para usar os seus órgãos motores. Esta tendencia comprehende o elemento psychico da chamada excitação dos musculos; mas não se póde chamar aquelle processo reflexo simplesmente pelo facto de ser aquella tendencia resolvida por essa excitação. Se o movimento é causado pela percepção sensorial de qualquer objecto externo, do qual se approxima ou foge, o animal, então certamente entram os elementos psychicos das faculdades perceptiva e appetitiva. O homem, chegado ao uso da razão, é, em seus movimentos, tambem muitas vezes guia-

do, como prova a experiencia em nós mesmos, por qualquer conhecimento ou percepção intelligente; não podemos attribuil-os aos animaes, pois para tal não ha provas. Aliás, ninguém pretenderá attribuir a esse factor o aprender a andar no homem ou no animal. Ao contrario, a pratica instinctiva dos movimentos locomotores no homem dependem muito mais de influencia extranha, do que no animal. Sobre este pode influir no máximo ainda a tendencia para imitar; esta pertence ao quarto modo de aprender, que veremos depois. A creança, porém, precisa ser guiada por mão extranha, sinão levará muito tempo para aprender a andar. Com os animaes isto nunca se dá: nem nas colonias das formigas, nem nos bandos de macacos já se observou que os recém-nascidos, para aprenderem a locomover-se, andem pela mão de suas mães.

Mas estes factores são, para o aprender a andar dos animaes e dos homens, muito secundários deante do elemento principal e essencial, que representa o modo mais simples e mais elementar de aprender: a pratica de movimentos reflexos, os quaes são causados por uma tendencia instinctiva e são resolvidos pelo excitamento dos musculos. Os cordeirinhos pulam, porque a sensação nos musculos os excita a tal; assim aprendem elles a pular cada vez com mais rapidez e mais segurança. Esta é tambem a explicação mais natural para o brincar dos cachorrinhos e gatinhos, assim como o brincar das formigas, do genero *Formica*, quando, com os primeiros raios do sol primaveril, ellas se reúnem em massa em cima de seus ninhos.

■ (Nota do traductor — Eu estava lendo este importante trabalho do padre Wasmann S. J., quando me encontrei com meu illustre amigo Tasso da Silveira, a quem referi o conteúdo do nono capitulo, que acabara de ler. Mostrou elle desejo de lê-lo e, como não conhecesse bem o allemão, prometti traduzil-o. E' o que ora faço, offerecendo a traducção ao brilhante espirito desse joven homem de letras.

O padre Wasmann, scientista de fama mundial, celebre pelos seus importantes estudos sobre a vida social e psychica das formigas, no seu livro "Instincto e intelligencia no mundo animal", apresenta-nos um estudo profundo sobre esse palpitante assumpto e o capitulo traduzido, um dos mais interessantes do livro, despertará de certo a curiosidade dos estudiosos. — I. A.)

2. O segundo modo de aprender é aquelle, pelo qual a nova maneira de agir é adquirida pela propria experiencia sensorial do individuo. Elle assenta principalmente na lei da associação de sensações do tacto: quando em uma experiencia se produzem seguidamente varias impressões, a reprodução da primeira, em outra occasião, desperta a lembrança da segunda, relacionada com aquella. Todos sabemos que o homem aprende deste modo; tambem é muito comum entre os animaes, tanto superiores como inferiores, esta maneira de aprender. Assim aprendem, por exemplo, as formigas a conhecer os novos hospedes verdadeiros, como muitas vezes pude observar nas minhas experiencias sobre as "relações internacionaes" das *Lomechusa*, *Atemeles*, *Claviger*, etc. No começo, devido ao cheiro e aspecto do extranho besouro, as formigas teem a tendencia para a aggressão. Mas, se, pelo contacto casual de sua bocca com os pellos amarellos daquelle, encontram qualquer cousa aromatica para lamber, então, ás vezes, dentro de minutos, se transforma a attitude aggressiva em pacifica. E, depois disso, o cheiro e o aspecto do novo hospede não produzem mas a reacção aggressiva; ao contrario, ellas o agasalham e até o alimentam. Outros individuos do mesmo genero, chegados depois, são muitas vezes acolhidos immediatamente, ainda que impregnados de um cheiro de formigas extranhas. Este facto só é explicavel pela circumstancia de, depois da primeira experiencia, se ter formado nas formigas uma nova associação de impressões, pela qual a primeira impressão, produzida pelo segundo besouro, é differente da primeira impressão produzida pelo primeiro.

Identica manifestação biologica é a da *Formica sanguinea*, do meu ninho de observação, que aprendeu a atacar, pegar e matar o outrora bem-recebido hospede, *Dinarda dentata*, sómente depois das experiencias feitas com a *Dinarda Maerkeli*, parenta proxima daquelle e um pouco maior. Para isso, além do aprende respontaneo individual, entra como factor outro elemento psychico, o excitamento da tendencia para imitar de cada uma das formigas pela conducta de suas collegas, elemento este, que analysaremos mais attentamente, ao estudar o quarto modo de aprender.

É quasi desnecessario frisar que os animaes superiores tambem aprendem por este segundo modo. Um cão de caça pode, por sua experiencia sensorial, aprender a conhecer uma nova caça e a persegue com especial diligencia, logo que pelo olfacto encontra o rastro da mesma. Vejamos agora se este segundo modo de aprender é prova de intelligencia nos animaes.

A uma formiga, que, depois de feitas experiencias em um hospede desconhecido (por exemplo *Atemeles*), o acolhesse amistosamente, poderá um psychologo de fancharia querer transformar suas proprias idéas em idéas de formigas, emprestando a estas um raciocínio logico do seguinte modo: "Este sujeito, que pelo seu cheiro extranho me parecia um ente hostil ou, pelo menos uma caça, fornece, entretanto, um mel tão

agradavel. Além disso, elle se comporta como uma formiga amiga e me acaricia com suas antenas; por isso vou tratá-lo como amigo bemvindo e recebê-lo em minha companhia."

Mas isto seria a humanização dos animaes. Os factos, que contribuem para esta maneira de aprender, provam sómente a capacidade do animal para, pela experiencia sensorial, formar novas associações de impressão; mas isto é uma faculdade sensorial, a lembrança, e não intelligencia. Sómente por uma absurda confusão dessas duas concepções se poderia apontar como prova da intelligencia dos animaes esta segunda maneira de aprender.

A este modo de aprender pertence egualmente aquelle, que Thorndike chama "aprender por acaso". Como Romanes tivesse affirmado que muitos cães e gatos aprendem a abrir uma porta pelo raciocínio, fez Thorndike muitas experiencias com esses animaes, collocando-os em uma gaiola, cuja porta podia ser aberta pela simples pressão sobre uma tranqueta. O resultado foi que cada um desses animaes a primeira vez, que conseguia fazer o movimento, pelo qual se abria a porta, era sempre por simples coincidência. Por esta experiencia sensorial se formava nelles, aos poucos, uma exacta associação entre aquelle movimento e a tendencia de sahir. A pergunta, se cães e gatos aprendem a abrir a porta por simples coincidência, responde Thorndike com franca affirmativa: "Certamente!". Entretanto; em todas as suas experiencias, não conseguiu elle descobrir da parte dos animaes nenhum signal de inferencia. Um animal podia ver outro, ainda que uma porção de vezes, abrir a porta; nunca, porém, lhe veio a idéa de combinar causa com effeito e, por isso, tambem nunca fazia a tentativa de imitar aquella manobra. Thorndike resume o resultado de suas experiencias nas seguintes palavras: "As minhas experiencias sobre a conducta desses animaes durante os mezes, que passei com elles, não apresentaram um unico caso, que ao menos se parecesse com a função de pensar." De suas experiencias posteriores com macacos, que deram identicos resultados, trataremos no capitulo seguinte.

3. O terceiro modo de aprender é aquelle, em que a nova maneira de agir do individuo tem a sua explicação sómente na adaptação de experiencias anteriores a novas circumstancias. Aprender por este meio dá uma prova real da intelligencia do individuo; pois, este caso, não bastam as novas associações de impressão, formadas directamente pela experiencia sensorial (segundo modo de aprender), mas se exige um elemento psychico essencialmente mais elevado: a comparação intelligente das circumstancias anteriores com as novas e a deducção tirada dessa comparação. Tal maneira de aprender não póde ser explicada sem a faculdade de uma visão verdadeira das relações entre causa e effeito, entre meio e fim. Este modo de aprender presuppõe no que aprende uma intelligencia no sentido verdadeiro e estrito da palavra. Por isso devemos verificar com cuidado se nas formigas ou nos

ARVORE NOVA

animaes superiores encontramos esse modo de aprender, que, com segurança, nos aponta a existencia desses factores psychicos. Disto concluiremos se podemos ou não attribuir-lhes intelligencia.

Já demonstrámos em varias passagens de nossos escriptos que ás formigas falta a faculdade intelligente de deducção. Não sómente, deixam de existir factos, que não tenham explicação sem aquella faculdade, mas, por outro lado, ha não poucos factos, que não se coadunam com tal supposição. A submissão incondicional, aos seus roubadores, mostrada pelas formigas "escravas", nascidas de nymphas roubadas; a incapacidade das formigas de utilizar intelligentemente a sua faculdade de construir para novos mysterios, como, por exemplo, construir uma ponte até o mel; o cuidado, com que as formigas criam as larvas da *Lomechusa*, apesar do prejuizo, que depois ellas lhes causam, — estes e outros factos provam contra a supposição de terem as formigas uma faculdade intelligente de deducção. Mas tambem aos animaes superiores, como ás formigas, falta este factor psychico. Os macacos, em plena natureza desde seculos, ainda não aprenderam o uso do fogo; e, apesar das numerosas experiencias, que o acaso lhes tem offerecido, ainda não chegaram a usar como armas os galhos das arvores e as pedras; no seu instincto de adopção, enfim, mostram os animaes superiores signaes de completa inintelligencia, tal como as formigas na criação da *Lomechusa*. As mais modernas experiencias de Thorndike, Kinnaman e Hobhouse com macacos, de que trataremos no proximo capitulo, tambem demonstraram cabalmente que até a estes vertebrados, os mais elevados e mais parecidos ao homem, falta a capacidade de pensar.

Assim nas formigas, como nos animaes superiores, apresenta-se-nos a mesma problematica contradicção no modo de agir, que foi tambem, evidenciada por Thorndike: por um lado, conseguem aprender muita coisa por propria experiencia sensorial, assim aperfeicoando ou alterando os instinctos herdados, dentro de certos limites; por outro lado, entretanto, não conseguem aprender, a despeito das experiencias agradaveis ou desagradaveis, por mais que se repitam. Como se explica esta contradicção? Sómente pela differença, que ha entre a segunda e terceira forma do aprender espontaneo. Enquanto as novas associações de impressões, formadas directamente pela experiencia sensorial, são sufficientes para modificar a maneira de agir do animal, este conseguirá aprender espontaneamente; mas, quando para tal fim é necessario tirar deducções intelligentes de circumstancias anteriores para novas, então o animal nada consegue aprender. Em outras palavras: a capacidade de aprender do animal attinge o ponto, em que basta a memoria sensorial; onde começa a acção da intelligencia, finda aquella capacidade no animal, mas continúa no homem. A differença essencial entre a capacidade espontanea de aprender do animal e a do homem consiste em que o terceiro modo de aprender existe neste, e falta naquello. No

decimo capitulo "Experiencias de intelligencia em alguns animaes superiores" apresentaremos mais alguns testemunhos em favor do nosso asserto.

Os seguintes são os tres modos de aprender por influencia extranha.

4. O quarto modo de aprender é pela imitação de outros individuos, com os quaes o aprendiz tem relações. É o degrau mais baixo do aprender por influencia extranha. Assim como o primeiro modo do aprender espontaneo, tambem este tem ligação intima com os phenomenos reflexos e delles se transmite ás actividades psychicas. Quando, em sociedade, alguém boceja, bocejam tambem outros, que o veem, naturalmente; podemos mesmo dizer por influencia reflexiva. A percepção do bocejar do primeiro individuo produz nos outros immediatamente um movimento reflexo para o bocejo. Assim tambem deve acontecer com os animaes ao simples imitar instinctivo do proceder do companheiro. O elemento psychico da percepção sensorial é aqui sómente o momento da solução. Mas quanto menos a acção imitada é em si simplesmente reflexa (como o bocejar), tanto mais influem os elementos psychicos na acção de imitar, de sorte que, com razão, se pode fallar de um "aprender por imitação".

De antemão se pode avaliar o papel importante, que este modo de aprender tem entre os animaes, que vivem em sociedade. Entre as formigas, encontramos muitos factos biologicos, que isto demonstram. A influencia do espirito de imitação é evidente na perseguição dos coleopteros do genero *Dinarda* nos meus ninhos de observação, com especialidade num grande ninho de *Formica sanguinea* com varias especies de escravos. Quando uma ou algumas formigas começaram a perseguir a *Dinarda* recém-chegada, ellas, dentro de pouco tempo, foram imitadas por muitos individuos, senhores ou escravos, que ainda não haviam encontrado aquelle insecto ou que o haviam mesmo ignorado no primeiro movimento: o exemplo das companheiras é que as incitava a atacar a intrusa.

O aprender por imitação inda é mais evidente no recebimento de novos verdadeiros hospedes nas colonias de formigas, principalmente nas colonias mixtas da *Formica sanguinea*. Nestas, o coleoptero *Atemeles emarginatus* só era recebido com sympathia, ou quando a referida colonia tinha um bom numero de formigas fusca como operarias, ou quando a referida colonia tinha um bom numero de *Formica sanguinea* em um vidro com o novo hospede deitando depois todos juntos no ninho. No primeiro caso eram as fuscas, que recebiam o coleoptero e o introduziam na companhia das *sanguinea*; no segundo, eram as *sanguinea*, que por causa do prévio isolamento no vidro se haviam aproximado do coleoptero, lambendo-o finalmente. Verifiquei, por experiencia, que aqui ha verdadeiro aprender por imitação, e que não é sómente o cheiro da saliva das formigas, que faz as outras da mesma colonia receber o coleoptero, lambido por uma companheira. O mesmo se deu numa colonia mixta de *Formica pratensis*, e *F. fusca*, na qual, aquil-

la, pelo exemplo desta, aprendeu o modo de tratar o coleoptero.

Quão importante é a tendencia de imitar para a vida social da formiga, avalia-se a faculdade de comunicação, que ellas possuem, por meio da chamada linguagem das antenas, a qual nenhuma utilidade teria sem aquella tendencia. Pois, as pancadinhas, que uma formiga dá na cabeça da outra, tem como effeito primeiro e principal chamar a attenção della e assim a induzir a seguir ou imitar a primeira.

E' conhecida a importancia, que tem a tendencia á imitação para a vida psychica dos animaes superiores. Um cão, que late, raramente ficará sem um éco de seus collegas, que o oiçam. Tambem um novo cão de caça, em companhia de um mais velho, poderá pela tendencia á imitação aprender muita cousa, que pela propria experiencia sensorial elle aprenderia, muito vagarosamente ou não aprenderia nunca. Nos recém-nascidos dos animaes superiores, que vivem em familias ou manadas, o exercicio instinctivo dos mecanismos reflectores innatos é promovido pela tendencia á imitação. A chamada instrução, que as aves e os animaes ferozes administram aos seus pequenos, baseia-se psychologicamente no facto de aquelles sentirem prazer em brincar com os filhos e instinctivamente lhes mostrar muitas habilidades, que estes instinctivamente imitam e assim "aprendem". Para o gatinho aprender a pegar o rato, por exemplo, a gata lhe traz um rato ainda vivo, que serve aos dois para caça. Desta maneira, fazendo os recém-nascidos varias experiencias sensoriaes innatas mais rapidamente em companhia dos paes, do que afastados delles, o quarto modo de aprender completa e confirma o segundo.

O incitamento á imitação é tão desenvolvido no macaco, que já se tornou proverbial. Mas justamente a palavra "macaquear" demonstra que não devemos admitir nos macacos intelligencia individual para explicar a função desse incitamento. A capacidade de imitar no macaco é, entretanto, muito mais vasta do que na formiga, principalmente por causa da maior perfeição e mutabilidade de sua expressão physiologica. A chimpanzé "Maia", de Knauer, no seguinte capitulo, nos dará disso um excellento exemplo. Mas que isso seja uma prova da existencia de verdadeira capacidade de pensar, portanto de intelligencia, no verdadeiro sentido da palavra, não se póde admittir, nem quanto ao macaco, nem quanto á formiga. O quarto modo de aprender, em todos os animaes, assenta na instigação á imitação, provocada pela percepção sensorial externa, portanto nas faculdades perceptiva e appetitiva.

5. O quinto modo é o aprender dos animaes pelo amestramento. E' um aprender por influencia extranha e se parece, por isto, com o quarto modo de aprender, pela imitação. Diferencia-se deste, porém, pelo facto da influencia modificadora se originar de um ente intelligente, que por esta influencia modifica os originaes processos instinctivos do animal. O aprender do animal pelo amestramento é conseguido por dois facto-

res essencialmente differentes: primeiro, a instinctiva faculdade perceptiva dos animaes, pela qual elles podem, como no segundo modo, formar novas impressões e as conservar na memoria, e segundo, a intelligencia do homem, que aproveita aquella faculdade para fazer certas impressões sensoriaes, repetidas com regularidade, agir sobre o animal e assim produzir na memoria destes as desejadas combinações de impressão. O aprender do animal pelo amestramento é portanto sómente uma prova da intelligencia do homem, não do animal.

O amestramento não precisa, todavia, ser intencional em todas as minudencias. O principal elemento no amestramento do cavallo, o "intelligente Hans", eram os movimentos quasi imperceptiveis de seu amestrador, quando montado; entretanto, na experiencia psychologica desse cavallo, da qual trataremos pormenorizadamente no seguinte capitulo, ficou evidenciado que o amestrador delle, o Sr. von Osten, nem os considerava como elemento amestrador. Tambem eu, como veremos em breve, eduquei as formigas de meus ninhos de observação para a caça de coleopteros do genero *Dinarda*, sem ter no começo tal resultado em vista.

Até certo ponto tambem as formigas são susceptiveis de serem amestradas. Eu consegui, dentro de curto espaço de tempo, amansar uma formiga brava, *Formica rufibarbis*, ao ponto della lambem mel da ponta de meu dedo. No mesmo ninho de observação da *Formica sanguinea*, consegui amestrar as formigas; de maneira que ellas conservavam completamente limpos seus aparelhos digestivos e usavam para defecar um tubo de vidro, inteiramente separado daquelles. Tambem a inclinação das formigas daquelle ninho para a perseguição da *Dinarda* e habilidade dellas na caça da mesma foram, de algum modo, adquiridas pelo amestramento; muito frequentemente me utilisava daquelle ninho para observações sobre as relações sociaes das especies *Dinarda*, dando assim ás formigas occasião de, por suas proprias experiencias sensoriaes, se aperfeçoarem como caçadoras de *Dinarda*, cousa, que nunca teriam tido occasião de fazer em plena liberdade.

Entretanto, os animaes superiores se deixam amestrar com muito mais facilidade do que as formigas. Mas a razão para isto não está tanto na superioridade psychologica daquelles, mas principalmente no facto de faltarem ao homem quasi todos os meios de comunicação para o amestramento das formigas, emquanto lhe sobejam muitos para amestrar os cães e outros vertebrados. Entre o homem e a formiga ha enorme differença, quanto a tamanho e natureza dos órgãos sensoriaes, pelos quaes se fazem sentir as impressões sensoriaes. Ao contrario, a differença entre o tamanho do homem e o dos animaes superiores é muito menor e os órgãos sensoriaes de ambos tem estrutura semelhante. Principalmente os sentidos da visão e do ouvido prestam os mais importantes serviços no amestramento dos animaes. Já Aristoteles observou que sómente aquelles animaes, que tem ouvido, eram susceptiveis de ser amestrados, pois

ARVORE NOVA

sómente elles aprendem a obedecer á voz do homem.

Admittindo que o homem fosse um ente do tamanho e estructura da formiga, com os órgãos sensoriaes desta, e principalmente com um par de antenas, conservando entretanto a sua intelligencia, emquanto a formiga tivesse somente as suas faculdades perceptiva e appetitiva, então seria sem duvida muito mais facil ao homm communicar-se com a formiga e amestral-a. Quando a gente se lembra de que as formigas apesar de sua falta de intelligencia, unicamente pela propria experiencia sensorial, podem chegar a conhecer como verdadeiros hospedes e legitimos companheiros certos coleopteros (*Atemeles*, *Lomechusa*, *Claviger*, etc.), apesar de pertencerem a especies completamente diversas, então se deve admittir que, si o homem intelligente fosse parecido com a formiga na sua estructura, nos seus órgãos de comunicação e sensoriaes, elle teria muito mais facilidade de amestrar a formiga, do que nas condições actuaes. Desta hypothese se evidencia, pelo menos, que a maior capacidade dos animaes superiores se deixarem amestrar não se deve attribuir a uma faculdade psychica, em essencia, superior á das formigas.

Em capitulos anteriores, já provámos que a educação dos animaes superiores assenta na maior ou menor dotação psychica dos mesmos. O resultado daquella syndicança foi a prova da intelligencia humana, mas não animal; o vehiculo da educação são as faculdades sensoriaes perceptiva e appetitiva; como incentivo, actuam principalmente, a fome e o medo do castigo corporal. Como já vimos na primeira e segunda maneiras de aprender, o animal consegue aprender espontaneamente, tanto pelo exercitamento instinctivo de mecanismos reflectores innatos, como também por experiencias sensoriaes, que produzem novas concepções perceptivas; ha ainda a propensão animal á imitação, que é a quarta maneira de aprender. Dessas tres faculdades é que o homem se utiliza para amestrar os animaes, obrigando-os a exercitar-se em determinados movimentos reflexos: assim se ensinam ao cavallo os diversos modos de marchar. O homem obriga o animal a imitar determinados movimentos arbitrarios, que lhe mostra, e adoptar determinadas posições, que não são absolutamente naturaes; assim aprende o cão a por-se em pé nas patas trazeiras e a carregar e buscar objectos. Finalmente, pela insistente repetição das mesmas impressões sensoriaes, se gravam novas concepções na memoria sensorial do animal; assim, o cachorro "Van", de Lubbock, aprendeu finalmente a ler, tendo sido amestrado a ir buscar a taboleta com a inscripção "food" (comida), quando elle estava com fome. Da mesma maneira, o celebre cavallo, o "intelligente Hans", do Sr. von Osten, aprendeu a ler e calcular. Não se pode admittir que para tal haja participação da intelligencia do animal, mas sómente da memoria sensorial do mesmo e da intelligencia do professor.

6. O sexto modo de aprender é o aprender intelligente. Aqui não deve o alumno,

como na quinta maneira, conservar sómente aquellas impressões, que o professor lhe despertou por consecutivas impressões, mas é preciso saber dellas tirar espontaneamente conclusões. Este aprender exige a preexistencia daquelle, o qual lhe serve de base, mas o ultrapassa muito. Comprehende também o quarto modo de aprender, pela imitação instinctiva. Assenta, além disso, nos tres primeiros modos de aprender, principalmente no segundo e terceiro, do aprender espontaneo; pois exige como condição necessaria poder o aprendiz formar, pela experiencia, novas concepções (segundo modo), e de experiencias anteriores tirar novas conclusões (terceiro modo). Justamente pela sua relação com a terceira maneira de aprender espontaneo é que a sexta maneira se distingue em essencia da quinta, o aprender pelo amestramento. Assim como é impossivel aprender por iniciativa propria tirando conclusões, sem a capacidade de tiral-as, isto é, sem uma intelligencia no verdadeiro sentido da palavra, assim também o aprender pela instrucção é impossivel, se o aprendem não tem intelligencia. Se lhe falta a faculdade de deducção, elle não irá além das concepções, que lhe forem impressas pela sua propria experiencia sensorial ou pela influencia do professor; elle não conseguirá elevar-se na escala psychica, não poderá aprender pela instrucção a fazer conclusões por iniciativa propria: emfim, não poderá aprender a pensar, porque lhe falta a capacidade de pensar.

Quando uma criança aprende a ler e escrever, eleva-se, aos poucos, dos ultimos graus do aprender aos mais altos. Não aprende sómente a imitar e combinar mechanicamente determinados sons e signaes, mas aprende a também comprehender o sentido daquelles symbolos phoneticos e graphics. Por isso, poderá finalmente dar por meio da palavra e do escripto uma expressão propria ao seu pensamento. Até o filho do selvagem mais rude tem a faculdade de, por instrucção extranha, aprender novas verdades e nellas se aprofundar. E' este um facto comprovado pela historia das missões modernas. Trata-se, pois, somente de saber se os animaes teem também essa capacidade. A resposta já a tivemos, ao examinar o terceiro modo de aprender: o animal não consegue de experiencias anteriores tirar conclusões para novas circumstancias; não consegue, portanto, tampouco aprender pela instrucção. Falta á psyché do animal o necessario elemento para isso: a intelligencia.

Demos ainda alguns exemplos. Mesmo depois de amestrado durante longo tempo, o cachorro "Van" de Lubbock não chegara a comprehender a relação, que havia entre a palavra escripta e a idéa, que ella exprimia. Pois falhou por completo a tentativa de amestral-o no trazer correctamente as taboas, designadas com riscos pretos, de 1 a 3. Também nunca passou pela cabeça de "Van" instruir-se na leitura a cachorrinha "Patience". Esta, por sua vez nunca teve a idéa de aproveitar-se das experiencias de "Van" instruir na leitura a cachorrinha que elle obtinha comida, sempre que trazia a taboa marcada "food". Faltava a ambos

a capacidade de pensar. Também não a tinha o celebre cavallo do Sr. von Osten, o "intelligente Hans", cujas habilidades em leitura e calculo foram pelas observações do professor Stumpf e O. Pfungst reduzidas a simplissimas leis de amestramento. No seguinte capitulo trataremos mais detalhadamente desse "intelligente Hans".

Tem-se phantasiado bastante sobre uma instrucção intelligente, que se diz ser ministrada por alguns animaes superiores aos seus filhos na arte de andar, voar, comer, caçar, etc. Mas, despindo-se os factos de todos os exaggeros, fica toda a pretendida instrucção reduzida a uma simples excitação instinctiva, por parte do adulto, da tendencia para imitação do recém-nascido; nesta excitação é o aprendiz auxiliado no exercicio do seu mecanismo reflector innato, podendo, além disso, fazer muitas descobertas sensoriaes, que sózinho elle não faria. Este pertence ao quarto modo de aprender, combinado com o primeiro e segundo. Mas que haja uma instrucção intelligente dos animaes pequenos por parte dos velhos, não se pode absolutamente affirmar. Applicar a palavra instrucção a taes processos é um anthropomorphismo.

Contam-se muitas anedotas de papagaios, estorninhos e outras aves, que aprenderam a fallar após uma instrucção ministrada pelo homem. Mas tambem aqui, depois de observação mais profunda dos factos, se verifica que elles nada teem, que prove uma percepção intelligente por parte do animal. Pelo amestramento o homem aproveita a tendencia de imitar do animal para ensinar-lhe a repetir certos sons em determinada ordem. Mas não existe prova de que o passo de facto comprehende intelligentemente o conjunto daquelles sons. Causa uma hilaridade especial o estropiado, que costuma fazer o passaro das phrases, que lhe foram sacadas. Estes facaos se explicam pela faculdade perceptiva do animal, pela qual elle fórma em sua memoria novas associações perceptoras; a apparentemente intelligente coordenação dessas associações é conseguida pela intelligencia do homem, que amestra o passaro para a falla. Mas os fallados gracejos que, affirmam, terem sido feitos espontaneamente por papagaios fallantes, pertencem ao dominio das fabulas, as quaes podem ser apreciadas por algum temperamento poetico ou algum sentimental amador de bichos, mas que nenhum valor podem ter para um naturalista serio, que tenha noções de psychologia.

Resumamos o conteudo deste capitulo. Em virtude de factos biologicos, devemos contar os seguintes modos de aprender:

I. pela acção individual;

1. pelo exercicio instinctivo de mecanismos reflectores, os quaes são solucionados pela sensação muscular do individuo;

2. por experiencia sensorial, pela qual se formam novas associações perceptoras e appetitivas (memoria sensorial);

3. por experiencia sensorial e deducção intelligente de circumstancias anteriores para novas (memoria sensorial e intelligencia);

II. por influencia extranha:

4. pelo excitamento da tendencia para imitar, provocado pelo exemplo alheio;

5. pelo amestramento, pelo qual o homem, de accordo com a sua orientação, imprime em outros individuos sensitivos novas associações perceptivas e appetitivas;

6. pela instrucção intelligente, pela qual um individuo intelligente ensina a outro, não sómente a formar novas associações perceptivas, mas tambem tirar novas conclusões de conhecimentos adquiridos.

Desta exposição concluímos que:

1. Sómente o homem pode aprender por todos os seis modos. Os animaes teem, conforme o grau de dotação psychica de cada um, ou sómente o primeiro, ou o primeiro e quarto, ou o primeiro, segundo, quarto e quinto reunidos;

2. as formigas, assim como os animaes superiores, podem aprender pelo primeiro, segundo, quarto e quinto modos;

3. sómente o terceiro e sexto modos de aprender provam a existencia da intelligencia no aprendiz; os demais modos nenhuma prova são para tal;

4. o axioma da moderna psychologia animal: "O aprender por experiencia individual é uma prova de intelligencia", fica completamente annullado;

5. os animaes, como não conseguem aprender pelo terceiro e sexto modos, não possuem intelligencia.

A Pagina de Dedicatória

Puz-me a recordar, outro dia, uns episodios da minha vida, que o tempo apagou, mas a memoria conserva.

Dentre muitos, um vale a pena ser contado. Cursava eu o primeiro anno juridico, numa das faculdades do paiz e era, como quasi todo o estudante de direito, um aspirante a plumitivo.

Escrevia as minhas literatrics e epirito ainda implume, tinha, todavia, já, a minha pontinha de vaidade...

De uma feita, travei conhecimento com uma certa dama que era, segundo me informaram, um bello espirito literario.

A's primeiras conversas, observei que a "minha confreira", como emphaticamente lhe chamava, possuia, na realidade, evidentes pendores para as letras, discorrendo sempre sobre ellas com encantadora intelligencia...

Affinidades intellectuaes fizeram-nos assiduos nas nossas palestras, que só agora me deixam pensar em como deveriam ser frivolas, da minha parte...

Ora, lá um dia, a minha confreira lamentou que á sua bibliotheca faltassem os *Poemas e Canções* de Vicente de

ARVORE NOVA

Carvalho, autor que eu, a toda hora, exaltava, repetindo enternecido os versos do "Pequenino Morto".

— Trago-lh'o, amanhã.

— Deveras?

— Póde reservar o melhor cantinho de sua estante para o delicioso lyrico.

— Entre Alberto e Bilac?

— Magnifico!

E no dia seguinte, comprava eu á livraria Catilina o volume dos *Poemas e Canções*, que deveria levar á minha confreira para supprir aquella falta imperdoavel.

Mas entregaria o livro assim, sem uma dedicatória? Não.

Era preciso escrever uma pagina bonita de offerenda.

Torturando-me a Flaubert, fiz uma dedicatória requintada, envolvendo os versos do poeta e a intelligencia da minha amiga.

A' tarde daquelle dia — uma tarde de evocação e de saudade — encaminhei-me, rumo de sua casa, para dar-lhe o presente.

O percurso era feito a bonde e era longo.

No caminho, fui repetindo mentalmente a pagina escripta, que me pareceu, hora antes, admiravel.

Com a reflexão, amudereceu o pensamento e, subito relampejou na cabeça uma idéa salvadôra:

— Eu não devia presentear aquelle livro com a estulticia daquelle pagina manuscrita.

Quem me diria que aquillo estava verdadeiramente apreciavel?

E antes de chegar o bonde á porta da minha confreira, desembrulhei o volume e arranquei-lhe cuidadosamente a folha compromettedôra, que antecedia (vejam só!) o prefacio de Euclides da Cunha.

Quando, momentos depois, amavelmente, a senhora me pediu que registrasse, com o meu autographo, a offerta preciosa, foi com a maior e a mais sensata simplicidade que eu, desafogadamente escrevi:

A... X...,

lembrança de P. C.

E assim me livreí, providencialmente, de sentir remorsos de ter escripto essa pagina — hoje, que, desgraçadamente, me falta aquella lucidez para inutilisar quanta coisa frivola, que me parece bôa (ah!) e me escorre da penna...

CONFIDENCIAS...

Minha senhora:

Entretive-me hontem a palestrar, durante largas horas, quer saber com quem?... com a sua deliciosa e encantadora amiga, Mme. B..., cuja palavra vibrante e fluente sempre foi para nós um doce enlevo, constituiu sempre o nosso melhor prazer espiritual, o vinho saboroso e fino por excellencia, o nectar cobigado, que, quanto mais se prova mais se deseja, quanto mais se bebe, mais se quer.

Falamos um pouquinho de tudo: da sua criminosa modestia, minha senhora, recusando-se a apparecer de novo nos salões que deslumbrou pela sua belleza e pela sua elegancia e que ainda conservam, religiosamente, enamorados fieis que sempre foram, o perfume da graça, o esplendor sem par do seu privilegiado espirito; do ridiculo da moda actual que desfigura de todo a mulher, alterando-lhe impiedosa a pureza das suas linhas naturaes; das obras da Exposição, que mostrará ao mundo o que somos e o que valemos, tudo o que temos realisado em cem annos de vida autonoma; e, principalmente, minha senhora, da proxima mobilisação decretada pelo Governo para a grande parada do Centenario.

Mme. B..., como sabe, é mãe; e mãe exfremosa que encarna, na perfeição, todos os dons que fizeram da brasileira a mais carinhosa, a mais devotada, a mais desinteressada, a melhor de todas as mães.

Mas, nem por isso, minha senhora, os labios de Mme. B... se abriram para pronunciar uma queixa, fundamentar uma accusação... Antes floresceram num maravilhoso sorriso, que era approvação, que era applauso, que era estímulo, que era orgulho justificado, que era patriotismo...

Mme. B... tem um filho, que será mobilizado.

— Quero vel-o no dia da grande parada, disse-me ella, envergando, garboso, o seu uniforme de gala. Quero assistir ao desfile imponente da tropa, que vae dar a todos nós a consolação de sentir que o paiz não está desprovido e, antes, aparelhado para defender o seu nome e a sua honra.

São palavras estas, minha senhora, que satisfazem, que animam, que envaidecem, que consolam.

Ah! si todas as mães brasileiras pensassem como Mme. B..., tivessem a sua coragem, a sua fé, o seu entusiasmo! que de lagrimas não seriam enxutas, que de dores não seriam abafadas!...

Cada conscripto que parte para o cumprimento do dever se vê entrelaçado num circulo enorme de affectos, que se a muito custo consentem que elle se vá.

Não o confortam; não lhe alevantam o brio. Não o fortalecem no momento triste da partida.

Aconselham-n'o a que deserte, a que fuja... Deprimem-n'o. Amesquinham-n'o.

Proferem injurias e blasphemias contra a sorte que o vae arrebatado ao regaço bemfazejo da familia...

O que será então de nós, a mim mesmo pergunto, minha senhora, na hora fatal e inevitavel em que a guerra nos bater á porta com todo o seu cortejo enorme de horrores e miserias, de prantos e gemidos?...

Ficaremos em casa, agachados e humildes, á espera que o inimigo nos poupe, generoso, a honra e a vida?...

Ficaremos assistindo, impassiveis, aniquilados, sem que o sangue nos lateje celerementen as arterias e o rubor nos suba violentamente ás faces, a vilania da affronta?...

Ficaremos inertes ante o crime?... Ante os nossos campos devastados e revolvidos pelo tacão brutal do estrangeiro?... Ante os nossos lares enlameados e destruidos?...

Não; mil vezes, não.

Affirmar o contrario seria repudiar o nosso passado, renegar a nossa historia, desmentir as nossas tradições de bravura, de dignidade, de nobreza, de desinteresse.

De norte a sul formariamos, por sem duvida, um bloco uno, coheso e indestructivel para rebater a offensa e levar de vencida, ao clamor do nosso odio e na ponta das nossas baionetas, os exercitos invasores.

Mas para que isso se possa dar no momento do perigo, quando soar o instante necessario da adversidade, minha senhora, mister se torna que estejamos preparados, que o paiz conheça o numero de soldados mobilisaveis de prompto, á primeira chamada, que entre na posse de todos os seus recursos, de todas as suas reservas inexgotaveis de materias primas e que a sua capacidade de energia e de trabalho se multiplique e desdobre.

E' isso que o Governo, decretando a mobilisação do Centenario, quer saber e averiguar.

E' o primeiro ensaio a ser feito, em nossa terra.

E' a primeira tentativa que vae ser realisada, posta em execução.

Cumpre-nos a todos prestigial-a e amparal-a.

A senhora, minha amiga, ante cujo patriotismo eu presto o tributo do meu respeito e da minha admiração, diga isso mesmo ás mães de seu conhecimento, que tiverem um filho mobilisado para a formatura.

Faça-lhes sentir a necessidade em que está o paiz, quando ainda a força domina o mundo, de mostrar-se aos olhos do estrangeiro ambicioso aparelhado e destemido para o que der e vier.

Não tenha receio.

Não se amedronte.

Guie. Inspire. Auxilie.

E veremos todos, com o seu exemplo fecundo e generoso, no dia da grande parada, milhares de moços brasileiros affirmando, conscientemente, aos povos que nos derem a honra de sua visita, que já somos na balança que o valor accusa um coeffericiente que não póde mais ser desprezado ou esquecido.

PAULINO DE BRITO FILHO.

Dois vemos, ultimamente, dois livros admiraveis: *De Hermes Fontes ti- de A lampada velada e Hermes Fontes Despertar!*

Na obra desse poeta sempre novo, dono de recursos inextinguiveis de expressão, de soberba plastica verbal, *A lampada velada* occupa, talvez, lugar áparte, pelo recolhimento profundo e pelos accentos dolorosos da inspiração que a produziu.

O artista que, em *Apotheoses*, cantára o seu entusiasmo heroico pela vida, e, em *Genese*, delineára o seu pensamento commovido diante do milagre do mundo, em *A lampada velada* deixa-nos ouvir, simplesmente, o rumor surdo e abafado do seu rio interior de soffrimento, rolando aguas perennes por entre a fria indifferença das cousas.

Despertar! é um canto brasileiro. Livro de circumstancia quasi, encerra comtudo paginas de poderoso influxo e duradouras vibrantes do entusiasmo do poeta e do seu arrebatado fervor pela patria e do seu arrebatado fervor pela alma do Brasil.

DEFEZA MORAL

Um dos aspectos mais bizarros da educação no Brasil, é o pouco cuidado que se tem entre nós pela educação moral do alumno. Desde a escola primaria, a creança não encontra no mestre a assistencia moral assidua e justa, indispensavel á formação do character do futuro cidadão. Nos lyceus, os professores mais preocupados em instruir que educar, apenas se limitam a ensinar a maior quantidade de conhecimentos, sem mesmo observar se o discipulo raciocina. A ultima etapa é a escola superior, onde os cathedraicos se atiram ás dissertações scientificas com ou sem methodo philosophico, sem contracto de outra especie com o educando, a quem julgam exclusivamente pelo merecimento intellectual.

Que isto é um erro, e que este erro vem de longe se perpetuando nos costumes escolares, prova a tremenda crise de character que atravessamos, cada vez mais aggravada pelo rompimento com as boas tradições moraes.

E' excusado repetir o estado de anarchia, de corrupção, de aviltamento, que se nota em todas as classe sociaes, fructo das más tendencias humanas, não combatidos nem na familia, nem na escola, nem nos meios profissionaes.

Se a educação moral começa na familia, é na escola primaria, na vida em commun com os collegas da mesma idade, que mais patentemente e com mais frequencia se manifestam as virtudes e os defeitos da creança, e ao professor cabe auxiliar a familia, ou mesmo proteger o character em formação, quando, como é corrente, a creança está exposta ao exemplo deprimente de paes immorales.

O professor primario tem descurado muito da grande responsabilidade que lhe cabe na formação moral, muito delicada, da creança, deixando que a luta entre a virtude e o vicio se estabeleça livremente no individuo, guardando uma neutralidade criminosa.

Passando aos lyceus, encontram os seres assim desprevenidos para o combate ás más tendencias, campo vasto, pelo contacto mais numeroso com meio mais heterogeneo, para o desenvolvimento do mal.

Apenas adolescentes, receptaculos das primeiras impressões, na idade em que

a comprehensão começa a manifestar-se, o convivio dos malvados precoces é o caminho aberto para a baixeza

E' neste momento, com o apparecimento dos primeiros signaes de virilidade, que desabrocha o character do homem.

O prazer da lisonja, a sensação da intriga, a maldade da delação, se não encontrarem na intelligencia e na justiça do ducador barreira invencivel, serão as sementes que se transformarão em seguida em vicios arraigados.

A escola superior, com as liberdades para que o rapaz não vem preparado, completam a obra.

Pela sua natureza, não podem os mestres educar moralmente os seus alumnos, senão observar apenas os caracteres que se impõe, e constatar com tristeza a existencia daquelles a quem terão que deferir um juramento grave, que, de antemão, sabem, não será talvez cumprido.

E' na escola superior que as competições em mais vasto scenario se tornam mais intensas, como preliminar da luta ampla do dia de amanhã.

Os que podem vencer pelas suas qualidades moraes, são alvo da inveja dos mais fracos, das suas intrigas, e não raro das suas calumnias. Os incapazes de subir pelo esforço e pelo trabalho, começam a campanha ingloria do descredito, do menosprezo, da miseria, que se prolonga depois como habito adquirido pela vida inteira

Dá-se a cada alumno que sae de uma escola superior um titulo scientifico que o habilita ao exercicio de uma profissão, mas, nada se lhe exige para o cumprimento dos deveres dessa profissão!

E' um crime conceder o titulo a um medico, a um advogado, a um militar, porque tenha concluido um curso, sem inquerir das qualidades moraes do individuo que se vae dedicar a profissões que exigem o maximo de moralidade para o seu exercicio.

Recusa-se a outorga do diploma pela simples reprovação em uma cadeira do ultimo anno. Muito mais justo seria negal-o a quem não tem qualidades moraes para se sacrificar pelo juramento que faz.

Meditem os que exercem o magisterio, e meditem os que fazem do magisterio uma industria.

HORACIO FORTES.



ARTE

Um "Fusain" notavel

Após a exposição sensacional de Martinez Cubells, temos agora a de outro hespanhol: Casanovas (D. Francisco). O que aquelle tinha de juventude no arrojo impressionista, tem este de fazer tudo a carvão, dando-nos, no genero quanto póde haver de vida harmoniosa e encantamento na paisagem. E' de ver que segurança de technica e espiritualidade intensa enriquecem os aspectos, que vão da melancolia ao prazer, do remanso das águas ás coleras dos elementos, dos invernos tristes á primavera sonóra.

Casanovas pinta com o carvão. Ha effeitos rutilos de sol, poentes de sangue, alvoradas luminosissimas; rios que deslisam, prestes, cantantes, sobre pedruços, sob o céu azul; arvores florindo, trescalando, agitando os ramos na cantiga epithalamica das aves.

Toda a gamma das cores exsurge, magnifica, apenas com o carvão.

"Antes de se contemplar a obra de Casanovas, disse um escriptor, não é possivel imaginar-se o que o *fusain* póde, nas mãos de um mes're, dar em valores, em expressão, em robustez e em poesia, reproduzindo em negro, na brancura do pael, os tons, os meios tons, a luz e a sombra de trechos variados da natureza, com um vigor de linhas e uma impressão de claro-escuro que as côres raramente conseguem. Mas como deve ser preciso desenhar forte e firme para attingir tão altos e luminosos effeitos com o só recurso do preto no branco, sem o prestigio muitas vezes enganador do colorido!"

Mas Casanovas é assim. O seu *Robs y Encinos* é solido de technica e cheio de demorada poesia bucolica. No primeiro plano um trecho de agua, á esquerda uns bois pastando. A direita, sentado numa pedra, um pastor em repouso olha o gado nedio, enquanto no rio um boi bebe agua suavemente. Adiante, no meio do quadro, uma faixa larga de caminho, uma grande arvore á direita, alta, recurva a galhos imensos para o lado opposto da estrada, em cuja margem outras arvores se erguem, quasi unindo no alto os ramos verdes, num abraço verde e longo.

Nos planos mais distantes pequenas arvores e montanhas que a luz acaricia, forte e estiva. Este é um dos seus trabalhos mais solidos. Mais fortes. *Aguas estancadas* é uma paisagem feita com muita simplicidade e muito movimento. No primeiro plano um bote, adiante barcos á vela, á esquerda um porto de que se vê o casario, a furto, entre arvores. Mas é preciso sentir a suavidade do céu, a transparencia da agua fixa, morta, espelho liquido reflectindo o perfil das embarcações veleiras e a abobada azul.

Primavera (5) é admiravel como factura vigorosa e interpretação do esplendor primaveril da campina. Ha em tudo uma vida a florir, um hausto de prazer renovado, uma resurreição de cantiga e de perfume, um novo sacudimento de alegria e de côr. A agua corre numa melodia sob as arvores moças de verdura e de passaraes festanças, segue bosque a dentro, clara e múrmura; os ramos se agitam á grande luz dourada,

ARVORE NOVA

as flores rescendem na immensa poesia na natureza, rebentando em graça, como uma noiva em hora nupcial. Tudo isso é feito com demasia, quasi desnecessaria minucia, bom desenho e corte feliz.

A natureza domina Casanovas, vence-o na maravilha da sua palpação; e é dentro della que elle deixa a sua alma vibrar, estuar, sacudir-se em trechos encantadores de vida forte e paz elegiaca. Dentro da natureza o artista não encontra cousa difficil de interpretar com o seu carvão e dar-lhe luz propria.

Aguas cascadeiantes, poentes rubros, auroras de verão, ramos em flor, como robles seculares, horas de quietude e borrascas, sol ou branca poeira de luar, clareiras ou montanhas — tudo esse carvão de milagre faz surgir da tēla com larga existencia suggestionadora, num impressionismo de realidade fulgurante.

Cruz de termino. Uma larga estrada num campo cheio de arvores altas e dolentes. Em meio della um cruzeiro ergue os braços no espaço immovel. O céu é sereno e alto. *Cruz de termino.* Ha nas arvores, no céu, no ambiente todo uma esparramada melancolia que nos traz a evocação muito leve, quasi ignota de qualquer cousa que se ficou num outomno languescente, que se diluiu na poeira sepia de um crepusculo muito langue e muito triste.

Casanovas que é como todo artista verdadeiro cheio de sensibilidade, põe sempre nos seus motivos uma nota de melancolia e solidude que emociona, que transmite a quem seus trabalhos contemple uma impressão longa, finalidade essa de toda obra de arte sentida na natureza. E essa mesma esthesia vibra ainda em quadros como: *De mi pueblo, Arredores de Barcelona, Boscuria* (39), *Rio Tejo-Portugal* — cada um vivendo na sua hora, na sua rutilancia, na sua vitalidade espirital. *La quinta* possui uma expressão vivida de encantamento. As arvores velhas e a agua do primeiro plano, o dia veranico, ao longe o palacio do recanto ameno — tudo fórma um conjuncto de sonoridade e de placidez. Não se pôde esquecer *Ribereña*, de tonalidades magnificas, muito lavado de sol quente, cheio de muito ar.

Casanovas pôde orgulhar-se de ter conseguido aqui um grande successo. Não faltou elogio á sua arte honesta.

O nome de Cecilia Meirelles appareceu ha pouco, subcrevendo poemas e paginas de prosa de tão caracteristico sabôr, que chamaram desde logo a attenção de todos e despertaram a mais viva curiosidade.

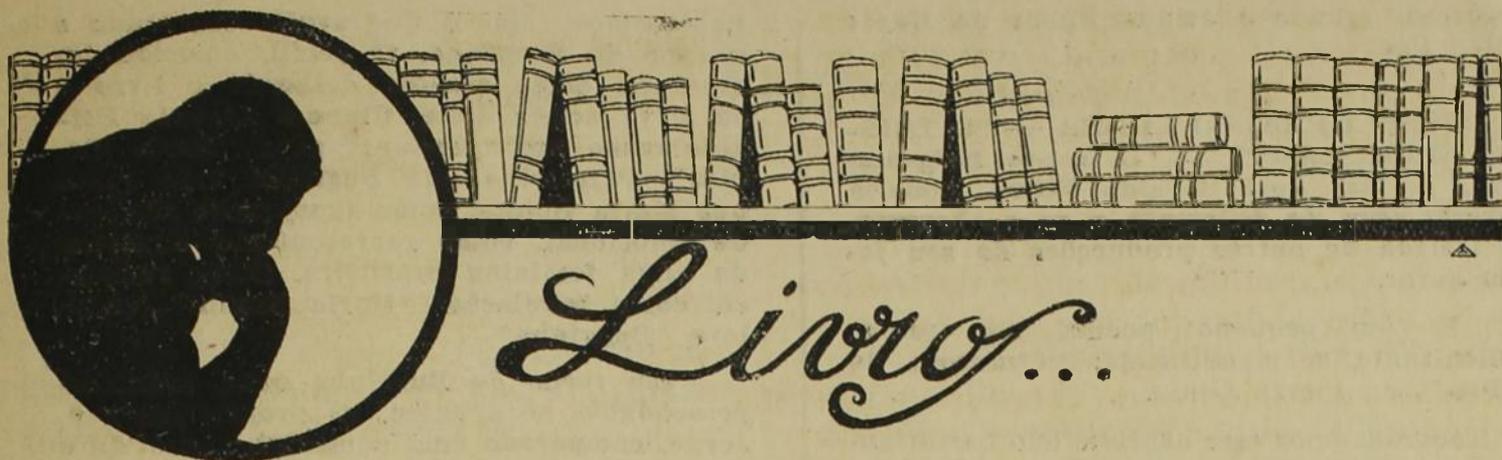
Da deliciosa harmonia dos seus versos e da novidade dos themas arrojados chegaram alguns á persuasão de que Cecilia Meirelles fosse simples pseudonymo a encobrir velho nome conhecido em nossas letras. Aos poucos se veiu a saber que aquellas lindas paginas cneias de esplendida vibração partiam mesmo de uma penna moça e feminina, destinada, sem duvida, a victoriosas relizações.

A collaboração de C. Meirelles, porém, em revistas e jornaes, tem-nos apenas dado, até agora, uma impressão fragmentada de sua intelligencia admiravel. "*Nunca mais...*", volume de poemas que dentro em pouco figurará nas montas das livrarias, virá corrigir esta deficiencia. A novidade dos ultimos, a plasticidade da forma exuberante e livre, a estranha sonoridade de alguns poemas com sugestões antigas de ambientes orientaes, serão nesse livro, motivo de surpresa e encantamento para os ouvidos mais exigentes e para as mais refinadas esthesias.

E' com o mais vivo interesse que esperamos os versos limpidos e claros de nossa illustre collaboradora, e com a mais viva alegria que os annunciamos aos leitores.

Successo e elogio bem merecidos. Nem podia ser de outro modo. Artista extraordinario no genero, reputadissimo na Hespanha, sua patria, como nos grandes centros onde ha exposto e têm chegado os seus trabalhos, Casanovas só poderia alcançar o exito que alcançou na Galeria Jorge — exito que satisfaz ao artista fusainista e honra a nossa proclamada cultura esthetica.

CARLOS RUBENS.



MARIO HORA — "TABARÉOS E TABARÔAS"

"Tabaréos e Tabarôas", do Sr. Mario Hora, livro de contos sertanejos do Nordeste, pertence ao genero "regionalista" de que tanto se abusa actualmente. A preocupação com as coisas sertanejas constitue moda avassaladora, principalmente depois que Monteiro Lobato se fez editor de infindavel série de obras daquelle genero, em prosa e verso. O acervo dessa produção é deploravel: falseamento dos caracteres, ambiente de gritante artificialidade, vocabulario em geral de emprestimo. Felizmente já se está a ver que por esse caminho a nossa literatura de ficção iria a perder-se irremediavelmente. O brasileiro é tanto o "matuto" como o littoraneo das cidades. Si o matuto constitue a reserva de energias da raça, é, em compensação, o cidadão quem mais heroicamente e conscientemente tem de reagir contra os influxos exóticos, quem a cada passo é obrigado a affirmar a sua individualidade propria ante os pruridos de imitação e desnacionalisação. Passada a "vôga" do regionalismo literario, poderão os "sertanistas" lembrar-se de que nossa literatura de ha muito conta com excellentes obras do genero, anteriores á "moda" (algumas esquecidas), como os romances de Franklin Tavora, a "Innocencia", de Taunay, "O Garimpeiro", de Bernardo Guimarães. "O missionario" e os contos de Inglez de Souza, contos de Lucio de Mendonça, Arinos e José Verisimo, de Alberto Rangel, etc.

Todavia, deste periodo recente, algumas obras talvez perdurem, pelo calor e vivacidade que seus autores lhes hajam transmittido: "Tropas e Boiadas", do joven e malogrado Carvalho Ramos, entre outras.

O livro do Sr. Mario Hora, "Tabaréos e Tabarôas", tem duplo merito: é producto de observação directa e sincera, e o seu autor demonstra nelle virtudes irrecusaveis de talento e gosto. O livro do Sr. Hora é muito descuidado de fórma. O autor confessa, no prefacio, que não quiz fazer "estyllo literario", o que aliás seria justificadissimo em "obra literaria". Deixar de fazer styllo deliberadamente, é descabido da parte de um artista. Porque o Sr. Mario Hora é um artista. Seus contos são bem imaginados, e espontaneos e de execução habil si bem que simples. Ha gradações psicologicas muito felizes na fabulação; e ha lindos contos, commovidos e de muita finura em "Tabaréos e Tabarôas".

GOMES LEITE — "CARAVANA DOS DESTINOS" — "ATRAVEZ DOS ESTADOS UNIDOS" — Caravana dos Destinos, do Sr. Gomes Leite, é já, para o seu autor, e na sua idade, um livro velho. Lido a quem escreve esta noticia em 1919, publicado em 1921, quando seu autor regressava de longa viagem aos Estados Unidos, não podia representar mais a sensibilidade e a feição mental do joven poeta. Na phase dos vinte aos trinta annos, dois annos constituem todo um passado. O Sr. Gomes Leite forçosamente terá evoluído. Todavia "Caravana dos Destinos", vindo depois de "Cratéra", demonstra uma transicção interessante, um periodo de evolução franca para uma maturação cujos carctêrísticos são impossiveis de prever. Neste livro não ha os arrebatamentos juvenis de "Cratéra". E' mais sereno; o poeta parece, nelle, recolher-se e meditar-sensibilidade aberta a todas as dores, até as das mais humildes tragedias. Ha em "Caravana dos Destinos" uma série de pequenos quadros pungentes, representando miserias obscuras e dramas que a arte tem esquecido. Reléva lembrar "Jesus", um bello e significativo soneto, pelo qual se pôde medir o estalão moral e a linda sensibilidade deste poeta distincto e intellectual captivante.

"Atravez dos Estados Unidos", livro que o Sr. Gomes Leite acaba de publicar, e no qual enfeixou as chronicas escriptas para "A Noite" por occasião da sua viagem á terra yankee, vem dar complexidade e brilho maior á individualidade do poeta fluminense. O Sr. Gomes Leite não procurou fazer naquella obra o habitual, indefectivel livro de impressões.

"Atravez dos Estados Unidos" trata de assumptos tanto geraes como locaes, de problemas que interessam todo o mundo e de aspectos curiosos propriamente norte-americanos. Commedido, sensato, o Sr. Gomes Leite não se extasia ante o esplendor material dos Estados Unidos, nem, tambem, é tomado de indignação de latinidade irreductivel ante as brutalidades, as asperezas, o mau gosto e as idyosincrasias estadunidenses. Suas observações são atiladas, justas, escriptas com sóbria elegancia e precisão. Lê-se o volume com facilidade e prazer, em agradável convivio com tão fino espirito, a commoção de certas paginas tocando-nos e contagiando, como naquelle capitulo: "Christus de profundis", ou na, pagina intitulada "Onde o genio, a desgraça e a miséria se encontraram", na qual é evocada a

ARVORE NOVA

dolorosa, grande e amada figura de Edgar Allan Poe.

JOSE' GERALDO VIEIRA — "O TRISTE EPIGRAMMA" — "O Triste Epigramma", do Sr. José Geraldo Vieira, poderia parecer obra de diletante si se a observasse isolada de outras produções do seu joven autor.

E' um pequeno poema em prosa, hellenizante, á maneira das "Chansons de Bilitis", de Pierre Louys.

Encaradas por esse aspecto, não bastariam essas paginas breves para definir e caracterisar o talento do seu autor. Outras paginas do Sr. José Geraldo Vieira, lidas em jornaes e revistas, e a sahirem em proximo livro, demonstram que o "O Triste Epigramma" representa apenas uma faceta da sua capacidde evocadora e imaginativa em verdade distincta e relevante.

"O Triste Epigramma" revela, todavia, sensibilidade finissima, um dom de crear, ambiente fóra do commum, gosto litterario incontestavel e cultura.

Escrepto como si fóra em estrophes, em breves e succulentos periodos, "O Triste Epigramma" commove suavemente, envolve-nos na luz que se diria violenta da sua atmospheria, transmite-nos a vibração dolente e sonora daquella violenta, temerosa tragedia, cujo horror o seu autor esbate habilmente, velando-a sob cambiancias fugidias e mysterioso claro-escuro. Obra d'um Paul Fort "a rebours", d'um prosador poeta, Paul Fort sendo um poeta prosador.

AFRANIO PEIXOTO — "BUGRINHA" — "Bugrinha", de Afranio Peixoto, é dos bons livros do illustre romancista, e o que encerra, incontestavelmente, o seu mais completo e commovido typo de mulher. Reclamaram os conterraneos de Afranio Peixoto, moradores de Lençóes, na Chapada Diamantina, um livro em que o artista situasse a acção em seu ambiente natal. O appello tocou o alvo com justeza.

"Bugrinha" foi viver onde nascera: nos arredores da cidadezinha de Lençóes. Os conterraneos de Afranio Peixoto lhe devem estar gratos... e Afranio Peixoto a elles... Procurando evocar a sua terra, os ares, as paisagens a gente e os costumes da sua terra, Afranio Peixoto commoveu-se profundamente, e a obra ganhou com isso. Tenho certeza de que si "Bugrinha" vivesse em Minas Geraes, p. ex. não teria a vida, a força suggestiva e a tocante belleza d'alma que apresenta. Bemdito o appello dos conterraneos do romancista, e bemdito o sceptico Afranio Peixoto, descrente e epicurista, que tanto nos commove com aquella linda criação! "Bugrinha" está cheia de paisagens, algumas dellas magistraes; de aspectos locais interessantissimos; de figuras secundarias creadas com vigor e mestria, como aquelle velho ideologo dos diamantes. Todo o livro é escrepto com aquella luminosidade e precisão de fórmula a que já nos

habituaamos. Mas o que avulta sobretudo é o typo de Bugrinha. O perfil, emocionado, vibrante, dessa menina desborda o livro e se eleva acima delle. Creou-o Afranio Peixoto como um "pendant" para "Maria Bonita". Parece-lhe que Bugrinha vale mais que Maria Bonita, como typo, como realidade emocional, como representação superior da alma feminina brasileira. Como romance, como fabulação, "Maria Bonita" sobreleva "Bugrinha".

Em torno de Bugrinha quasi todas as personagens se apagam. O proprio amante Jorge, comparado com a mocinha humilde e heroica, é um simples manequim. Só vejo nesse romance uma figura verdadeiramente viva além de Bugrinha: é a do pae desta, irremediavel sonhador, vivendo absorvido nas doidas esperanças de fabulosos diamantes, ha muito quasi desaparecidos a cada vez mais raros nas jazidas da Chapada bahiana. Afranio Peixoto não insistiu nesse typo: esboçou-o apenas. Só Bugrinha mereceu-lhe o interesse integral, o derrame da livre commoção, o trasvasamento em seu favor do coração do romancista. Basta Bugrinha para garantir a vida do livro e para querermos bem a seu autor.

AFFONSO SCHMIDT — "MOCIDADE" — "Mocidade", volume de poesias do Sr. Affonso Schmidt, não dá conta do merito do seu autor bem em correspondencia com a valia incontestavel de algumas poesias já conhecidas e que aliás estão incluidas no livro. Em tempo de menor desatención do publico, peças como "E a vida passa..." e "As pallidas" bastariam para consagrar o joven poeta paulista. Essas duas produções são excepcionaes realizações, dignas de anthologia. O resto do volume não supporta comparação com ellas: apaga-se tudo ou se descóra. Todavia ha ainda peças interessantes, traços curiosos que denunciam temperamento verdadeiramente poetico. A rebusca de originalidade prejudica, por vezes, a execução; outras vezes encontram-se reminiscencias de Cesario Verde. Ha no livro, além daquellas duas gemmas citadas, lindas poesias, como a elegia "Ao balanço da rêde"; outras a Musset, mas d'um Musset moderno, contemporaneo do tipo e de outros paraizos artificiaes, como "As amantes"; outras, ainda que lembram Cesario Verde ou B. Lopes, como "Anhangabahú" ou "Cubatão"; outras em que são evocadas as velhas figuras do theatro tradicional: Pierrot, Colombina; outras em que o atavismo germanico levou o poeta a cantar deliciosa "Fraulein", ou o velho Hoffmann e os cachimbos de porcellana, burgomestres e Rosa, "a mais loura flor de Nuremberg". O Sr. Affonso Schmidt, é poeta. Julgando por suas melhores produções, é até excellente poeta, sem novidades technicas, artes conservador. Insistimos, porém: o Sr. Schmidt está a dever ao Brasil intellectual livro em que "As pallidas" e "E a vida passa..." estejam entre seus pares como expressão e como commoção. Para amarmos este poeta seria bastante conhecer-se "E a vida passa..." — A. M.

Depois da Meia-Noite . . .

Já se acha á venda o ultimo livro de Benjamim Costallat. São novas paginas vibrantes que o talentoso escriptor oferece á admiração do seu publico consideravel e culto. Nellas vivem de maneira assaz impressionante, varios aspectos da vida que o observador consciencioso, que elle é, com rara habilidade enfeixou num magnifico volume que vem apenas reaffirmar o seu valor e a sua rapida evolução literaria.

«*Depois da Meia-Noite . . .*» é um livro victorioso. Nem lhe falta a nota sempre nova de um aspecto novo da vida, que Benjamim Costallat nos apresenta com tão admiravel brilho, nem o calor da sua phrase, do seu estylo irrequieto e d'um rythmo tão bizarro.

Benjamim Costallat justifica assim seu ultimo livro, que acaba de sahir para o triumpho que espera sempre os livros desse escriptor moço, vibratil e impressivo:

«Gosto da noite e dos bonecos horrendos que a povoam. Prostitutas e miseraveis são os melhores temas da tragedia humana. Esses polichinellos da desgraça é que nos fazem comprehender o encanto da vida — a vida longe delles, longe das suas mentiras, longe dos seus beijos artificiaes, longe dos seus farrapos, a vida em pleno dia, a plenos pulmões, em plena sinceridade!

Gosto da noite porque ella me faz adorar o dia!

Tudo na existencia é parallelo.

Conhecer a miseria e não soffrel-a é uma fórma de ser feliz.

Não é pois uma obra immoral a que faço.

Se mostro, quasi cynicamente, a prostituição com todos os seus detalhes infamantes, é como se eu dissesse — vejam como é bom ser honesta, ter uma casa, uns filhos, um marido, tanta cousa a

que se quer bem e que nos dá, em troca, amor, conforto, limpeza moral!

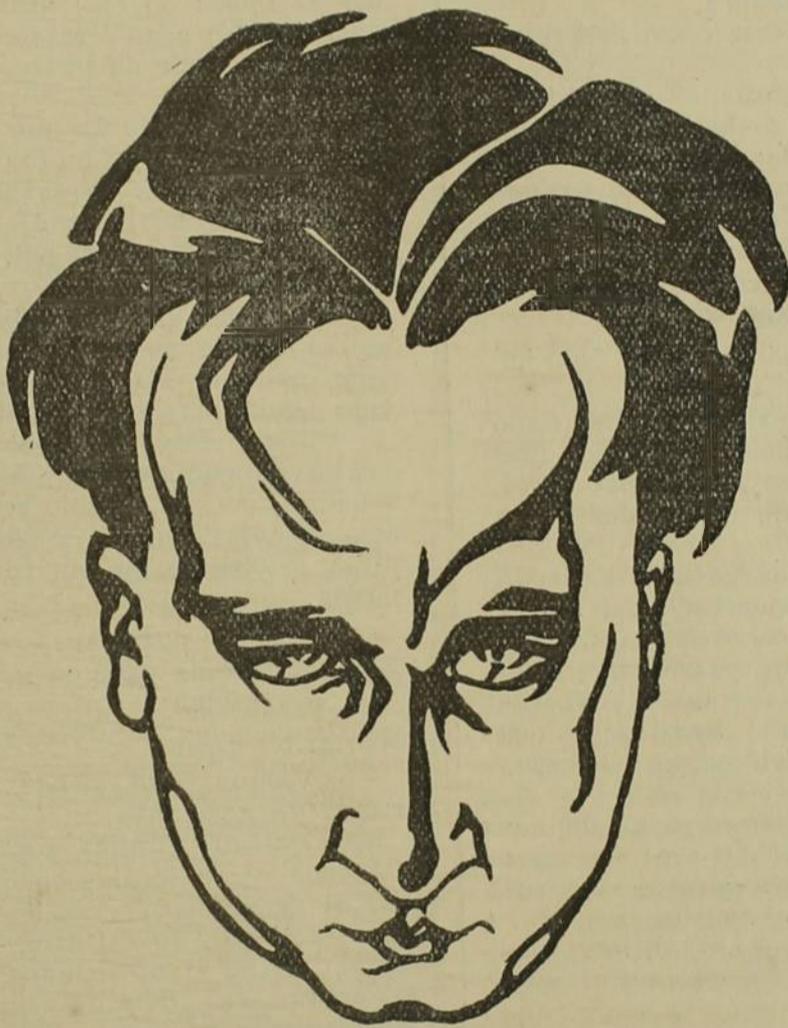
Em «Depois da meia noite»..., não procurei fazer episodio de ficção. Procurei traçar, com cores nocturnas, um ambiente em que varios episodios reaes, tirados, ainda quentes da vida, se desenrolam como na vida, e onde uma quantidade fantastica de personagens se agita, personagens visiveis e invisiveis, em plena noite.

O que se procurou não foi agradar ao leitor com uma narra-

tiva — estamos longe do romance policial — foi collocar-o deante de um quadro, um quadro verdadeiro, de todos os dias, forte de tintas e largo de factura, mas para o qual ninguem sufficientemente olha como elle realmente é...

Não é uma historia de fadas a que vou contar. O tempo das fadas acabou. Mas poderia assim começar:

Era uma noite...»



BENJAMIM COSTALLAT
(Desenho de CHIN)

Cidade das azas

(NO PAIZ DOS SONHOS)

A Moacyr de Almeida

E chegámos por fim ao cume da montanha Sentámo-nos numa rocha immensa de granito onde havia grande quantidade de aves de todas as côres, de todos os tamanhos

Com a nossa chegada, aquelle formidável exercito de aves levantou acampamento, sacudindo as azas e batendo-as umas nas outras!

Que maravilhoso ruflar de azas!

—Creio que estamos no paiz das aves, disse eu deslumbrado com aquelle espectáculo inedito. O meu companheiro limitou-se a sorrir com ar ironico.

—Mas afinal por que me trouxeste aqui e onde estamos? insisti.

—Vaes assistir a um espectáculo maravilhoso. Nunca viste maravilha como a que vamos vêr. Vamos ao Paiz dos Sonhos.

—Isto já m'ò disseste; mas como poderemos ir lá?

—O Paiz dos Sonhos não é uma criação poetica; existe. A questão é chegar-se até aqui. Nós estamos na Cidade das Azas.

E as azas soltas passavam por nós, subindo e descendo como flocos de paina. Todas as coisas, todos os objectos tinham azas; tudo, tudo era suspenso por azas. A cidade aerea parecia suspensa por azas gigantescas.

Azas, azas e azas por todo o canto. Não havia chão — a Terra não existia.

As arvores com as suas raizes á vista como as plantas dos aquarios tinham por galhos duas immensas azas, cujas pennas eram folhas azues.

Tudo era azul. A cidade estava dentro do azul. Azas, azas e azas . . .

Ora um bando de garças passava ruflando as azas brancas como a espuma do mar. Ora uma nuvem de passaros de côres variadas, sacudindo as azas azues, brancas, amarellas, vermelhas, verdes, e misturavam-se numa promiscuidade encantadora, passando umas pelas outras dando a idéa de um caleidoscopio immenso.

Azas, azas e azas . . .

Os sinos eram ambulantes e passavam em carrilhões com azas de bronze. Os sons dos sinos eram abafados como se os envolvesse uma coberta de velludo. Até os sinos tinham azas! . . .

Os homens, as mulheres, as creanças, tambem tinham azas. Foi então que notei que tambem eu tinha azas.

— Vamos voar. Irás ver a dansa das azas.

A um gesto do meu companheiro abri as minhas azas azues e voei velóz, zunindo vivamente no azul as minhas azas azues. Que alegria me causavam as minhas azas!

Eu voava como uma gaivota: batia, batia as azas e depois as estendia preguiçosamente deslisando pelo azul do Infinito como um cysne na mansidão de um lago . . .

E as minhas azas iam em zig-zag, zunindo . . . zunindo . . . Só se viam azas, azas e azas.

O bater das azas formava uma orchestra original, parecia uma salva de palmas; parecia mesmo o bater de azas das pombas quan-

do vinham em revoada ao cahir da noite com suas azas immensas e negras. Eu ia imaginando:

— Que vida sublime! Viver no azul eterno, sem fim, sem limite! Possuir azas e poder voar, voar, voar!

O bailado das azas . . .

Um formigar de azas de todas as côres redemoinhava em espyral como o varrer das folhas pelo vento louco. As azas estendiam-se, alargavam-se, subiam, desciam; parecia um peneirar de petalas de flôres de côres variadas.

Azas, azas e azas. Uma bacchanal de azas tontas . . .

Azas verdes como as folhas das arvores novas; azas rubras como o sangue derramado; azas negras como as azas dos corvos; azas brancas como o lyrio dos bosques; azas amarellas como as folhas do ipê; azas roxas como as azas da Saudade; azas roseas como as faces de uma aldeã; azas côr de prata como os cabellos de minha mãe.

Aquella profusão de côres dava idéa de uma palheta suja onde côres se misturam, intromettendo-se umas pelas outras. Parecia tambem um borrfifar de agua limpida visto através de um raio de sol.

Iris das azas.

E aquellas azas chocalhavam-se, umas nas outras, dando um som de castanholas, fazendo uma orchestra agradável que me invadia o ouvido numa suavidade delectosa . . .

As azas cirandavam como creanças, pulavam e saltavam como as nymphas á beira dos lagos azues. Depois do bailado as azas foram fugindo aos bandos, voando, voando, até sumirem-se atraz de uma nuvem em forma de uma aza immensa.

—O' azas dos sonhos, levai-me convosco! Fazei uma rede para eu me embalar!

—Vamos daqui, disse o meu companheiro. Não grites assim.

— Vamos para onde? indaguei fitando a orla do horizonte.

—Ao Paiz dos Sonhos, aonde foram as azas. Tu vaes ver o ideal sonhado pelos poetas. Os poetas andam pelo Paiz dos Sonhos, elles têm ancia do Azul, do Infinito, elles vêem através de um sonho vivo, o Cháos, o Azul eterno. . . Os poetas têm ancia de voar, de vir aqui, mas aqui só vêem os que morrem.

— Então eu morri? disse eu sobresaltado.

—Pois tu querias estar vivo? Tu estás morto, meu amigo, morreste hontem. Tu és a tua alma. Como podias voar e ver todas estas maravilhas se fosses um vivente? A Terra é um supplicio. O homem é máo e invejoso. Aqui é a Vida; é a Terra da Illusão. Eu sou um anjo. Venho mostrar-te o paiz das maravilhas que tanto sonhaste na Terra. Não penses não; quem pensa não vive. Vamos ao Paiz dos Sonhos.

— Poderemos ir ao Ceo? Poderemos chegar até ás estrellas?

— O Ceo é a miragem do Infinito. Se voasemos eternamente nunca o alcançariamos. O Ceo é a eterna miragem . . . é o Infinito

conhecer o esplendor que aureola a figura lendaria do Soldado e do Cidadão, como também a Patria, de sorte que da sua historia, já de si tão bella, não sejam excluidas passagens de tão subida valia como a que vamos reproduzir. E porque contemos com elementos preciosos mediante os quaes documentaremos os relatos dos factos culminantes do agitado periodo governamental do "Marechal de Ferro"; iniciamos, a seguir, a publicação de valiosas peças do archivo do Caboclo Alagoano, offerecendo, dess'arte, magnifico cabedal de subsdios aos nossos historiadores.

O momento não poderia apresentar-se mais opportuno, para pôrmos o publico ao corrente da verdade historica, qual a que diz respeito aos acontecimentos que, em 1892, se desenrolaram no Rio Grande do Sul, quando o organismo dessa unidade federativa se encontrava num dos seus transes mais criticos, convulsionado pelas luctas continuas dos dois partidos que se disputavam a posse do governo estadual.

Presidindo aos destinos do Brasil, naquelle tempo, o Marechal Floriano, querendo pacificar a terra de Julio de Castilhos, quando a Nação, de extremo a extremo, ensaiava sua vida debaixo do regimen liberal que ultimamente tanto se tem desvirtuado, escolheu e então Major Caetano de Faria, hoje Marechal do nosso Exercito e Presidente do Supremo Tribunal Militar, e, um mez depois, o senador Cunha Junior, para, em commissão especial, irem sondar o ambiente e estudar a situação politica do Rio Grande, por fórma a se resolver, sem maiores incidentes, a difficil equação; e empregou todos os meios pacificos ao seu alcance, no sentido de harmonisar as facções adversarias.

É esse, em traços geraes, o resumo dos successos de 1892, de que foi theatro o glorioso Estado dos pampas e dos gauchos bravos e sentimentaes.

Como sejam em numero consideravel os documentos do archivo do Consolidador da Republica, iremos publicando-os á proporção que nos permittir o espaço de que dispomos, respeitando, outrosim, a sua ordem chronologica, ao tratarmos de cada episodio politico do governo marechalicio.

Por hoje, contentemo-nos com o documento abaixo, segundo o qual verificarão todos aquelles, que não serão muitos e em cujo espirito pairar possa alguma duvida quanto aos sentimentos de Floriano, que elle, longe de ser o dictador sem respeito á vida dos homens e ás leis que já então nos regiam, foi antes de tudo, porque teve animo bastante para sel-o, o devotado servidor da Patria que, almejando apenas a sua felicidade e o seu engrandecimento, lançou mão de todos os recursos possiveis, de maneira a conciliar os interesses que ameaçavam subverter a ordem publica, e harmonizal-a de Norte a Sul, do mais modesto ao mais importante dos seus rincões. Soube amal-a acima de tudo, para exaltal-a, engrandecel-a e fazel-a respeitada no concerto das nações.

O documento a que nos referimos e este:

...Telegramma. Porto Alegre, 20 do Maio de 1892. Reservado. Urgente.

Marechal Floriano Peixoto.

Logo que cheguei aqui procurei Castilhos, Demetrio, dizendo a este que sentia não trazer carta ministro Antão, respondeu não fazer ella falta porque Antão havia telegraphado; comecei dar cumprimento missão que só patriotismo e dedicação a V. Ex. fizera acceitar; estudei situação, ouvi imparcialmente chefes dois lados, conversei, General Vasques, concluindo que partido Republicano com elementos força é de Castilhos. Governo muito fraco apoiado alguns lentes e alumnos escola e flotilha, conta muito poucos elementos, não póde disputar eleições, Castilhos abstendo-se como está resolvido, Gaspar infallivelmente medirá se adiar novamente eleições, talvez não seja possível evitar desordens gasparistas. Procurando bases para accordo, demetristas exigiam reconhecimento sua constituição e todos seus actos, cedendo sómente convenção, decretando-se porém, definitivamente Constituição, Castilhos baseado seu manifesto onde declara abandonar poder á anarchia, julga-se presidente constitucional e quer volta da legalidade; Gasparistas pela Reforma, atacam governo Estado, dizem que elle desvirtua intuitos revolução, ataca constituição achando peor que a primitiva e clamam pela eleição, apresentando para solução crise o expediente de lista incompleta candidatos. Depois muitas conferencias um e outro partido perturbado gravemente pensamento União pelo telegramma de que vos dei sciencia 12 corrente, assignado chefes gasparistas visado pelo governador; pedi cada partido, Castilhos e Demetrio, apresentasse um alvitre para solução crise, devendo cada um ceder ate onde permittisse dignidade politica Castilhos. Apresentaram estão o seguinte: General B. Leite entregaria poder General Vasques chefe districto, este chamaria Dr. Castilhos que não assumiria sendo o seu unico acto renunciar e escolher vice-governador, estando inclinado a acceitar um accordo dessa escolha, para evitar governo sem orçamento, sendo chamado antigo congresso que renunciaria funcções logo depois votadas leis de meios, procedendo-se então eleições governador e congresso. Proposto este alvitre á 17 por partido forte, contando todos os deputados federaes, excepção Demetrio, e senadores, tendo em vista o que ouvira o General Vasques acceitei como solução crise actual e antes de communicar-vos procuréi fazel-a acceitar pelo grupo Demetrio, hontem havia conseguido Telles declaração de que se alvitre proposto garantia socego Rio Grande elles não se opporiam, mas para isso seria preciso gasparistas também acceitassem, sem o que não se evitavam desordens; si estes acceitassem, elles também. Estavam as coisas nesse pé e me preparando hontem para communicar-vos resultado obtido quando me chegou ás mãos o telegramma que transcrevo passado pelo ministro Agricultura, cuja authenticidade é garantida pelos chefes republicanos castilhistas cujas provas materiaes existem aqui guardadas á disposição V. Ex. A vista delle depois exposição franca e

ARVORE NOVA

leal que acabo fazer minha conducta aguardo vossas novas ordens:

"Telegramma. Tenho palavra Marechal Vasques garantirá ordem fronteira. Não devemos duvidar este cumpra ordens recebidas. Ordem interna cabe governador garantil-a contra tudo e contra perturbadores sejam quaes forem. Nossa terra não pode continuar victima grupo desordeiros capitaneados Castilhos. Em defesa autonomia Estado, paz publica, tranquillidade familia riograndense deveis agir energicamente momento opportuno. Se Vasques trahir seus compromissos de soldado, de certo responderá ante autoridade competente. Affirmou todos saberá elle cumprir dever, em todo caso fallarei hoje Marechal. Nada tenho com emissario, mas estou certo seu procedimento irregular não foi autorizado V. Presidente. Julgando-o sujeito sem criterio para missão de character politico, não intervim nem com indicação, nem de outro qualquer modo. Prova tem facto não ter elle levado cartas minhas. Quando foi lembrado alvitre mandar enviado tratar congraçamento ahi pense Glycerio, velho republicano, nosso camarada. Repito, nada tenho emissario que julgo estar

mal cumprindo missão. É essa tambem opinião Colónia Riograndense aqui. No dia em que me convencer de que governo pensa repellir promotores gloriosa revolução Novembro, para, intervindo com força publica, entregar minha terra aos que, de armas na mão, tentaram deshonor-la apoiando, defendendo o golpe de 3 de novembro, nesse dia julgal-o-hei indigno meu concurso, que só presto aos que dignamente sabem servir Patria, erspeitando opinião esclarecida, observando leis, lealdade e honra. Tendes apoio Rio Grande. Ficae tranquillo enquanto eu for ministro não concorrerei nem scientemente daria assentimento qualquer plano restabelecer ahi situação de outróra. Em tal emergencia cumpriria, como sempre, meu dever. Resumo: garantam ordem interna, se Vasques responsavel fronteira. Acho impertinente inoportuna, lealdade reciproca a que jamais faltei: Assumpto resolveremos conversação intima. Adeus. Antão." — Major Faria."

Por ahi se sentirá a enfibratura de Floriano, para se sorrir das suas caricaturas infladas de vaidade...

SYLVIO PEIXOTO.

⊙ perfil do burocrata

A burocracia é a escola da indolencia e o culto da minucia. Profissão parasitaria, em que se esmerilham futilidades preciosas, pela necessidade de crear difficuldades pneumaticas.

Ha duas especies de burocratas: o dilettanti e o convicto.

O primeiro é o resultado do protectionismo politico; sóbe depressa: o governo é-lhe grato, pelas asneiras que não pratica. Seu culto exclusivo é o "Ponto"; sua necessidade primordial é sahir; sua funcção unica — assignar a folha de pagamento.

O burocrata convicto, porem, tem psychologia mais complexa. Madrugador á chegada, retardatario á sahida, tem attitudes de conselheiro e dogmatisa como um professor. E' um pesquisador emerito de emeritas banalidades officiaes, atravez da

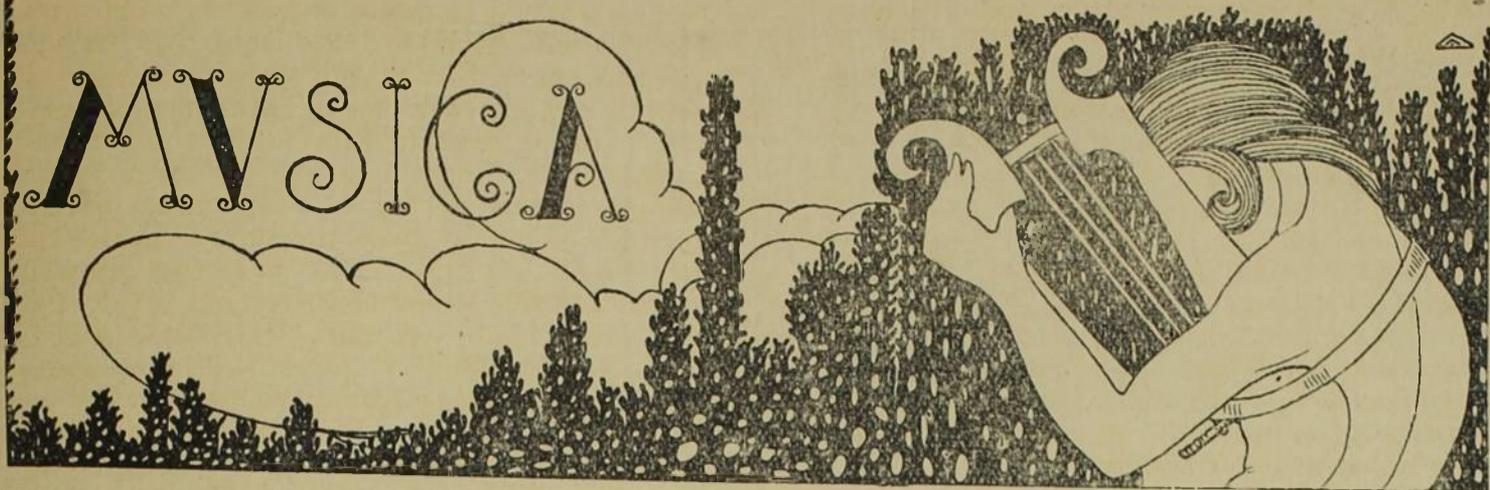
gamma complicadissima do papello-turvilhonante.

Seu cerebro circumvolúe atravez de subjectivas lentes de augmento; por isto, elle vive a guindar eternamente particulas invisiveis á altura de monumentos magestosos.

Seu programma é complicar; seu gozo favorito é dificultar; onde elle está, surge o embaraço. Vive circundado de fumaça e por dentro está cheio de vento. Quando fala, apparecem axiomas; quando ouve, brincam-lhe nos labios sorrisos superiores; quando julga — estabelece-se o equilibrio universal.

Geralmente, o burocrata convicto é todo elle uma Sentença barbada, de casaco surrado e oculos ao nariz.

Z.



Wiener Philharmoniker

Assistimos ultimamente no theatro Municipal ao triumpho da disciplina e da competencia. O exito da grande orchestra viennense representa, effectivamente, uma affirmação da superioridade daquellas duas virtudes.

Não se supponha, porém, que eu vá agora estabelecer paralelo, o inevitavel paralelo entre a disciplina germanica e o irrequieto individualismo latino. A primeira orchestra que executou as symphonias de Beethoven á altura da genialidade dessas obras, foi a da Sociedade de Concertos do Conservatorio de Paris. Ia-se de toda a Europa ouvil-a interpretar as chamadas "Nove Musas", sob a direcção de Habeneck. Ainda hoje, as orchestras de Collonne e Lamoureux são contadas entre as melhores do mundo ao par das dirigidas por Strauss, Nikisch (até bem pouco), Weingartner, Humperdinck, e mais algumas, em Leipzig, em Munich, em Berlim, em Vienna, etc.

Nós, porém, nunca pudéramos ouvir um conjunto orchestral da importancia da "Wiener Philharmoniker". Até agora ouvimos orchestras compostas de elementos heterogeneos, parte italianos, parte brasileiros, e a nossa orchestra da Sociedade de Concertos Symphonicos, todas, em ultima analyse, improvisadas; dirigidas por vezes, entanto, por celebridades como Strauss, Mascagni, Messager, Xavier Leroux, Weingartner, e outros. Os concertos dirigidos por Marinuzzi deixaram agradável recordação, tal o enthusiasmo e a vivacidade intelligente do joven "maestro". Os concertos dirigidos por Strauss e Weingartner tiveram o mais alto interesse, pela importancia das peças executadas e merito relevante da interpretação. Todavia, é necessario lembrar que as massas orchestraes correspondiam mal ao zelo dos regentes. Houve até uma que se revoltou contra Weingartner. As interpretações foram boas, apezar de tudo, e por vezes nos satisfizeram mais do que algumas da "Wiener Philharmoniker", movidas que foram por uma livre e brilhante fantasia, com especialidade nas obras de musica moderna, com maior arrebatamento e comprehensividade. Isso provém, parece, do classicismo e wagnerianismo admiraveis, mas intransigentes, de Weingartner.

A "Wiener Philharmoniker" é um conjunto maravilhoso, de unidade rigorosa e multipla variedade, dispondo de palheta ri-

quissima, de todos os tons de colorido, senhora de todas as medidas. Esse conjunto é de uma opulencia de timbres absolutamente excepcional, de uma precisão rythmica notavel. Certas combinações de timbre constituiram verdadeiras revelações executadas pela "Wiener"; certas ambiencias crystallinas, transparentes, ou carregadas de fortes effluvios passionaes maravilham; certos pormenores, o jogo dos metaes, as grossas cordas, são sem rival.

Aquelle prodigio de força titanica e de medida perfeita, que é a "5ª symphonia" de Beethoven, teve execução "hors-ligne", interpretação de notabilissima finura, e todavia honesta. O effeito conseguido pela celebre entrada dos contrabaixos e violoncellos em unisono no 3º tempo, foi fulminante. A alma de Bach e a de Beethoven como que se uniram naquella grave e formidavel tempestade plutonica, para dominar os elementos desencadeados e permittir nossa ascensão espiritual a outros mundos de dor e de exaltação. Como expressar a solemnidade da interpretação do episodio "Morte de Siegfried", do "Crepusculo dos Deuses", de Wagner? Não tivemos ainda sensação de tão profunda e austera grandeza.

Impeccaveis, as execuções do velho Haydn e de Mozart. Oh! o delicioso e elegante Mozart! como nos commoveu, mais, todavia, pela consciencia que tínhamos de que o moço prodigioso já não poderia tocar-nos, e de que tanta juvenilidade e gentileza envelhecêra, descorára para nossa sensibilidade fortemente impregnada da força desbordante e do impeto sentimental de Beethoven e de Wagner, do que pela infallivel elegancia do seu desenho melodico e nóbre regularidade da sua medida. O "velho Haydn", como se tem prazer de chamal-o, e sufficientemente anterior a Beethoven para não os pômos em paralelo. Aceitamol-o tal qual se nos apresenta, todo bonhomia e vivacidade alegre e superficial. O caso de Mozart é, entanto, tragico. Quasi da mesma geração de Beethoven, a fatalidade parece haver sacrificado aquella organização de quasi miraculosa precocidade á victoria do joven titan ainda irrevelado. Até onde iria Mozart si não houvesse fallecido joven? Até a mesma idade em que Mozart falleceu, Beethoven pouco produziu mais affirmativo do que as profuzas florações do joven Wolfgang. Porém não chicaneemos com o Destino!

ARVORE NOVA

Na interpretação dos românticos a "Wiener" andou admiravelmente, com abundância de fantasia, ímpeto e espiritualidade. Foi inesquecível a execução da protophonia do "Freischütz", de Weber, com a sua graça severa e penetrante poesia. Liszt, em "Preludios". Smetana em "Ultava", o primeiro com suas antevistas wagnerianas, o segundo com tanta emoção e encanto evocativo alternaram com Goldmark, naquela página scherba de "Sakuntala", com o joven Respighi, na sua alerta e cheia de frescura "Ballada dos Gnomos" e com Tchaikowski, em sua "Symphonia Pathetica", nobre página romântica, afirmação irrecusável do alto talento do illustre russo, que teve a infelicidade de haver nascido num país de musica impressionista e folk-berca, e que não tendo sido impressionista nem apreciando a musica popular, foi um tanto precipitadamente e com certeza injustamente condenado ao olvido.

Berlioz, o romântico typico, de vida e obra tempestuosa, que viveu exclusivamente para as grandes paixões, atormentado, aguilhado, como bom romântico, pela exaggeração intellectual das suas dores, alias muito reais, teve representação condigna e recebeu as homenagens excepcionaes devidas á genialidade d'um dos maiores precusores da arte musical moderna e irmão de Wagner, em grandeza de imaginação e altiloquencia passional. Com excepção da interpretação um pouco indolente e molle da primeira parte da "Symphonia Fantastica", a interpretação dessa obra notabilissima fez vibrar fortemente o auditorio. Aquella poderosa "Marcha ao supplicio", quarta parte da "Symphonia", foi entusiasticamente bisada.

Não ha insistir sobre a interpretação dos fragmentos symphonicos de Wagner. A "Bacchanal" e a Protophonia do "Tannhauser", a Protophonia dos "Mestres Cantores", o Preludio e a scena final do "Tristão e Isolda" surprehenderam pela opulencia nova de matizes, pelo "brio", inaudita imponencia e intensidade de commoção que lhe transmittiu a "Wiener". Identicamente brilhante foi a audição de "Fógos de Artificio", do "novissimo" russo Igor Strowinski, página colorida e vibrante, em que transparecem reminiscencias wagnerianas.

Entanto, a execução de "partitturas" de autores brasileiros não nos satisfaz, por motivos varios. Algumas audições resentiram-se do inevitavel desconhecimento da Tradição, por parte da "Wiener". Um dos maiores factores do triumpho dessa grande orchestra consiste precisamente na posse da Tradição. Esta faltou-lhe totalmente na interpretação da Protophonia do "Guarany", uma das nossas mais authenticas glorias nacionaes. A primeira audição daquella peça desnorteou o auditorio. A interpretação era absurda. A segunda foi melhor e os andamentos corrigidos. Mas... Exigir que uma grande orchestra ou uma companhia estrangeira execute com inteira consciencia e precisão obras brasileiras é pura ingenuidade. Não ha tempo para os estudos e ensaios; não ha amor pelas peças nem respeito pelos seus autores. São numeros que não ficarão

no repertorio e que se executam no desempenho d'uma obrigação.

Dê-se ampla protecção a orchestras nacionaes, especialmente á já benemerita da Sociedade de Concertos Symphonicos, de modo aos estudos poderem ser numerosos, os concertos mais frequentes, ... e não se exija mais que uma "Wiener" faça ouvir Carlos Gomes ou Oswald. Valha a licção.

Alias não fomos felizes em quasi tudo que apresentamos. Nossa obra symphonica é escassa e em geral francamente secundaria. Se exceptuarmos a Protophonia do "Guarany" e a "Alvorada Brasileira", do "Schiavo", de Carlos Gomes, quasi nada ha mais que mereça figurar obrigatoriamente em concertos dos conjunctos orchestraes estrangeiros. A "Série Brasileira", de Nepomuceno, tem interesse folk-lorico, e, em certas partes, na "Rêde", principalmente, um langôr tropical que encanta. Sua "Symphonia" é brilhante, mas absolutamente superficial. Oswald é autor de "musica de camera"; sua producção symphonica é pouco significativa. Miguez, cujos poemas symphonicos são constantemente ouvidos dirigidos por Weingartner, por Marinuzzi, por Francisco Braga, envelheceu rapidamente. "Ave Libertas", "Prometheu", "Parisina", obras desproporcionadas, prolixas, de intenções wagnerianas, mas ingenuamente wagnerianas, excessivamente ruidosas, e soando ouco em duas terças partes do seu desenvolvimento, não conseguem salvar-se pelos elances de sincera emoção e de poesia que por vezes as illuminam. Uma tristeza, outro dia, a "Ave Libertas", no mesmo programma com a "Symphonia Fantastica"! De Francisco Braga ouvimos umas "Variações sobre um thema brasileiro", thema interessantissimo e muito symphonico, tratado com grande mestria de orchestração e muita pobreza de recursos de imaginação em pesadas variações. Do joven Villa-Lobos, a "Wiener" executou uma "Dansa Frenetica" sob certos aspectos muito curiosa. Confirma quanto sabiamos dos seus largos conhecimentos de moderna technica orchestral, sua capacidade notavel de colorista, affirmando irrecusavel "virtuosidade". É pagina que se ouve com agrado e interesse... e só. Não emociona profundamente, nem dá conta de individualidade accentuada. Pareceu-nos pouco significativa, e os processos modernos de que usou não conseguem esconder certa trivialidade. Dir-nos-á o illustre artista que não se é trivial quando se é arrojado. Entanto é innegavel que toda corrente de arte traz consigo innovações que logo se arvoram em convenções obrigatorias. A "Dança Frenetica" está cheia das já exhaustas e monotonas consonancias e dissonancias debussyanas, porque, é necessario dizer-se: já ha logares-comuns chavões debussyanos, já se ouve musica moderna que dá impressão de "já muito ouvida". A "Dansa Frenetica" nada acrescenta á obra tão interessante, e por tantos titulos notavel do nosso mais brilhante compositor joven, a quem estimamos e a cujo talento temos rendido prazeirosa homenagem.

Console-se o distincto artista com o proprio Debussy, cujo insuccesso nas audi-

A obra de Rocha Pombo

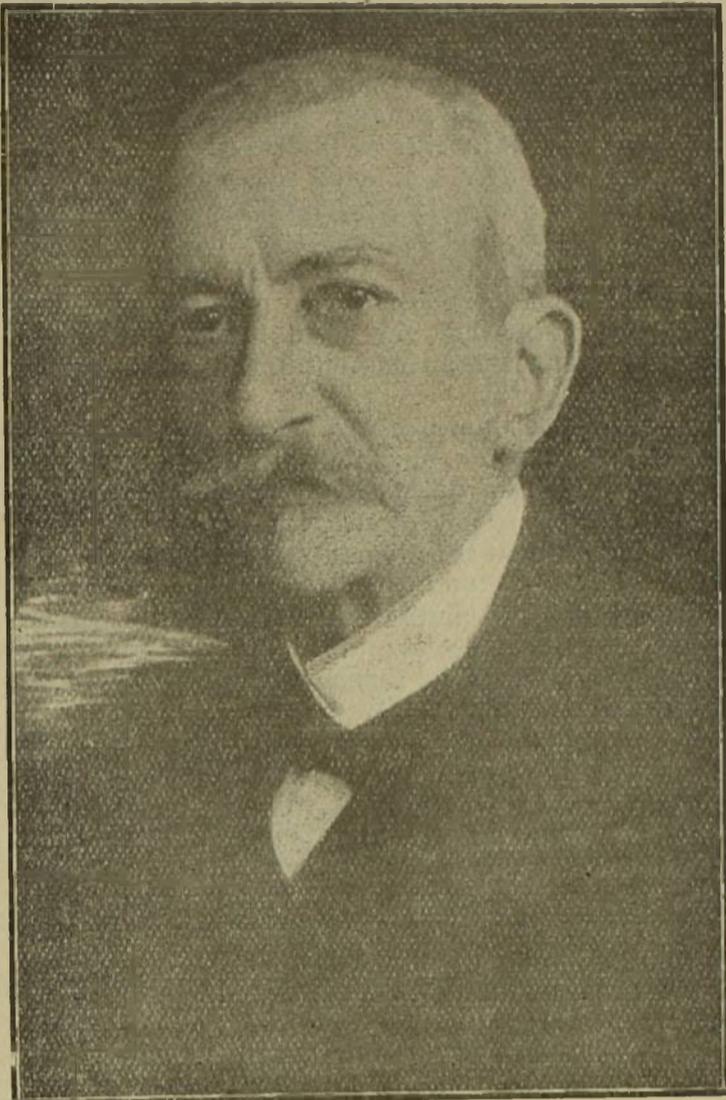
A obra de Rocha Pombo é um monumento grandioso da intelligencia nacional. Pelo que representa de esforço heroico e de saber profundo, de abnegado sacrificio e de formidavel capacidade de trabalho, constitue um dos mais puros titulos de gloria do joven espirito-latino-americano.

E' com religiosa commoção que relembramos a vida desse trabalhador humilde, que se fez um nome luminoso e glorioso. As vicissitudes mais amargas lhe não esgotaram a energia realizadora, fecundando-a, pelo contrario, de forças novas a cada novo embate. Em quarenta annos de continuado labor, deu-nos Rocha Pombo, a par de uma obra literaria inconfundivel, essa monumental "Historia do Brasil", cujos dez grandes volumes são o mais bello attestado do vigor moço de nosso espirito de povo.

O ultimo livro apparecido com a assignatura do Mestre — a "Historia do Rio Grande do Norte" —, obra altamente lucida e admiravelmente documentada, vem mostrar que o veio caudaloso ainda vae com o mesmo impeto de sempre.

A idade não diminuiu no espirito do historiador illustre o entusiasmo pelo trabalho nem a agudeza de visão. E' mais um livro de excepcional valor a juntar-se á sua extensa bibliographia.

A "Historia do Rio Grande do Norte" terá de Arvore Nova o estudo longo e meditado que merece. Fique esta nota como um simples registro do seu apparecimento e como uma homenagem humilde ao grande vulto do pensamento nacional.



ções da "Wiener" foi flagrante. As duas paginas do grande innovador, cujos principios de arte são de incalculavel fecundidade, que a "Wiener" executou: "La cour des lys" e "La Chambre Magique" são totalmente desinteressantes consideradas no acervo da sua obra. Sem duvida, consideradas isoladas, ellas são muito notaveis, pela sua technica especial. Mas quanto distam da livre fantasia, da vivida ambiencia, do agil humorismo, das suggestões maravilhosas da "suite" "Iberia", dos "Nocturnes" ou do "Le Prélude á l'après-midi d'un Faune"!... São duas obras inexpressivas e ociosas, simples repetições. Debussy nada tinha a nos comunicar quando as compoz.

Em conjuncto porém, que festas de grande arte, que altas celebrações de belleza e dyonismo, ouvir-se Weingartner dirigir tal organismo formidavel, conscientemente disciplinado, cheio de ardor e em justo dominio dos mais variados recursos polyphonicos, capaz de fazer ouvir a voz mais calorosa e estentorica e de diaphanizar o colorido até o diamantino e o opalescente, não empastando nunca, nunca hesitando, vivaz, agil e potente, desencadeando, por milagre do poder creador, a tormenta irresistivel ou alando o vôo sereno e luminoso...

ANDRADE MURICY.

As tres adaptações

Imaginae extenso e copioso exercito, disposto em tres filas: aqui está o direito, a dar a cada uma o que é seu, segundo conceitos relativos e immediatos da vida historica e accidental; lá adiante, a moral, a defender com a sua força o grande campo das sociedades. Antes de algo o direito sentir, já a moral o sente; e lá longe, na montanha, a subir a escarpa, os pés a sangrar, — a guarda avançada, que sabe mais do que o justo e o ethico, porque conhece o sacrificio. E' a religião. As suas razões são mais profundas, e mais do que todos os processos faz o milagre da adaptação humana. Não estaes a ouvir, lá longe, lá dentro de vós, lá onde se acinsentam os cimos da vossa montanha interior, o toque dos mysteriosos clarins? Quanto vos comprehendendo, ó velho Xenophanes, quando dissestes que a divindade é todo o olhar, é todo o espirito e é todo o ouvido!

PONTES DE MIRANCA

A lei de imprensa

Está suscitando amargos commentarios, nos meios jornalisticos principalmente, o projecto de lei do senador Adolpho Gordo, destinado a delimitar a liberdade de imprensa, queremos dizer, os seus excessos, entre nós; projecto que pela sua finalidade só pode merecer os nossos francos applausos.

Iniciando hoje a sua vida, "Arvore Nova" não chega tarde para os debates que já se ensaiaram e em que as opiniões se entrecam, cada facção sustentando o seu ponto de vista...

Assim é que, a nosso ver, esse projecto opportunissimo, de modo algum se apresenta como medida de coacção para quantos, no Brasil e especialmente no Rio, se dedicam ao sacerdocio infelizmente transformado, nestes ultimos tempos, na profissão lastimavel e ingrata de combater injuriando, quando não se servindo a maior parte, de processos outros que muito fazem perigar a boa conta em que somos tidos, de povo civilizado.

A criação da lei, portanto, longe de ameaçar direitos que o nosso Pacto Fundamental nos assegura, de plena liberdade de pensamento, não permittindo, embora, e com justa razão, o anonymato, vem, apenas, em soccorro do proprio jornalismo, com o fim nobre de eleval-o, para que, respeitando-se os nossos homens, parem elles nas culminancias do poder, ou rastejem no chão amargo do "strugle", sejam jornaes ou jornalistas acatados, de modo a, com elevação, desempenharem o papel que lhes cabe na communhão social.

Descambando para o ataque soéz, para o terreno da injuria, da calumnia e da diffamação, como é publico e notorio, abuzando dess'arte da liberalidade do texto constitucional, a nossa imprensa, salvo honrosas excepções, em que péze ao sentimento que tal confissão nos cause, é não só um lamentavel attestado de uma epoca em que a paixão desvaira os individuos e os impelle aos maiores desatinos, senão tambem a documentação viva de que pouco, bem pouco prezamos o nosso nome para não pormos paradeiro á

pratica tão nociva quão inferior. Porque, liberdade de pensamento não é, por forma alguma, liberdade de corrupção, liberdade de insidia, liberdade de atassalhar a honra alheia, não respeitando lares, não é liberdade, emfim, de destruir o que os seculos, na sua marcha vertiginosa miraculosamente levantaram!

O que cumpre fazer, e isso se realizará, é legislar de maneira a se cohibirem possiveis abuzos contra os que militam na imprensa, ferindo mortalmente os direitos que lhes outorga a nossa liberalissima Constituição. Isso, sim, é de esperar da parte dos nossos Congressistas, muitos dos quats se fizeram, batalhando incessantemente, na imprensa. Por isso e, mais pela nossa natural indole liberal e justa, confiamos que os cidadãos a quem está affecta a importante medida, saberão desempenhar suas funcções, respeitando aquillo que um povo possui de mais sagrado — a livre manifestação do pensamento, dentro dos principios que regem essa função intellectual.

A lei de imprensa actualmente em estudos, é uma necessidade que de ha muito se vinha impondo, e agora mais do que nunca, se torna imperiosa. Urge que ella se transforme, no mais breve espaço de tempo, em realidade, para bem de todos e muito em especial dos órgãos de publicidade e dos seus responsaveis.

Ella vem, somente, sanear; nunca obrigar ao silencio despotico as vozes que communicam o povo ao poder, e os individuos entre si.

Legislar, no caso, não é arrolhar, nem tentar perseguições, mas prever, para segurança de todos e moralização de costumes, que tanto nos deprimem. E o Congresso, pela acção de seus pares, não viza outra cousa, muito menos o "absurdo" que os culpados enxergam, esquecidos de que quem não deve não póde temer. Cumpre-lhe, pois para levar a bom termo a sua tarefa fazer ouvidos moucos ao clamor da rhetorica apavorada...

Uma carta de René Arcos

René Arcos é o artista commovido e o pensador profundo de *Pays du Soir* e de *Caserne*, duas das mais puras e palpitantes obras inspiradas pela guerra. De sua penna consagrada são tambem as linhas abaixo, ainda inéditas, endereçadas, tempos atraz, ao nosso querido companheiro Tasso da Silveira. Offerecemol-as aos leitores como precioso documento da alma nobre e generosa do illustre escriptor da França de hoje:

"Paris, 26 de Décembre 1921
Cher Monsieur et Ami.

Laissez-moi, je vous prie, vous donner ce nom d'Ami.

Votre lettre et le bel article que vous m'avez envoyés semblent m'y autoriser. C'est notre cher Romain Rolland qui m'avait donné votre adresse — c'est á lui que je dois de connaitre votre pensée fraternelle. Au moment où les Agen-

ces télégraphiques nous parlent des acclamations qui ont salvé en Amérique no "grands vainqueurs" en tournée de propagande, le son d'une voix comme la vôtre est particulièrement précieux. Cette guerre "pour la liberté", voyez-vous, nous a coûté presque tous nos libérés — et elle a bété la race de Voltaire et de Montaigne pour de longues années. Nous avons été quelques-uns á réagir. Nous sommes déjà beaucoup plus nombreux. Mais nous avons contre tout ce qui est officiel en France.

Cher camarade lointain, que courage vous me donnes em me rapellant quelle peut être la portée d'une voix humaine!

Permettez-moi de vous offrir mon dernier livre "Caserne" — souvenirs de tristes années.

Merci encore, et veuillez me croire fraternellement,

Votre

René Arcos"



Murmúrio d'água

Murmúrio d'água, és tão suave a meus ouvidos..
 Faz tanto bem á minha dor teu refrigerio!
 Nem sei passar sem teu murmúrio a meus ouvidos,
 Sem teu suave, teu afável refrigerio...

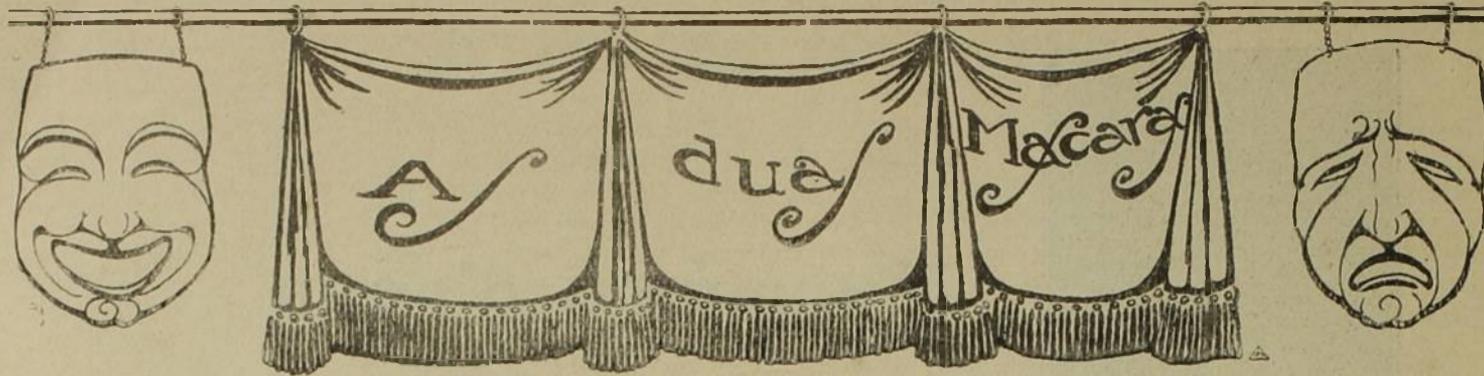
Água de fonte... água de oceano... água de pranto...
 Água de rio...
 Água de chuva, água cantante das levadas,
 Teem para mim, todas, consólos de acalanto
 A que sorrio...
 A que sorri a minha cinica descrença!
 A que sorri o meu opróbrio de viver!
 A que sorri o mais profundo desencanto
 Do mais profundo e mais recondito em meu ser!
 Sorriem como aquelles cegos de nascença
 Aos quais Jesus de súbito fazia ver...

A minha mãe ouvi dizer que era minh'ama
 Tranquila e mansa.
 Talvez ouvi quando criança
 Cantigas tristes que cantou á minha cama.
 Talvez por isso eu me comova a aquela mágoa...
 Talvez por isso eu me comova tanto á mágoa
 Do teu rumor, murmúrio d'água...

A meiga e triste rapariga
 Punha talvez nessa cantiga
 A sua dor e mais a dor da sua raça...
 Pobre mulher, sombria filha da desgraça!

— Murmúrio d'água, és a cantiga de minh'ama.

Manuel Bandeira.



O MOMENTO THEATRAL

Por mais teimosamente pessimista que fossemos, não poderíamos negar, sem injustiça, que o momento actual, no theatro brasileiro, é de effervescencia e de trabalho. A hora que passa caracteriza-se, entre nós, sem duvida, por uma agitação febril, por uma actividade brilhante, cuja significação ninguem honestamente pôde contestar. Não seria mesmo difficil, talvez, descobrir na contemporanea mentalidade brasileira altos ideaes de renovação esthetica. Não resta duvida que a alma nacional começa a definir-se, tentar crear as suas formas particulares de pensamento e de belleza. O proprio povo já se vae interessando pelas manifestações da intelligencia brasileira. E onde esse interesse se faz sentir mais intensamente é no theatro. Basta ler o noticiario theatral do Rio, para ver que o publico carioca já sabe sentir e comprehender as expressões legitimas da belleza e da arte. Com a decadencia do theatro de revistas está coincidindo o exito do theatro de drama e de comedia — o unico que pode ser considerado como manifestação de arte e cultura. Um pouco de estatistica seria sufficiente para comprovar o nosso asserto. Basta observar que, enquanto se dissolvem por ahi todos os dias as companhias alegres de revistas, como as do Fris, do Rialto, e do Centenario, os bons elencos de drama e comedia, que representam o Palacio, no Lyrico e no Trianon, conseguem triumphos integraes. Além de tudo, o successo que fez no Municipal a Companhia Franceza do Vaudeville, representando as ultimas peças de Bataille, e a acceitação que teve ha pouco Companhia Lucilia Simões, com "A mulher sem importancia", de Wilde, denotam um sensível progresso esthetico no nosso publico. São claros symptomas de refinamento espirital. O nosso povo começa a interessar-se pelas coisas do theatro, ou, melhor, o nosso povo evolue e se educa. Mas isto ainda longe está de significar a existencia de alguma coisa authentica e definitiva, no Brasil, que se possa chamar — theatro nacional.

THEATRO POPULAR

Ha alguns annos, quando se tratou de fundar um theatro popular em França, os centros intellectuaes de Paris se agitaram num intenso alvoroço, e não faltaram partidarios sinceros e ardentes que defendessem a nova idéa. Desde o velho Anatole France até Camille de Sainte Croix, todos exclamaram, com um enthusiasmo unanime: — "Dae belleza á multidão! Fundae salas de espectaculo para o povo!" Os criticos theatraes, a começar por Adolpho Brisson (o pontifice de "Le

Temps"), confessaram que o povo era capaz de comprehender as idéas e sentir a belleza, agitando, por isso, a questão da necessidade de crear — um theatro popular. M. Andrien Bernheim, inspector de Bellas Artes, dispoz-se então a viajar varios paizes, no intuito de observar o que no estrangeiro se fazia em favor da educação esthetica do povo. Muito viajou, muito viu, muito aprendeu, e das suas impressões, as mais vivas e aproveitaveis foram as que trouxe dos arredores de Vienna e Berlim, em meio de cuja furia industrial florescia theatros populares admiraveis, como o "Franz Joseph Theater", da firma Arthur Krupp, e o "Schiller Theater", cujas organizações eram modelarmente democraticas. Foi em face disto que o governo francez deliberou adoptar a iniciativa da fundação de um theatro para o povo. E formou-se então uma grande commissão mixta, na qual figuraram burocratas, parlamentares e escriptores, para estudar o assumpto. E, como sóe succeder em casos dessa ordem, as idéas e os projectos foram tantos e tão controversos, que o governo nada poude fazer. Foi tudo para o silencio grave dos archivos, e o Theatro Popular ficou adiado para melhor opportunidade... E, note-se — isso aconteceu em Paris, que é Paris!...

THEATRO NACIONAL

Entretanto, ao que parece, nós aqui fomos infinitamente mais felizes: conseguimos, apezar da nossa "commissão mixta", a organização integral de um — theatro. Fomos mais longe: em vez de uma modesta tentativa de theatro popular, como seria natural, pensamos logo em fazer uma obra definitiva e completa. O prefeito agarrou na penna, assignou um decreto — e criou-se, imaginem! — e criou-se o Theatro Nacional! Eis ahi uma coisa que surprende. Mas é verdade. O Brasil criou o seu Theatro Nacional — por decreto!

Ora, se em vez disso, o governo se houvesse limitado a fundar um simples theatro popular, com o fim exclusivo de educar ou divertir a nossa gente, estava tudo muito direito. Mas "criar", com um simples decreto — o Theatro Nacional, além de uma irrisão, é uma ingenuidade ridicula.

Theatro Nacional — não é coisa que se invente ou se improvise. O Brasil ainda não o tem, nem o terá tão cedo. As subvencões officiaes e os decretos do governo não têm a menor influencia nas altas manifestações estheticas dos povos. E' rematada tolice julgar que o Theatro Francez existe só porque o governo de Paris subvenciona a Opera, a Comedia e o Odeon. Elle existe porque encontra

IDOLOS DE BARRO . . .

Sou como o fumo de um cigarro fino :
 — Seduz-me a altura... sim! o espaço inteiro...
 Altivo como um nobre cavalleiro
 Que vence as malhas negras do destino...

Sou pobre e trovador desde menino,
 Mas sempre tive o olhar firme e altaneiro...
 Embala-me o vergalho do pampeiro
 Do meu orgulho de almo peregrino...

Se pernoito no amôr, não amanheço...
 As mulheres vencidas aborreço
 Porque todas me deixam mais tristonho...

Talvez eu seja assim tão desprendido,
 Porque nenhuma das que eu tenho tido
 Tem a finura da mulher que eu sonho...

Nilo Brüzzi.

para isso condições especiaes e indispensaveis, de ordem artistica e social, que nos faltam em absoluto. E' um processo simplorio e pueril esse de procurar resolver um problema tão complexo e difficil com a criação summaria de uma — companhia official. O Theatro Nacional não pode ser criado por decreto da Prefeitura. Até mesmo porque o que menos convem, no caso, é a intervenção official. Mirbeau dizia, com muita razão, que ao Estado, nessas questões de Arte, não se devia pedir nada. A participação do governo nessas coisas — é a victoria irremediavel da rotina, do funcionalismo, da mediocridade. A intervenção official empresta a todas as coisas um ar lamentavel de burocracia. E não ha nada mais execravel do que a burocracia artistica. O governo deve decerto auxiliar, estimular; mas nunca dirigir e superintender as instituições artisticas. A arte official é uma arte de funcionario publicos. Por isso é estulta veleidade acreditar que a iniciativa da Prefeitura poderá criar o — Theatro Nacional. Este não existe, nem ha Prefeitura que o invente. Mas não se deve ninguem admirar de ainda não termos — theatro. Não o temos, nem o poderemos ter tão cedo. O theatro é uma forma esthetica peculiar aos paizes de civilisação requintada. E' uma arte de decadencia. Não pode florescer nos povos de formação nova, incipiente e imperfeita. Requer muitos seculos de civilisação e sensibilidade, e nós possuímos apenas cem annos de assimila-

ção apressada e defeituosa. Gilberto Amado já demonstrou essa verdade com uma forte clareza e um grande brilho. E o que acontece com o Brasil succede com todos os paizes que se acham em condições identicas ás nossas. Perguntem se o Perú, o Chile, a Bolivia, ou a Argentina têm theatro. Não o têm. Não o podem ter, pelos mesmos motivos de ordem ethica e esthetica que militam contra a existencia do nosso — Theatro.

Deixemos, pois, de infantilidades ridiculas. O Theatro Nacional não é apenas uma questão de rotulo ou de dinheiro. E' um problema muito complexo e muito serio. A sua criação não depende da assignatura do prefeito, nem do auxilio do governo. Depende apenas de nós — da alma nacional, da intelligencia brasileira, do Brasil novo e forte, que pensa, que estuda, que trabalha. A tentativa do governo, porém, pode ser muito util e proveitosa. E' questão apenas de saber oriental-a num sentido pratico, intelligente e honesto. Em lugar de Theatro Nacional, faça o governo um — Theatro Popular. O titulo será mais modesto e mais verdadeiro, e a obra será util como factor de educação esthetica e formação mental da nossa gente. O Theatro Nacional, esse, só a alma nova da Patria, luminosa e grande, poderá criá-lo, mais tarde, mais tarde com a sua intelligencia e a sua cultura.

PEREGRINO JUNIOR.

ULTIMO OLHAR

A' claridade plumbéa d'um quarto de hospital Elle tomou entre as mãos brancas um retrato, e fitou-o longamente, enchendo-se delle como para uma despedida suprema.

Era uma figura de mulher, emergindo d'um sorriso alegre de vida. A custo, em seguida, os seus labios abotoaram um nome, que foi a ultima palavra, o derradeiro grito de seu peito estrangulado. Cerrou, depois, os olhos, uns olhos inundados de sonho.

Estava morto.

A scena breve, desdobrada na irradiação fugitiva d'uma madrugada, fechou para sempre um illuminado poema de amor.

Depois, sobre o corpo hirto e frio daquella aurora de vida, tombada aos vinte annos, clareou a luz mortíca de quatro cirios, cajas chammas, cabriolando no ar, faziam dansar estranhas figuras ao longo das paredes inteiramente nuas.

No ar embalsamado da noite, lá fóra, aos olhos solitarios das estrellas, vibrou o canto lugubre d'um gallo. Do nostalgico silencio da sala, como vindo de muito longe, parecia subir, errando em doridas plangencias, um nome de mulher.

Tantas vezes clamada em soluços de angustia, aquella voz dir-se-ia ter ficado ali, naquella canto de tristeza, como um lamentoso protesto d'uma dor estrangulada e sem éco, que se prostrasse de joelhos.

Aquella creatura que o envolveu, estonteante como um perfume, tornou-se-lhe fixa, com todos os desvarios d'uma paixão delirante.

Só á sua recordação, Elle sentia uma sonora vibração de esperanças. Tudo para Elle era o spectaculo perturbante daquelle corpo amado até ao paroxismo da loucura. Queria, portanto, vel-a ainda uma vez, para sentir a allucinação que lhe produzia sempre a pompa aromal daquelle radiante primavera de vida.

Elle agonisava, sentia-se morrer, mas desejava antes ouvil-a, como a uma musica suavissima, que faz esquecer... Dependia de tão pouco a sua felicidade, e Elle não conseguira ser feliz!

Um momento só, um doce instante de convivio querido, e depois Ella que fosse á vida, que fosse para a felicidade ou para a tristeza de outro affecto. Deixasse-o ao menos morrer dentro do carcere bemdito de seu sonho, na illusão de ser amado. Que aquella mentira o envolvesse na morte como o acorrentára á vida...

A's vezes do delirio da febre Elle seguia o vôo azul de seus sonhos. Então, como naquella tarde distante, ao perfume das madre-silvas em flor, sentia desdobrar, sereno, o panorama branco de seus primeiros encontros, das primeiras palavras trocadas.

Era a onda impetuosa de suas recordações que rebenitava, arrazando-lhe o coração.

Vinha-lhe uma saudade immensa e sem remedio de todo aquelle tempo, que Elle não podia fazer voltar... Ella saia do collegio. Elle esperava-a á esquina, e juntos desciam a rua, enlevados, a trocarem as mesmas promessas de amor, cada dia repetidas.

Tudo isso passava num galôpe de fuga.

Essas scenas d'um lyrismo tocante reproduziram-se por dias, mezes, sem que elles se dessem conta. São sempre assim as horas de felicidade. Só depois que passam é que as sentimos, e nos vem, então, a tristeza irremediavel de não as havermos vivido com mais arrebatado ardor.

Subito Elle adocece, e do seu leito de dor, num hospital, entre gemidos pungentes, chama-a, supplica-lhe uma visita. Quer ver-lhe os olhos, d'uma belleza biblica, quer sentir-lhe a bocca, onde ha frescuras de regato.

E ella não vem!

Extenuado, Elle fita-lhe ainda o retrato e tomba morto, sobre o valle branco dos lençóis, acreditando talvez naquella que lhe negou o ultimo beijo, o suavissimo beijo da despedida.

E' assim o amor!

RAMIRO GONÇALVES.

Os Editores...

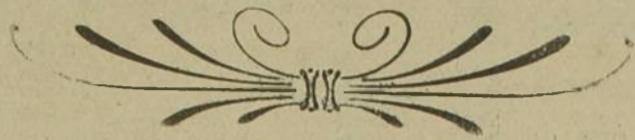
HA, aqui, como em muitas outras partes, uma casta de gente que, mais do que outra qualquer vive de explorar os que ainda se atrevem a publicar livros neste paiz admiravel e tão fertil em surpresas. São os editores, os cavalheiros que, com ares bem mansinhos, vão chegando a faca ao peito dos nossos homens de letras... Nem todos, convenhamos; mas tão poucos são os que não exploram, tão raros, rarissimos, são estes, que por um triz os não exceptuámos da lista enorme dos polvos de mil tentaculos, para quem não basta o lucro razoavel e que só se satisfazem, e mal, com tudo e mais alguma cousa...

Nestes tempos velozes, principalmente, em que forçoso é reconhecer tudo encareceu e promete não reter a marcha assustadora para a alta abuziva, editar livros, sejam de prosa ou sejam de verso, equivale a uma africa... para o autor, taes e tantos os obstaculos que o pobre diabo tem de vencer se em verdade faz questão de ver a sua obra nas montras de livrarias. E como neste incrível paiz de foot-ball e elegancias desimportantes, só lê e só produz quem não tem dinheiro... imagine-se a via dolorosa dos idealistas, que preferem ser obscuros no meio dos seus livros, a se notabilizarem nas pugnas desportivas...

Não nos desviemos, entanto, dos amaveis senhores editores... Nem todos representam o perigo ou a exploração. A regra geral tem a sua excepção... excepção que conforta, porque vem demonstrar que nem tudo se acha perdido entre nós: Sempre se salva alguma cousa no sossobro da honestidade. E tanto assim é, que, daqui deste canto, queremos enviar os nossos sinceros applausos a esse moço bem intencionado, que é o sr. Francisco Schettino, o editor amigo dos jovens homens de letras brasileiros, que, não poupando sacrificios, muito já tem feito e continuará a fazer a prol dos sonhadores, que um dia, scismaram que um livro só pode fazer bem ao espirito dos que lêem, ao renome da patria, aos editores, e a elles proprios...

Fique, pois, consignada, nesta nota ligeira, a nossa solidariedade a esse nobre candidato a Mécenas brasileiro.

ARVORE NOVA



LIVRARIA SCHETTINO

A PUBLICAR BREVEMENTE:

O Sol dos Mortos, estudos criticos de Agrippino Grieco.

Feiras e mafuás, contos de Lima Barreto.

Veio de Ouro, trechos e locuções de classicos portuguezes colligidos pelo festejado escriptor Coelho Cavalcanti.

Estudos de Portugal, do Professor Assis Cintra.

Mulheres do Proximo, contos de Mario Hora.

Rua Sachet, 18 — sobrado
RIO DE JANEIRO

NOVIDADES LITERARIAS

De Silveira Netto:
Ronda Crepuscular
POEMAS
(Edição do "Anuario do Brasil")

De Andrade Muricy:
O suave convivio
ENSAIOS
(Edição do "Anuario do Brasil")

De Tasso da Silveira:
A Igreja silenciosa
ENSAIOS
(Edição do "Anuario do Brasil")

A alma heroica dos homens
POEMAS
(Edição da Empreza Editora "Arvore Nova")

De Tasso da Silveira e Andrade Muricy:
Anthologia brasileira
de poetas e prosadores contemporaneos

CASA MOSCIARO

Alfaiataria Civil e Militar

Ternos sob medida a Dinheiro e a Prazo, confeccionados com todo o capricho no rigor da moda e com tecidos superiores.

Jorge Mosciaro
TELEPHONE CENTRAL 2249
6, Rua da Misericordia, n. 6,
RIO DE JANEIRO

MANICURE

Mme. Annita

Rua da Assembléa, 65
Telephone C. 5038
RIO DE JANEIRO

Alta Costura

Mme. Hélène Thirouin

Rua dos Ourives, 37
1º Andar
Telephone: Norte 4172

ANNUNCIATO—PHOTO

Teleph. 3520 Central

Executa-se com perfeição todo e qualquer trabalho photographico. Attende a chamados a domicilio.

Rua Gonçalves Dias, 30-2º andar
RIO DE JANEIRO

SERRARIA A VAPOR

Pinho de Riga, branco, sueco, canella, cedro, peroba, serrados e aparelhados ou em grosso, e vigamentos de lei.

TRATAM SE ESQUADRIAS

Telha Franceza e Nacional, Cimento, Cal de todas as qualidades, Ladrilhos nacionaes e estrangeiros, e outros artigos de construcção.

Luzes, Souza & C.

Rua Senador Pompeu, 46 a 58

ESCRITORIO: Telephone Norte 6672

SERRARIA: Telephone Norte 2111

Filial: RUA DA MISERICORDIA, 35

Telephone Central 2838

RIO DE JANEIRO

Moreira, Braga & C°

Importadores

Accessorios em Geral para Automoveis
Pneumaticos e Camaras de ar
Depositarios das Tintas e Vernizes de C. A. Willey Cy.



Phones: Central: 4158 e 4196

30, Rua Rodrigo Silva, 32

RIO DE JANEIRO

Meanda Curty & Co.

ENGENHEIROS E EMPREITEIROS
Especialistas em Cimento Armado

Construcção geral de edificios.
Obras de Saneamento, Portos e Canaes.
Estradas de Ferro

DEPARTAMENTO COMMERCIAL E
SECCÃO D'ARCHITECTURA

S. JOSE', 78

1.º e 2.º Andares

Officinas de: CARPINTARIA, MAR-
CENARIA, SERRALHERIA E
DEPOSITO DE MATERIAES

FREI CANECA, 450

TELEPHONES

ESCRITORIOS: Central 4426

OFFICINAS: Villa 5597

RIO DE JANEIRO

Estaleiros e Officinas

de Construcções Navaes

Vicente dos Santos Caneco & Cia.

152 a 182, PRAIA DO RETIRO SAUDOSO, 205 a 211

- CAJU' -

Telephone 626 - End. Teleg. "NECO"

RIO DE JANEIRO

RIBEIRO SALGADO & CIA.

Commissarios

Café, Manteigas, Queijos e mais generos do Paiz

Consignações e Conta Propria

65, Rua dos Ourives, 65

TELEPHONE NORTE 1853

Caixa Postal 1424 - End. Teleg. "RISALDO"

RIO DE JANEIRO

CASA SAVEIRA

Grandes Armazens de Alcool e Aguardente
CERVEJARIA GLORIA — Fundada em 1840

Oscar Vieira & Cia.

Fabrica de Vinagre e bebidas hydro-alcoolicas

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

RUA PEDRO AMERICO, 21 a 27 — Teleph. B. M. 2314

Endereço Telegrafico: JAPÃO

RIO DE JANEIRO

TOSSE

das creanças, tosse dos moços,
tosse dos velhos, qualquer tosse,
qualquer doença do peito, como
bronchite, asthma, coque-
luce — curam-se com o

BROMIL

J. B. ALVES & C^o

Matriz: RIO DE JANEIRO

Filial: BERLIM

Agencias em todos os Estados do Brasil. Engenharia — Importação Representação de
Fabricas Allemãs — Instalações completas de Fabricas de Calçados.

Especialidade em Cosinhas á vapor para grandes hotéis, casas de saúde, asilos, vapores etc., assim como
tambem Lavanderias a vapor, simultaneamente installadas ou em separado.

Machinas para padarias, laboratorios, e para qualquer outra industria. Acidos para a industria frigorifica
Azulejos, Ampollas de vidro neutro e conta-gotas K.F.

Unicos importadores em todo Brasil do afamado ar do-motor allemão "HALLENSIA", distinguido com o
primeiro premio na Exposição de Agricultura de Magdeburgo.

RUA BUENOS AYRES 47 — CAIXA POSTAL 743

ENDEREÇO TELEGRAPHICO GERAL: JOBALVES

CODIGOS: Mascotte — ABC 5^a ed. Rudolf Mosse — Galland Ingenieur Code.

